

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

MAYARA ROBERTA MARTINS

**PROJETOS DE VIDA DE JOVENS RURAIS: O CASO DO ROTEIRO AGROTURÍSTICO
"ACOLHIDA NA COLÔNIA" EM SANTA ROSA DE LIMA - SC**

Porto Alegre

2013

MAYARA ROBERTA MARTINS

**PROJETOS DE VIDA DE JOVENS RURAIS: O CASO DO ROTEIRO AGROTURÍSTICO
"ACOLHIDA NA COLÔNIA" EM SANTA ROSA DE LIMA - SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof.Dr. Marcelino de Souza

Série PGDR – Dissertação nº 163

Porto Alegre

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Martins, Mayara Roberta
PROJETOS DE VIDA DE JOVENS RURAIS: O CASO DO
ROTEIRO AGROTURÍSTICO "ACOLHIDA NA COLÔNIA" EM SANTA
ROSA DE LIMA - SC / Mayara Roberta Martins. -- 2013.
133 f.

Orientador: Marcelino de Souza.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,
Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Projetos de vida. 2. Agroturismo. 3. Jovens
rurais. 4. Desenvolvimento rural. I. Souza,
Marcelino de, orient. II. Título.

MAYARA ROBERTA MARTINS

**PROJETOS DE VIDA DE JOVENS RURAIS: O CASO DO ROTEIRO AGROTURÍSTICO
"ACOLHIDA NA COLÔNIA" EM SANTA ROSA DE LIMA - SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 28 de março de 2013.

Prof. Dr. Marcelino de Souza – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Fábio de Lima Beck - Examinador
UFRGS

Profa. Dra. Karina Toledo Solha - Examinador
USP

Prof. Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin - Examinador
UFSM

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, fonte de força, dedicação e ajuda. Ao meu pai, pelo carinho e incentivo. À minha querida mãe e também à minha madrinha, pela torcida, colaboração e cuidado. À minha querida irmã, da qual muito me orgulho, que segue meu exemplo ao escolher o turismo como profissão. À minha cidade natal, Presidente Epitácio/SP.

À UFSCar (Sorocaba), instituição na qual me formei Bacharel em Turismo, aos professores que tanto me inspiraram, aos amigos e colegas das primeiras turmas de Sorocaba (Biólogos, Engenheiros de Produção e Turismólogos), agradeço por cada palavra de incentivo em trabalhos, viagens, festas e parcerias diversas.

À Professora Beatriz Veroneze Stigliano, exemplo de dedicação como turismóloga e pesquisadora em turismo, agradeço pela postura e estímulos na defesa pela qualidade em prol de um turismo mais responsável.

À Professora Viviane Melo Mendonça, pela apresentação da importância de estudar os temas ligados à juventude rural e inserção neste importante tema de pesquisa.

À Professora Célia Futemma, por oferecer a minha primeira oportunidade como pesquisadora e por acreditar no potencial dos estudos sobre o turismo em comunidades locais.

À Professora Anita Brumer, que gentilmente dialogou sobre caminhos de análise para compreensão dos jovens rurais e de seus diferentes contextos.

Em especial, agradeço a Rosângela Calado da Costa, a Fabiana Thomé da Cruz, Andressa Ramos Teixeira e Tânia Candotti por lerem versões deste trabalho. Gratidão pelo incentivo, carinho e amizade.

Agradeço a todos os amigos e professores que têm me acompanhado, estando perto ou longe. Ressalto aqui a citação de seus nomes, desculpando-me caso tenha esquecido alguém: Thais Rosa, Beatris Rosa, Dedinha Nancassa, Vanessa Andreazza, José Eduardo Viglio, Luziana Garuana, Juliana Caetano, Isabela Dantas, Sarah Vargas, Isabela Frederico, Poliana Bassi, Tanice Andreatta, Andressa Ramos Teixeira, Daniel Centeno, Carlise Schneider, Maria Hele Barbosa, Alissandra Nazareth, Thiago Allis, Zysman Neiman e Andrea Rabinovici.

Em especial, meu reconhecimento a querida Aline Moraes e família (Larissa Moraes, Rodrigo Moraes e Zilá Moraes). Não tenho palavras para agradecer o

abrigo, a acolhida carinhosa, a ajuda nas correções de projetos e na revisão deste trabalho. E também, pela compreensão, incentivo e conversas que inspiraram a realização do trabalho de campo e reforçaram a escolha pelo turismo como área de atuação profissional. Gratidão por tudo!!!

Às amigas-irmãs Patrícia Cruz, Renata Aguilar, Loyvana Perucchi e Eloise Mudo, agradeço pela ternura e trocas mútuas durante todo o período de mestrado.

Aos amigos de outras pós-graduações da UFRGS, os queridos: John Max, Will Gustavo, Rubens Di Barca e Cicero Escobar, pelas conversas afáveis, que constituíram elos significativos de amizade e reciprocidade.

A todos os colegas da turma de 2011 de mestrado e doutorado em Desenvolvimento Rural, em especial, para Alessandra Matte, Dan Gabriel D'Onofre Ana Paula Matei, Douglas Oliveira, Heitor Kirsch, Daniele Wagner e Olinda Bastos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), a todo o corpo docente, técnicos e funcionários, pela oportunidade de aprender mais sobre o desenvolvimento rural através do carinho e da afeição.

Aos professores Marcelo Conterato e Sergio Schneider, agradeço pela oportunidade de conhecer e aprender sobre o desenvolvimento das pesquisas com enfoque na Agricultura Familiar, especialmente, na compreensão dos processos sociais e históricos no Rio Grande do Sul.

Ao Professor Egon Roque Fröhlich, que carinhosamente me encaminhou nos rumos da preparação do projeto e pelos caminhos metodológicos: a esse grande mestre, todo o carinho.

Aos Professores Fábio de Lima Beck, Susana Cardoso e Fernanda Bastos de Mello, agradeço pela ajuda, apoio e colaboração por ocasião do início da docência como tutora a distância do PLAGEDER, fatores que contribuíram para o êxito desse trabalho de pesquisa.

A toda equipe do Plageder, coordenação e equipe técnica, pela oportunidade de ser tutora a distância. O despertar para a docência foi fundamental também no desempenho como pesquisadora iniciante. Agradeço aos alunos e professores, os quais me oportunizaram experiências que guardarei com muito carinho. Em especial, agradeço aos Polos de Três de Maio, Três Passos e Picada Café.

Agradeço à coordenação do PGDR, representada pelo Prof. Jalcione Almeida, e também a toda a equipe técnica e de secretaria: Eliane Sanguiné, Tânia

Cruz, Jorge Silveira, Danielle Finamor, Marilene Moraes dos Santos, Marlene Sirio e Karla Raymundo, pelo acolhimento e trabalho em equipe.

Em especial, destaco a cidade de Santa Rosa de Lima/SC pela hospitalidade junto às famílias de agricultores e aos jovens entrevistados. Grata por todo o auxílio da Associação “Acolhida na Colônia” no trabalho de campo e inserção junto à comunidade. Muito Obrigado!

Ao meu orientador, Marcelino de Souza, por ter aceitado a orientação deste trabalho.

Agradeço a Capes, pela concessão da bolsa de estudos que possibilitou a permanência e a dedicação exclusiva ao presente programa de pós-graduação PGDR em Porto Alegre/RS.

Anima

Milton Nascimento

Lapidar
Minha procura toda
Trama lapidar
O que o coração
Com toda inspiração
Achou de nomear
Gritando alma

Recriar
Cada momento belo
Já vivido e mais
Atravessar fronteiras
No amanhecer
E ao entardecer
Olhar com calma, então

Alma vai
Além de tudo
Que o nosso mundo
Ousa perceber

Casa cheia de coragem
Vida
Tira a mancha que há no meu ser

Te quero ver
Te quero ser

Alma

Te quero ser

Alma

Viajar
Nessa procura toda
De me lapidar

RESUMO

Os estudos voltados para a juventude rural dão ênfase aos processos de sucessão rural, ao êxodo rural e à diminuição da mão de obra no campo. As possibilidades de os jovens permanecerem no meio rural, têm motivado análises sobre seus projetos de vida, uma vez que a juventude rural está inserida em um contexto de desenvolvimento que permite um estudo retrospectivo e prospectivo quanto a motivações, habilidades e tipo de atuação a ser escolhida – agrícola ou não agrícola. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo investigar as influências do agroturismo nos projetos de vida dos jovens rurais, reunindo aspectos ligados às motivações, às expectativas futuras dos jovens rurais do roteiro turístico “Acolhida na Colônia”, em Santa Rosa de Lima - SC. Como metodologia, foi utilizada a abordagem qualitativa com uma amostra intencional não probabilística por meio da coleta de 14 entrevistas semiestruturadas, a partir da autoidentificação dos entrevistados como jovem. De forma complementar, realizaram-se também entrevistas semiestruturadas com 10 informantes-chave, entre eles, chefes de família e integrantes da Associação de Agroturismo “Acolhida na Colônia”. As entrevistas, especialmente as dos jovens, foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados permitem tecer considerações quanto às identificações dos jovens rurais com relação ao seu local, comunidade e o agroturismo. As parcerias entre as entidades voltadas a práticas “alternativas de desenvolvimento”, com base em princípios da agroecologia e agroturismo, colaboram mutuamente e são almejadas como atuações por alguns dos jovens entrevistados. Além disso, as condições de acesso à educação, internet, cursos e capacitações dão aos jovens entrevistados perspectivas para permanecerem no campo, já que suas habilidades poderão ser voltadas à localidade. Ressaltando-se o aspecto profissional nos projetos de vida dos jovens, observa-se a existência de estímulos empreendedores atribuídos a um centro com foco na pedagogia de alternância dedicado à proposição de projetos de diversificação das propriedades das famílias desses jovens. Desse modo, a juventude de Santa Rosa de Lima é dinamizada por seu envolvimento em atividades de entidades, o que potencializa a sua permanência no campo.

Palavras-Chave: Projetos de vida. Agroturismo. Jovens rurais. Desenvolvimento rural.

ABSTRACT

The studies dealing with on rural youth emphasize the processes of rural succession rural depopulation and reduction of manpower in the field. The possibilities of rural youth remain in the rural milieu, originated analyses concerning their life projects, since the rural youth is embedded within the context of development and their projects of life cut across by retrospective and prospective concern in terms of motivations, skills and the type of action to choose from being - agricultural and non-agricultural activities. In this sense, this research aimed to investigate the influence of agritourism in the projects of life of rural youth, thus combining aspects related motivations, expectations of the future rural youth project known as "Acolhida na Colônia" in Santa Rosa de Lima - SC. The methodology used was a qualitative approach and a non-probability intentional sample through the collection of 14 semi-structured interviews, from the self-identification of respondents as being young. Complementarily also were held semi-structured interviews with 10 key informants, including heads of families and members of the Association Agrotourism "Acolhida na Colônia". As the interviews, mostly the youth, we used the content analysis. The results allow some considerations regarding the identifications of rural youth in relation to its local community and agrotourism. The partnerships between institutions aimed at practical "alternative development", based on principles of agroecology and agrotourism, and are mutually cooperative as performances by some of the young people interviewed. Moreover, the conditions of access to education, internet, and training courses offer interviewed young people prospects to remain in the field, as their skills may be directed to the rural setting. Emphasizing the professional aspect of life in the projects of young people, there is the existence of entrepreneurs stimuli assigned to a center with a focus on pedagogy educative system dedicated to the proposition of diversification projects of the properties of the families of these young people. Thus, the youth of Santa Rosa de Lima is more dynamic by their involvement in activities of entities, which enhances their stay in the field.

Keywords: Life project. Agrotourism. Rural youth. Rural development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistema de integração ao empreendedorismo jovem	43
Figura 2 - Mapa do município de Santa Rosa de Lima em relação ao Estado de Santa Catarina	48
Figura 3 - Hospedagem e alimentação em uma pousada do roteiro “Acolhida na Colônia”	63
Figura 4 - Área central de Santa Rosa de Lima	72
Figura 5 - Desfile cívico do 50º aniversário de Santa Rosa de Lima.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Local de nascimento dos jovens entrevistados	71
Tabela 2 - Grupo étnico dos jovens entrevistados	70
Tabela 3 - Estado civil dos jovens participantes do roteiro.....	76
Tabela 4 - Nível de escolaridade dos jovens pesquisados.....	78
Tabela 5 - Ocupações/profissões dos entrevistados.....	79
Tabela 6 - Objetivos de vida dos jovens entrevistados	104

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A JUVENTUDE RURAL, OS PROJETOS DE VIDA E O AGROTURISMO: TEMAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL.....	18
2.1	Os jovens rurais: identidades e ressignificações como categoria social	18
2.2	Os projetos de vida: uma noção para a juventude rural e o agroturismo	30
2.3	O turismo e as oportunidades no meio rural	34
2.3.1	A estratégia do turismo de base comunitária (TBC)	37
2.4	A opção pelo agroturismo e o despertar para as práticas empreendedoras.....	39
3	O CONTEXTO E OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA.....	46
3.1	Seleção da área de estudo	46
3.2	Localização e breve histórico de Santa Rosa de Lima/SC	47
3.3	A construção dos aspectos metodológicos	50
3.4	A opção pelo estudo de caso	54
3.5	O desenvolvimento da pesquisa qualitativa	55
3.5.1	Trabalho de campo	55
3.6	Instrumentos e técnicas em pesquisa qualitativa	56
3.6.1	Entrevistas semiestruturadas	56
3.7	Sistematização dos dados qualitativos.....	58
3.7.1	Análise de conteúdo	59
3.7.2	Notas de campo e observação simples.....	60
4	RESULTADOS ALCANÇADOS: A MOTIVAÇÃO E A ATUAÇÃO DOS JOVENS NO ROTEIRO AGROTURÍSTICO “ACOLHIDA NA COLÔNIA” .	62
4.1	O cenário favorável do agroturismo em Santa Rosa de Lima.....	62
4.2	Identificação dos jovens rurais e influências do agroturismo em suas escolhas profissionais	71
4.3	Motivações dos jovens para permanecer no meio rural.....	82

4.4	Incentivos à educação empreendedora	87
4.5	Estímulos às habilidades: a busca por oportunidades de estudo e o acesso à internet	94
4.6	Objetivos dos jovens: expectativas voltadas à integração da educação, da agroecologia e do agroturismo	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA: INFORMANTES-CHAVE (PAIS).....	124
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE PESQUISA: INFORMANTES-CHAVE (ENTIDADE).....	126
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA: JOVENS RURAIS	127
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	129
	APÊNDICE E – SÍNTESE TEMÁTICA: ATUAÇÃO E MOTIVAÇÕES PARA O AGROTURISMO.....	130
	APÊNDICE F – SÍNTESE TEMÁTICA: HABILIDADES E EXPECTATIVAS	132
	APÊNDICE G – SÍNTESE TEMÁTICA: OBJETIVOS DE VIDA E PROJEÇÕES	134

1 INTRODUÇÃO

[...] o projeto é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade e é, também, o momento que funde num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado, esperado (SOARES, 2002, p.76).

Dentre as questões que permeiam o desenvolvimento de espaços rurais, destaca-se o esvaziamento populacional, ocasionado, sobretudo, pela saída de jovens que vão para a cidade estudar ou buscar melhores oportunidades de emprego e que acabam não regressando (SPANVELLO, 2003, 2008). Em contraponto a essa realidade, a atividade turística no espaço rural, diante de um movimento de transformação do campo, vem emergindo como uma alternativa, acredita-se, capaz de ajudar a controlar esse êxodo, ao empregar novas funções ao campo, as quais, por vezes demandam outras relações sociais e de condições de trabalho (SAMPAIO, 2005).

Fundamentado nesse contexto, o presente trabalho analisou a juventude rural engajada em projetos de agroturismo como estratégia capaz de auxiliar na dinâmica do desenvolvimento rural. A atenção ao vínculo entre esses temas colabora nas discussões sobre estratégias de diversificação de atividades rurais, sobretudo, como forma de estimular a permanência dos jovens no campo.

O interesse pela união dos temas turismo e juventude foi consolidado desde o início da trajetória acadêmica. Os temas aqui apresentados seguem uma sequência de pesquisas cujo desafio é acompanhar as rápidas mudanças nas quais pequenas comunidades rurais estão inseridas.

A presente dissertação enfatiza as influências dos jovens rurais na organização e dinâmica do roteiro agroturístico, sobretudo com relação a seus projetos de vida, os quais poderão privilegiar - ou não - sua permanência no meio rural.

Carneiro (1998) enfatiza, em suas análises, que esses jovens, por muito tempo, ficaram despercebidos por parte do meio acadêmico, sobretudo no que diz respeito a suas reais necessidades de permanência no meio rural ou a fatores que a determinam. Além disso, para Pais (1993) e Abramovay *et al* (1998), a juventude rural é marcada por instabilidades e incertezas relacionadas ao universo urbano, como a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, a necessidade de migração

para cidades, situações envolvendo escolaridade e outros temas que já têm merecido a atenção de pesquisadores.

A discussão sobre juventude rural também inclui o importante papel social desempenhado por esses jovens dentro de suas unidades familiares e das localidades em que constituem seus laços sociais, econômicos e afetivos, que determinará os fatores que garantirão a qualidade de vida no meio rural.

Para discutir o tema da juventude por meio do agroturismo, o estudo de caso escolhido foi o do roteiro conhecido como “Acolhida na Colônia”. Iniciado em 1999 na cidade de Santa Rosa de Lima – SC, este foi expandido como estratégia de desenvolvimento territorial para outros municípios próximos e outras regionais, sendo considerado, desde 2007, como destino referência de Turismo Rural pelo Ministério do Turismo (MTur).

A finalidade é saber não só se os jovens incorporam as atividades turísticas em seus projetos de vida como também se, de algum modo, alcançam oportunidades de escolhas, sociabilidades, possibilidades de emprego e renda. Assim, esperamos que os temas aqui em debate – juventude e agroturismo – lancem luzes sobre as condições em que esses jovens estão inseridos na estruturação do agroturismo em suas localidades.

Tendo em vista esse contexto, a problemática central deste trabalho buscou responder à seguinte pergunta-chave: O Agroturismo, como uma atividade não agrícola, é almejado pelos jovens rurais como uma atuação profissional em seus projetos de vida?

Para responder a essa problemática, os temas de juventude rural e agroturismo foram elencados sob a perspectiva dos projetos de vida, para possibilitar a compreensão dos processos vivenciados por jovens rurais participantes de roteiros de turismo em áreas rurais. Foi selecionado, para este estudo de caso, o roteiro, já mencionado, que também se enquadra na estratégia de Turismo de Base Comunitária (TBC).

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar as influências do agroturismo nos projetos de vida dos jovens rurais, reunindo aspectos ligados às motivações, às expectativas futuras dos jovens rurais do projeto “Acolhida na Colônia” em Santa Rosa de Lima/SC.

Os objetivos específicos foram os seguintes:

- a) identificar a atuação dos jovens na atividade turística na unidade familiar e/ou no roteiro turístico;
- b) averiguar as motivações que estimulam esses jovens a atuar na atividade turística no local;
- c) verificar as habilidades adquiridas pelos jovens para a realização da atividade turística, bem como as tendências e os interesses individuais em torno do turismo;
- d) analisar as expectativas dos jovens em relação à própria permanência no desenvolvimento da atividade de agroturismo e na área rural.

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco seções, incluindo esta introdução. A seção enumerada por 2 apresenta o referencial teórico acerca dos jovens no contexto do desenvolvimento rural a partir da noção de projetos de vida rurais e das tipologias do turismo, ressaltando a escolha pela utilização da tipologia agroturismo. Na seção 3, primeiramente, faz-se uma contextualização da área de estudo e caminhos metodológicos percorridos nesta pesquisa. Na sequência, seção enumerada como 4 apresenta os resultados alcançados, sobretudo no que se refere à identificação dos jovens quanto às opções profissionais e quanto aos aspectos culturais e locais onde estão inseridos. Além disso, não só são ressaltadas as motivações e a atuação dos jovens nas atividades que consolidam o agroturismo como também estão inseridos os resultados com relação às habilidades, às expectativas e aos objetivos de vida dos jovens envolvendo as temáticas de educação, do agroturismo e dos estímulos empreendedores. Por fim, em considerações finais, seção 5, são retomados os objetivos propostos inicialmente e realizadas ponderações sobre os aspectos mais importantes em consideração aos projetos de vida dos jovens rurais junto ao agroturismo.

2 A JUVENTUDE RURAL, OS PROJETOS DE VIDA E O AGROTURISMO: TEMAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL

Nesta seção, abre-se a discussão sobre os temas centrais do referencial teórico - jovens rurais, turismo e o desenvolvimento rural -, no intuito de estabelecer as análises necessárias para a compreensão do assunto. Para isso, inicia-se a discussão conceituando as identidades dos jovens, os projetos de vida e o agroturismo. Dessa forma, a consolidação de roteiros turísticos no contexto da agricultura familiar é evidenciada como uma das estratégias “possíveis” ao desenvolvimento rural, a depender de algumas configurações, oportunidades e características do contexto estudado.

2.1 Os jovens rurais: identidades e ressignificações como categoria social

Voltando este estudo à temática da juventude rural e dos processos em que esses jovens estão envolvidos, principalmente, quanto à permanência ou saída do campo, enfoca-se aqui seu esforço de compreensão enquanto categoria de análise, sobretudo por meio da sociologia da juventude. Sendo assim, a temática juventude, ou jovem, apresenta uma tendência de crescimento na produção bibliográfica, especialmente nos espaços urbanos, concentrando-se estudos na área da sociologia da juventude. Houve uma maior incidência de estudos e discussões a partir do início do século XX. No entanto, obteve-se uma maior regularidade de produção acadêmica nas décadas de 1960 a 1990. Nesse período, o tema da juventude rural começou a ganhar destaque, porém em menor proporção em relação à que era dada ao grande tema da juventude (DUBET, 1991; STROPASOLAS, 2002).

De acordo com Bordieu (1983), há diferentes tipos de juventude - e não uma única. Na sociedade contemporânea, a juventude apresenta diferentes tribos e diferentes estilos, formas de organização diferenciadas e interesses múltiplos. O mesmo autor enfatiza que, na maioria das vezes, a juventude é organizada (ou agrupada) pelos adultos, sendo, portanto, instituída por meio de clubes, partidos políticos, sindicatos e/ou até mesmo por meio de grupos religiosos. Por outro lado, ainda existem aqueles grupos que são originados pelos próprios jovens, que se sentem identificados por algum tipo de atividade esportiva, cultural ou científica.

Para Carrano (2000), o “jovem” poderia ser resumido por sua heterogeneidade na atual realidade. Assim, essa categoria social, caracterizada por uma indefinição quanto ao que é considerado ser, de fato, jovem, deve ser estudada com base no contexto de superação dos limites de idade e dos dilemas sobre a entrada no mercado de trabalho bem como quanto a seu posicionamento diante da vida.

Além disso, a juventude provoca mudanças nos âmbitos culturais e produz constantes interferências, principalmente no campo da comunicação. Isso pode ser evidenciado por meio da linguagem musical, expressões artísticas, ações na atmosfera política, esportiva, moda e comportamento. Ainda, conforme o autor citado acima, os jovens respondem a certas “[...] doutrinas e às formulas, que se voltam para as promessas de um futuro melhor. O foco é colocado muito mais na brevidade e emergência do tempo [...]. A juventude grita/canta/dança que o futuro é agora!” (CARRANO, 2003, p. 134).

Constantemente, têm sido atribuídas a essa categoria analítica, “jovem”, questões que envolvem problemas psicossociais. No entanto, os jovens também são agentes da transformação social, com características e atitudes favorecidas pela fase de transição da adolescência à adultez¹ (WEISHEIMER, 2004; SILVA, 2004).

Em síntese, o jovem é compreendido como um importante ator social² e, portanto, ações voltadas às políticas públicas começam a ser direcionadas a essa categoria:

De fato a juventude é trabalhadora, estudiosa, solidária, idealista e busca de forma orgânica ou inorgânica, na criatividade das diversas tribos, saltar o

¹ Conforme Teixeira (2001) adultez pode ser entendida como um modelo de transição para a identificação da fase adulta, a partir do alcance de uma dada estabilidade por parte do jovem. Envolve basicamente a tríade da busca pela estabilidade – profissional financeira e familiar. As mudanças sociais ocorridas de forma mais acentuada a partir dos anos 90 ressaltaram as necessidades de estudo sobre esse período, sobretudo, com o advento das mudanças sociais, mudanças no padrão familiar e nos diferentes estágios matrimoniais (ou seja, que podem adiar ou adiantar o casamento), mudanças profissionais e dificuldade em obter emprego estável, prolongamento dos anos de estudo e acesso à educação, lazer e consumo.

² Para fins de definição da categoria “atores sociais”, adotamos a noção de Schneider e Gazolla (2011, p.12), que consideram que: “Os atores sociais assim referidos e estudados podem ser desde agricultores individuais, grupos ou coletivos sociais. Ser ator não é atributo inerente, mas uma condição social que se conquista por meio de relações e interações sociais à medida que os indivíduos ou grupos adquirem e/ou constroem agência, que consiste no desenvolvimento e mobilização de recursos, capacidades e formulação de estratégias que permitem “fazer diferente” em face de situações contingentes e estruturais.

abismo existente entre a realidade social e os direitos consagrados na Constituição; entre os valores proclamados pela sociedade e a prática que os nega; entre as carências do presente e as infinitas possibilidades da vida pela frente; entre a precariedade das condições de subsistência e a miragem das prateleiras da sociedade de consumo abarrotadas de produtos inacessíveis; enfim, entre o sonho e a realização (BARRIENTOS-PARRA, 2004, p. 133).

Os rumos das(s) juventude(s) vêm sendo discutidos por alguns órgãos governamentais e agências nacionais e internacionais que tentam, de todo modo, instituir um limiar, ou seja, uma faixa etária específica que delimite a juventude, justamente, para promover ações e políticas públicas favoráveis a essa condição de transitoriedade entre a infância e a adultez.

De acordo com Barrientos-Parra (2004), houve uma tentativa de definição de uma faixa etária para as pessoas jovens compreendendo a idade entre 15 a 24 anos. Essa diretriz foi dada durante uma Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 1985, tem sido considerado esse o Ano Internacional da Juventude. Essa delimitação foi importante para a instituição e outras agências para fins de pesquisas estatísticas que caracterizassem melhor as demandas dessa categoria. Depois, a mesma assembleia colocou em vigência, no ano de 2000, o Programa Mundial de Ação para a Juventude, reafirmando a definição dessa delimitação de idade.

Entretanto, outras agências também instituíram suas faixas etárias para a juventude. A Organização Mundial de Saúde (OMS), por exemplo, procurou definir os indivíduos como jovens, delimitando-os numa faixa etária que iria dos 10 até os 19 anos de idade. Já para a Organização Internacional da Juventude (OIJ), a juventude deveria se estender quase até os 30 anos.

Mediante as transformações nos últimos anos, sobretudo com o aumento dos anos, sobretudo com o aumento dos anos de estudo pelos mais jovens, a OIJ instituiu a faixa que vai dos 10 aos 29 anos para demarcar o período a ser considerado como juventude. Essa faixa, assim delimitada, permite a ampliação da amostra de jovens. Abramovay *et al.* (1998) trata desse assunto em ampla pesquisa sobre juventude rural e agricultura familiar no oeste de Santa Catarina. No Brasil, há ainda as definições proferidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) com a faixa etária dos jovens compreendida entre 12 e 18 anos de idade. E, para fins estatísticos e de dados populacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) define a categoria juventude como aquela que é mensurada entre 15 a 24 anos de idade (WEISHEIMER, 2004).

De acordo com Pais (1990), nos últimos anos, verifica-se uma tendência ao alargamento dessa faixa etária por conta das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que interferem na constituição dessa fase de vida. Diante disso, esse autor propõe que as análises a respeito da juventude atenham-se a dois eixos: o que determina uma fase de vida delimitada por uma faixa etária e outro, que leva em consideração a autoidentificação como jovem.

Concordando com Bourdieu (1983), a divisão apenas pelo fator idade é socialmente manipulável e arbitrária. Logo, para esta pesquisa, optou-se pelo segundo eixo, com o intuito de ampliar a análise interpretativa sobre a caracterização da juventude. Complementando isso, Peralva (1997) compreende os estudos da juventude como um período de transformações, ou seja, analisa o “jovem” como modelo cultural, sendo esse inserido, por tanto, num conjunto de valores, crenças, interações (individuais e coletivas), sobretudo a partir das similaridades e diferenças que constituem os jovens como uma categoria social.

De tal modo, o jovem, independente de seu grupo (ou subgrupo), sente-se pressionado a assumir compromissos, responsabilidades e papéis que o levem à condição de adulto. Entretanto, dúvidas e incertezas constituem predominantemente essa fase. Como denomina Erikson (1976), essa é a fase da “crise de identidade”. Segundo esse autor, a situação de crise é desenvolvida mediante os processos de incertezas e questionamentos do jovem sobre o seu planejamento futuro. Dessa forma, a escolha de qual atitude tomar está condicionada à sua capacidade de assumir responsabilidades em prol da constituição de seu projeto de vida.

Assim, constitui-se o elo sobre a questão da construção da identidade do jovem como indivíduo capaz de tomar decisões, tentando constituir a sua personalidade mediante as condições dadas tanto em suas questões psicológicas, como por meio das condições e interferências externas. No entanto, as atitudes e o momento de alcance da maturidade como adulto ocorrem entre diferentes tipos de identidade, de diferentes formas e em diferentes processos e linearidade temporal (ERIKSON, 1976). Desse modo, para Erikson a questão da identidade deve levar em consideração buscar compreender quem é a pessoa, quais seriam os seus valores e objetivos de vida. Logo, a identidade é constituída por fatores

intrapessoais, levando-se em consideração as capacidades e personalidade do sujeito; fatores interpessoais (a identificação com o outro) e, ainda, os fatores culturais (influências, valores e ideias).

Ainda sobre a noção de identidade, de acordo com Kimmel e Weiner (1998), pode ser relacionado à análise dos indivíduos o modo como estes chegam à tomada de decisões, sobretudo nesse caso, considerando-se os fatores ocupacionais e vocacionais pelos quais os jovens terão de optar, a partir de escolhas, para alcançar a fase adulta. Os tendem a ficar no limiar com relação às suas escolhas, principalmente no que diz respeito à profissão seguir, por estarem divididos entre interesses e aptidões. Esse período de escolhas provoca algumas situações de crise. Trata-se, portanto, de uma questão de identidade, já que envolve inúmeros questionamentos como os que, de modo geral, os jovens tendem a relacionar: Quem sou eu? Do que eu gosto? O que quero ser?

Diante disso, há também a identidade do tipo ocupacional, que faz parte da identidade pessoal desses sujeitos em questão. Ela surge a partir desses questionamentos: a escolha profissional será o reflexo da saída de tamanha crise de identidade, uma vez que; ao averiguarem suas melhores capacidades e habilidades, de algum modo, esses jovens tendem a facilitar a sua própria escolha (SARRIERA *et al.*, 2001)

De acordo com Sarriera *et al.* (2001), a identidade ocupacional advém da análise do contexto sociocultural, das instituições, organizações e de outras oportunidades que os jovens poderão vir a vivenciar, as quais lhes possibilitarão buscar respostas para definições de suas escolhas profissionais voltadas à concretização de seus projetos de vida. No entanto, a preocupação da análise voltada à identidade ocupacional refere-se à atenção sobre as expectativas criadas com relação à escolha profissional dos mais jovens. Deve-se, portanto, questionar os tipos de projetos e/ou programas que interferem, de algum modo, na escolha ou preparação desses para o mercado de trabalho.

Desse modo, a identidade ocupacional vai ao encontro das necessidades desta pesquisa, que está voltada à constituição dos projetos de vida de jovens rurais, com base nas escolhas que foram ou serão relatadas por eles, sendo ou não relacionadas com a estruturação das atividades turísticas presentes em seu contexto.

Todavia, para este trabalho, a compreensão da juventude e de suas diferentes identidades foi complementada pela leitura de Stuart Hall. Em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall (2006) admite que o conceito de identidade é demasiado complexo - mas necessário - para os debates sobre as questões dos indivíduos, suas escolhas individuais e também coletivas. O autor contribui consideravelmente nos questionamentos e nos desdobramentos sobre a “crise de identidade”, que é uma das principais situações-dilema vivenciadas pela fase da vida representada pela juventude.

As questões sobre identidade compreendem diversas contradições, decisões individuais e coletivas, mergulhadas num contexto de modernidade tardia, como frisa Hall. O advento da globalização, sobretudo acentuou mudanças rápidas quanto aos meios de comunicação, o que incide na construção e desconstrução dos contextos socioculturais.

Refletindo sobre a análise da juventude, concorda-se com Hall (2006) em que os acessos à comunicação, aos transportes e aos meios de informações facilitam a interação entre os jovens. Ao mesmo tempo em que o sujeito torna-se fragmentado em várias identidades, pela interação com os outros, outros tendem a fixar identidades do ponto de vista de suas origens, vivências, cultura e localidade. O autor conceitua esses processos opostos e concomitantes da globalização e de delimitação das identidades nacionais como híbridos culturais.

Ainda de acordo com Hall (2006), convivem sob sua análise duas tendências paralelas e, ao mesmo tempo, contraditórias. A modernidade potencializa os processos de globalização (em diferentes níveis) e motiva fluxos entre países e territórios, tanto urbanos como rurais. No entanto, mesmo que se possa ser condicionado a uma certa homogeneização de alguns processos sociais, advindos de tendências globais de consumo, alguns locais a resistem a tudo isso. Ao mesmo tempo, surge a intersecção das identidades tidas como híbridas, as quais se utilizam dos processos de globalização e de diferenciação local.

Desse modo, os híbridos culturais constituem o contexto da ruralidade, no que se refere às condições de ligação e interdependência de fatores globais e locais, o que Massey (2005) chama de interações híbridas. Para esse autor, basicamente, trata-se de compreender as transformações influenciadas pela globalização quanto

às mudanças no modo de produção agrícola, organização e interação social dos agricultores frente a uma reconfiguração dos usos e demandas do espaço rural.

Logo, insere-se nesse contexto a demanda das áreas urbanas sobre o rural, reforçando mais ainda a interação dos híbridos culturais diante da ruralidade contemporânea. O fascínio e a motivação pela visitação encontram-se justamente nessas interações híbridas, ou seja, há um deslumbramento pelo diferente incitado pela globalização, que facilita a integração rural e urbana, mas que também reforça as identidades constituídas nas localidades, demarcando, assim, as diferenças sociais, ambientais, econômicas e, sobretudo, culturais.

Nessa conjuntura, os jovens rurais vivenciam uma situação de “crise social” dentro da unidade familiar agrícola, principalmente no que se refere à penosidade do trabalho diretamente ligado à produção agrícola e também com relação ao próprio, meio rural, que geralmente se apresenta como um ambiente mais disperso, com uma maior dependência de serviços ofertados por outras localidades próximas, especialmente, pelo pouco acesso a serviços de comunicação e pela falta de ocupações não agrícolas (ABRAMO; BRANCO, 2005).

Para alguns jovens, essa situação representa um viés de transformação; para outros, um desafio, que a inexperiência, a apatia e atitudes tidas como rebeldes os transformam em transgressores de regras. Esse contexto vivenciado pela juventude marca a transição para a vida adulta, representando um momento de incertezas e de inúmeros questionamentos quanto às possibilidades de ter ou não sua vida ligada ao campo, às dinâmicas relacionadas, às suas idas e vindas entre o rural e o urbano (FORACCHI, 1972; BOURDIEU, 1983).

Para outros autores, como Carneiro (1998), que direcionou alguns de seus estudos aos jovens rurais, foi interessante perceber o jovem como uma categoria social importante dentro dos contextos de mudanças e crises do mundo rural e ainda perceber, de fato, quais seriam os projetos individuais e familiares perante um contexto social e econômico. Essa autora discute uma possível classificação de jovem, dada pela própria comunidade, com base em dois critérios: o primeiro seria considerar como jovem aquele que está em uma fase de preparação para o mercado de trabalho; o segundo seria estabelecer como marco o fato de não estar casado, ou melhor, não haver constituído uma unidade familiar plenamente independente da dos pais. Conseqüentemente, para Carneiro (1998), o jovem, enquanto indivíduo, encontra-se numa fase de vida reforçada pelas incertezas e

dúvidas quanto à constituição de seu projeto de vida, dadas as reais condições existentes.

Já para Leccardi (2005), há uma espécie de prolongamento da fase considerada como juvenil, que atribui novas acepções de identidade ocupacional. Elencada a essa acepção têm-se novas responsabilidades, o ingresso no mercado de trabalho, a busca por melhores condições de vida e de aprimoramento profissional e estudantil. O acesso à educação confere uma das grandes mudanças no processo de vivência dos jovens rurais, propiciando o acesso à comunicação, aprendizados e aperfeiçoamentos, o que justifica, para muitos, os acirramentos dos processos de saída dos jovens rurais para as cidades.

Champagne (1986) estudou o tema da sucessão rural a partir das condições encontradas na região de Bresse, na França. O autor concluiu, na época, que um dos principais motivos de saída do campo era a recusa dos filhos em realizar a sucessão das atividades, pois não queriam ter o mesmo modo de vida (e ou profissão) dos pais. Essa crise de reprodução é qualificada também como uma crise de identidade social. Em seus estudos, esse autor compara o modo de vida dos jovens, tanto no meio rural como no urbano; e argumenta que a maioria dos jovens considera a agricultura uma atividade atrelada a dificuldades. O autor observa que não há direitos, dentro da unidade de produção agrícola, como trabalho com carteira assinada, férias, horários livres ou regulamentados por uma carga horária.

Conforme as considerações de Champagne (1986), os jovens analisados por esse autor mencionaram que, nas cidades, há melhores condições de vida e mais acesso a serviços, conhecimentos diversos e opções de lazer. No entanto, para esses jovens, sua saída do meio rural foi atribuída à falta de remuneração dos trabalhos realizados por eles na propriedade familiar. Desse modo, os jovens são “obrigados” a cumprir certas tarefas por conta da hierarquia familiar.

De acordo com Brumer (2007), a questão da permanência dos jovens no campo está atrelada, principalmente, quanto às questões de acesso a uma renda própria que lhes possibilite gerenciar a destinação de recursos de acordo com seu entendimento e também à busca pela autonomia³ com relação aos pais no que diz

³ Por autonomia, toma-se a compreensão utilizada por Almeida (1996, p.13) de que: “Autonomia seria, simultaneamente, o que fundamenta o poder legítimo e o que, entre indivíduos e grupos, resiste à influência e opressão de todos os tipos de poder”.

respeito a uma maior participação nos processos de tomada de decisão na unidade de produção onde vivem, bem como em seu entorno (localidade).

Segundo Camarano e Abramovay (1998), o êxodo rural em regiões com predomínio da agricultura familiar acentuou-se na década de 1990. Foram correlacionados como fatores que acirraram esse processo o envelhecimento dos agricultores e também a masculinização da população rural. Sobre este último, as análises feitas por esses estudiosos no estado de Santa Catarina demonstraram que as moças, em geral, migraram do meio rural antes e em maior número do que os rapazes. Atribuíram esse fato à falta de oportunidades e à condição dependente da mulher dentro da unidade de produção agrícola. Os papéis de mãe e esposa começam a distanciar-se e, com o passar da idade, a ida para a cidade significa, essencialmente, o acesso a melhores condições de trabalho e estudo.

Como destaca Abramovay *et al* (1998), o interessante seria criarem-se estímulos aos jovens, principalmente quanto à utilização e ao desenvolvimento de suas vocações e ao aprimoramento de suas capacidades profissionais, ao passo que a saída do campo não deveria ficar reduzida a uma espécie de fatalidade, ou à única opção de vida dos jovens rurais. Deve-se estimular, portanto, a consolidação dos processos que compreenderão os projetos de vida dos jovens e de suas possibilidades não só quanto às novas inserções, de tecnologias como também quanto à escolha de ser ou não um agricultor e, ao mesmo tempo, empreendedor.

De acordo com Carneiro (2007), sobre a análise da temática juventude rural, a autora afirma que as condições de trabalho, em paralelo com as mudanças relacionadas às transformações sociais, ressaltadas pelo consumo, pelo setor de serviços e em relação à proximidade com cidades médias e grandes, contribuem para a saída dos jovens do campo. Segundo essa autora, no entanto, alguns jovens já não estão tão condicionados a migrarem para esses centros, já que novas atividades têm demandado do rural uma nova dinâmica. Destacam-se, sobretudo, as atividades ligadas ao turismo, às novas profissões de trabalho no campo, que possibilitaram a remuneração mensal, direito a férias e a finais de semana. Logo, os direitos ligados às condições de trabalho, antes exclusivos dos centros urbanos, passaram a ser incorporados no trabalho agrícola, favorecendo, assim, a permanência daqueles jovens que desejariam sair de suas localidades rurais.

Os dilemas entre permanecer e sair, conforme Castro (2005), não resultaria em fracasso do jovem na decisão de manter-se morando no campo ou constituir

família e, possivelmente, seguir a mesma profissão de seus pais. Há códigos e valores simbólicos que acentuam a decisão dos jovens entre ficar ou sair do meio rural. A tendência em permanecer pode ser favorecida na medida em que há o acesso à informação e a níveis educacionais que começam a ser associados às áreas rurais. A qualidade de vida, no rural, é evidenciada pela paisagem, pela qualidade do ar e por aspectos que transmitem tranquilidade em residir no campo. Cada vez mais, o rural é almejado como um espaço de vida e, assim, crescem as oportunidades na integração entre bens de consumo e serviços, o que antes só era possível com a ida até centros regionais maiores.

Logo, utiliza-se aqui o reforço para a compreensão da noção de identidades sobre as condicionantes que influem nas ações dos jovens de permanecerem no meio rural como importantes agentes de transformação social, sobretudo, com a empregabilidade de suas habilidades e vocações voltadas ao desenvolvimento rural por meio de seus projetos de vida, a partir das novas condições e transformações do rural como local de vida, de moradia, de constituição de seu objetivo de vida. De acordo com Carneiro (2007), mesmo que os jovens pouco vislumbrem seu futuro ligado às práticas agrícolas, alguns preferem morar e constituir família no meio rural, o que poderá fazer emergir e potencializar novas formas e dinâmicas que potencializem o acesso à educação e à informática, por exemplo, que condicionam maior interatividade com o global. Diante disso, os jovens poderão, de outros modos, ser agentes sociais no meio rural no que se refere a instituir a sua permanência dentro da lógica de uma nova ruralidade.

Sobre essa nova ruralidade⁴, de acordo com Favareto (2007), há a inserção por meio de novas demandas e necessidades, o que poderá emergir e potencializar novas habilidades por parte dos indivíduos que constituem o ambiente rural. Logo, os agricultores, por exemplo, caso aja necessidade, virão a exercer mais habilidades gerenciais, com o foco na inserção e na diversificação dos mercados, na melhoria e

⁴ Para Paul Cloke (2003), a ruralidade compreende o espaço social constituído por espaços habitados, marcados por diferentes discursos. De um modo geral, em primeiro lugar, a ruralidade não é homogênea, constitui-se por paisagens e dinâmicas diferentes, onde há uma vinculação direta entre sociedade e recursos naturais. Conclui-se que a ruralidade não se restringe somente às práticas econômicas de agricultura, ela evoca as representações sociais, mediante o contexto da globalização, que induz a novas configurações e mudanças diante das necessidades dos mercados globais e locais, abrindo-se, assim, a novas oportunidades.

organização da propriedade e de seus produtos por meio da logística e do estudo da infraestrutura, tendências que emergem cada vez mais e que demandam a necessidade de melhorias no aprimoramento técnico direcionados aos novos usos do espaço rural.

Discorrendo um pouco mais sobre a ruralidade, para Wanderley (2002), a definição dessa noção é marcada por ambiguidades; no entanto, podem ser definidos pontos de análises sobre o assunto: o primeiro trata de abranger o universo das pequenas cidades, de como é definido o urbano ali presente e dos critérios estabelecidos para essa avaliação. De fato, naquele espaço, tem-se uma verdadeira concepção de urbano? Os municípios pequenos conferem uma lógica diferente com relação aos arranjos sociais. Há ali, como defende a autora, uma inter-relação dos aspectos de sociabilidade, uma vinculação mais próxima à natureza, com mais aproximação com a concepção do rural.

Diante disso, Veiga (2006) reforça, em sua análise crítica, que as dinâmicas das pequenas cidades conferem uma realidade mais atrelada ao rural do que a uma urbanização por completo. Há, portanto, a conformação de uma nova ruralidade, não no sentido de um renascimento, mas no de um direcionamento contrário ao da completa artificialização dos espaços rurais.

Nesse sentido, Kageyama (2008) reforça alguns pontos importantes para o debate sobre novas redefinições sobre ruralidade mediante as próprias mudanças e avanços quanto à questão teórica e metodológica sobre essa noção. Reforça-se aqui, a partir das ideias dessa autora, o entendimento de uma 'nova' ruralidade, a partir dos seguintes aspectos: 1) o rural já não pode ser entendido como sinônimo direto de agrícola; 2) o rural configura-se como um espaço multissetorial, tanto nos aspectos da pluriatividade⁵ como da multifuncionalidade⁶; 3) as áreas rurais tendem

⁵ Por pluriatividade, utiliza-se aqui a definição de Carneiro (1998), referindo-se ao momento em que os agricultores passam a reinventar suas ocupações com base em iniciativas de inovações, melhorias das capacidades de trabalho e funcionamento produtivo, incluindo assim novas tecnologias à tendência de preservação da natureza e ainda almejem por qualidade de vida. Já para Graziano da Silva (1997), o agricultor passa a combinar outras atividades em outro horário, meio período (*part-time*), atividades estas fora da unidade produtiva como trabalho em indústrias, construção civil e outras, como de prestação de serviços pessoais, turismo, lazer e conservação da natureza. Ou seja, o agricultor é pluriativo ao combinar estratégias e combinações inovadoras entre as suas atividades agrícolas e não agrícolas.

⁶ Já a noção de multifuncionalidade é mais bem explicada na obra "Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar de organização de Carneiro e Maluf (2003). Destaca-se aqui a seguinte passagem: "A noção de multifuncionalidade é, aqui, tomada como um 'novo olhar' sobre a agricultura familiar que permite analisar a interação entre famílias e territórios na dinâmica da reprodução social. Isso implica considerar modos de vida das famílias rurais em sua integridade,

a ter uma densidade populacional baixa; 4) Já não há a demarcação quanto a um isolamento absoluto entre as áreas rurais e urbanas e, por fim, o rural é estendido entre as redes, relações mercantis, sociais, culturais por meio de pequenas cidades ou vilarejos.

Dessa forma, a demanda pela prestação de serviços no meio rural entra em conformidade com essas tendências e integração à ideia do *continuum* rural-urbano, propiciando aos agricultores estabelecerem a necessidade de buscar seu aprimoramento, maiores conhecimentos, educação e a valorização de seus patrimônios ambientais e histórico-culturais.

Os temas relacionados aos estudos de juventude rural e do turismo inserem-se como uma estratégia de aplicação e análise sobre o desenvolvimento rural, já que coincidem as possibilidades, criação de estratégias, iniciativas, aceitabilidade e conflitos que os atores sociais acabam vivenciando ao lidarem com os processos de abertura ao uso turístico no meio rural. O desenvolvimento rural almejado deveria integrar as decisões individuais a um projeto coletivo, por meio do qual se buscasse o atendimento das necessidades locais com iniciativas de articulação que também poderiam vir a ser coincidentes com interesses nacionais e regionais, mediante políticas públicas e ações de intervenção. Esse olhar sobre a gestão das estratégias realizadas em nível local ganha importância mediante o conhecimento das questões empíricas e de como as colaborações mútuas entre os atores locais favorecem a estruturação de roteiros com base no agroturismo, como é exposto nesta pesquisa.

Diante disso, retoma-se para o contexto analisado a necessidade de colaboração para o entendimento sobre a atuação da juventude na estruturação de roteiros turísticos por meio da noção das identidades. É necessário entender como se instituem quanto a interesses, construções de valores e opiniões, tendências com relação às identificações ocupacionais que os levem a projetarem suas profissões, sonhos e idealizações dentro da constituição dos processos dessa ruralidade (híbrida, diversificada, mutável) que emerge por meio da sociedade contemporânea.

e não apenas seus componentes econômicos, como também, incorporar à análise a provisão de bens públicos por parte destes agricultores relacionados com o meio ambiente, como segurança alimentar e com o patrimônio cultural. Parece possível, portanto, ampliar o foco da análise indo mais longe do que permitindo pelo conceito de pluriatividade que se limita ao âmbito dos bens privados, enquanto a multifuncionalidade engloba a geração de bens públicos” (CARNEIRO; MALUF, 2003, p.21).

Por fim, a ênfase sobre a temática da juventude voltada ao turismo emerge junto à necessidade de investigação das mudanças que o turismo, enquanto fenômeno social, exerce sobre os jovens e vice-versa. Além disso, os jovens como categoria social, representam um público importante dentro da lógica dos direcionamentos dados ao desenvolvimento rural, entretanto, muitas vezes, acabam esquecidos, tanto em relação às prioridades dadas às políticas públicas quanto como problemática estudos acadêmicos.

A próxima subseção abordará a utilização da noção de projetos de vida na inserção das análises sobre a juventude rural e o agroturismo.

2.2 Os projetos de vida: uma noção para a juventude rural e o agroturismo

A noção conhecida como projeto de vida envolve uma associação de atividades dada certa condição de tempo. Dessa forma, o projeto toma por base as relações entre o sujeito, o seu passado, as condições do presente e as suas projeções de futuro. Este último item toma como referencial a condição de projetar as situações futuras dentro das condições humanas relativas às atividades e aos objetivos dos indivíduos (CARVALHO, 1992).

Nesse sentido, Machado (2000) reforça que os indivíduos não só projetam seus objetivos de vida como fazem do projeto o próprio sentido de suas vidas. Para Boutinet (1990), o projeto de vida estaria associado à ideia de procurar motivos e razões que levam o indivíduo à ação. Esse autor evidencia que, para isso, devem-se tomar como análise três níveis de percepção: o histórico, o psicológico e o sociológico. O primeiro refere-se, grosso modo, à história individual do sujeito em questão e aos modos de estruturação dessa história como construção desse sujeito. O segundo retrata o entendimento, as ações conscientes ou não, que dão as justificativas em criar e objetivar um projeto. Por fim, o terceiro nível, o sociológico, traz à tona o ambiente em si, os modos e as formas culturais e o posicionamento desses como sujeito da ação. Portanto, é interessante indagar como, quando e de que forma surge todo o projeto de vida, suas viabilidades e o modo de torná-lo possível.

Ainda segundo Boutinet (1990), um projeto de vida não pode existir fora da chamada vida social, ou seja, o projeto ganhará tal *status* e receberá projeções de aplicabilidade, conforme a interação tanto na natureza individual como em

concordância ou discordância com as influências dos atores que o cercam. Somam-se a isso, as oportunidades e outros fatores externos que dão condições - ou não - de concretude do projeto de vida.

Assim, concordando com Velho (2003, p.101), projetos de vida “[...] são as visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e os significados de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão de etapas de sua trajetória”. Portanto, projeto de vida seria uma organização para se atingirem certas finalidades e os caminhos que levarão a essas escolhas, o que, grosso modo, dependerá do “campo de possibilidades” dentro da biografia e história do indivíduo.

De tal modo, as etapas para alcançar um dado objetivo serão desenvolvidas individualmente, mas com ampla influência dos processos já vivenciados por outros atores, tomados como referências para serem seguidas ou não.

Por conseguinte, ainda concordando com Velho (2003), o jovem articula a construção de seus conhecimentos, seus valores, modos de agir e de inserir-se a partir de uma dada situação. Nesse caso, o jovem constrói o seu projeto de vida trazendo à tona novas possibilidades e perspectivas acerca do futuro.

Para tanto, o retrospecto sobre as transformações e influências externas e internas, além dos níveis de desemprego, formas de trabalho (formal ou informal) afetam as projeções dos jovens acerca de qual caminho seguir e de que forma fazê-lo. Segundo Pochmann (2004), os jovens são os indivíduos mais afetados dentro das classes socioeconômicas mais pobres, havendo um distanciamento entre o que os jovens gostariam de realmente ser (idealizações) e o que eles realmente conseguem ser (condições reais).

Desse modo, o dilema que a juventude tem diante do futuro diz respeito à situação caracterizada pelo fato de que, ao mesmo tempo em que se abrem possibilidades diversas, muitas vezes, alguns jovens, dependendo das condições em que se encontram, não têm o que escolher e ficam acudados pelas condições ambientais, sociais ou psicológicas (CASTRO; CORRÊA, 2005). Assim sendo, é muito comum associar juventude com as crises de identidades, muitas dessas provocadas pelas dificuldades de inserção profissional, pelo aumento das exclusões sociais e transformações da própria condição de ser jovem (DUBAR, 2005).

Os projetos de vida revelam que os jovens, como sujeitos sociáveis e participantes junto a outros indivíduos, grupos e instituições, realizam suas ideias e desejos, dentro de sua própria assimilação e dos objetivos almejados e que a noção de projeto não tem um fim em si mesmo. Há, conseqüentemente, componentes abstratos e não existentes do ponto de vista do sujeito, mas a análise de projeto de vida remete ao passado, ao presente e às condições futuras, além de incluir experiências individuais e coletivas. Assim, projetos de vida é um processo de reflexão do sujeito sobre o seu amanhã. Segundo D'Ángelo (2000), o sujeito existe mediante uma situação-contexto, contendo normas, valores, cultura, instituições, responsabilidades e distintos estilos de vida, a depender do processo histórico e social.

Conforme Soares (2002), os processos vivenciados na organização familiar e as opções profissionais influenciam diretamente nas escolhas dos jovens, e isso desencadeará a sua própria relação com o trabalho escolhido e a assimilação negativa ou positiva das escolhas e opiniões da família.

Para Lisboa (2002), é evidente que não se pode separar a escolha profissional dos entendimentos acerca do projeto de vida dos jovens, já que é por meio dessa opção que se dá a sua identidade tanto profissional como pessoal. A mesma questão é colocada quanto à história de vida (seu passado) e quanto ao projeto de vida (seu futuro). Assim, o sujeito passa a levar em conta a ideia de continuidade e de sobrevivência em seu contexto.

Portanto, os projetos decompõem-se em aprendizados, em modos de vida que formam um dado projeto de vida. Velho (2003) argumenta que se busca analisar as trajetórias e biografias como um quadro social e histórico, dadas certas condições particularidades e situações de risco. Quanto à relação com a família, os jovens tendem principalmente nas questões de herança e sucessão, a estar envolvidos em questões materiais, distintas visões de mundo, condicionantes de renda e trabalho, que os colocam em um dilema sobre a escolha profissional e os anseios da família na constituição de seu projeto de vida.

Velho (2003) identifica a influência da família, especialmente a rural, nos projetos de vida dos jovens. A família rural, na maioria das vezes, anseia por um projeto coletivo. Nas palavras do autor, “[...] um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem

diferenças de interpretação devido a peculiaridades de *status*, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração.” (VELHO, 2003, p.41).

Entretanto, mediante as políticas públicas implementadas nos últimos anos no Brasil, tem havido, ainda que de forma incipiente, estímulos a ações que visam a fomentar iniciativas voltadas à continuidade da vida no campo. Como acontece já em situações contemporâneas, alguns jovens rurais vivenciam um período de estudos na cidade e, depois de formados, voltam para atuar no campo, porém colocando em prática as suas ideias e novas assimilações. Com a proximidade estabelecida entre campo e cidade, há apoios importantes que têm facilitado à permanência dos jovens no campo. Isso acontece especialmente por meio da diversificação de atividades e ações. Por exemplo, muitos jovens já contam com acesso à escola, meios de comunicação, transporte e opções de trabalho não agrícola; como, por exemplo, o turismo, fatores que estimulam as trocas mútuas e a elevação de sua autoestima (MARTINS; FUTEMMA, 2012).

Castro (2005) afirma que a juventude é um importante agente transformador pelo resgate da valorização da vida. Já para Stropasolas (2002), os jovens são importantes atores políticos e sociais necessários à continuidade do desenvolvimento rural.

Normalmente, as ações desempenhadas pelos jovens são associadas a atitudes contestadoras que, ao mesmo tempo, constituem ações transformadoras do ambiente ao qual estão tencionando, de acordo com o posicionamento de Margulis (1996), cuja obra *A juventud é mais que uma palavra* responde ao texto publicado por Bordieu (1983) *Juventude é apenas uma palavra*. Margulis, nessa obra, critica Bordieu por ter reduzido a categoria juventude a um estado transitório. De acordo com Bordieu (1983), existem fronteiras rígidas que separam os jovens dos adultos, no entanto, a idade é construída socialmente. Nesse sentido, Margulis (1996) pondera que as questões que caracterizam a juventude são amplas e complexas, fundamentadas em casos específicos, tempo e espaço diferentes.

Além disso, ressalta-se que há um espírito transformador próprio dessa categoria social, mesmo que, às vezes, a sensação de que alguns jovens possam ser apáticos, inexperientes, sensíveis ou associados a atos de violência, com o acometimento de pequenas infrações, rebeldia e transgressão de regras que ainda prevaleça no imaginário do universo adulto (FORACCHI, 1972).

A realidade do espaço rural passa por constantes transformações por ser marcada, principalmente, pela redefinição dos papéis exercidos por membros das unidades familiares, e também por alterações em aspectos sociais, culturais e dos processos de organização e inserção de novas atividades não predominantemente agrícolas. Aliada a essa nova tendência, observa-se, cada vez mais, a abertura desses espaços a atividades de lazer e de turismo, justamente relacionadas ao ritmo de vida e da construção social do local, com base na ruralidade (CARNEIRO, 1998; GRAZIANO DA SILVA, 1999).

Portanto, constitui-se o jovem não só como um importante agente transformador de ações em nível local, mas também como um ator social importantíssimo para o desenvolvimento rural a partir do turismo. Essa atividade, concebida por meio do planejamento e da gestão responsável, seria integrada ao universo do jovem, que poderia incluí-la como uma das atividades possíveis de serem realizadas e almejadas dentro de seus objetivos enquanto projeto de vida. Dessa forma, necessitar-se-ia de um aporte das políticas públicas de desenvolvimento rural em médio e em longo prazo. A compreensão do jovem em permanecer (ou não) nas áreas rurais é fundamental para se perceber como o agroturismo pode vir a ser uma estratégia não apenas para incentivar essa permanência como também para incrementar o desenvolvimento rural.

No próximo tópico, será apresentado o turismo voltado às áreas rurais e à opção pelo agroturismo, integrado à estratégia de turismo de base comunitária (TBC). Além disso, alguns apontamentos são inseridos como forma de potencializar a discussão sobre práticas empreendedoras e de atuação juvenil.

2.3 O turismo e as oportunidades no meio rural

O turismo de fato efetivou-se dentro da lógica das sociedades modernas a partir do século XX, iniciando uma progressiva abertura a partir da regulação do trabalho, sobretudo com a inclusão do lazer e das horas livres. O turismo de massa desenvolve-se com o foco na oferta de viagens estabelecidas por meio de pacotes turísticos. Os visitantes consomem um produto vinculado às práticas de lazer cujo propósito é atender um grande número de pagantes, os quais vivenciam a mesma experiência. Essa prática deriva do modo de produção fordista, que começa a ser fortemente criticado pela sociedade civil, pela busca por formas alternativas de

vivenciar o turismo, um tanto fora dessa padronização (URRY, 2001). A partir dessas críticas, a atividade turística passa a ser compreendida como importante ao desenvolvimento, já que:

O turismo é um fenômeno social que manifesta um crescimento constante, considerado uma importante fonte de riqueza econômica e oportunidade para impulsionar áreas deprimidas nos aspectos econômicos e sociais. Por isso, sua importância como fator econômico. Neste cenário turistificado, ao patrimônio cultural atribui o papel de motor do desenvolvimento social. O valor do patrimônio cultural tem, pois uma nova dimensão: a econômica, competitiva, capaz de captar um fluxo turístico (ALMEIDA, 2011, p.249).

O turismo aqui versará sobre o atendimento a novas tendências da sociedade, por uma atividade menos degradante e formulada com base nas concepções de aceitabilidade das comunidades rurais que aderem a essa atividade. Busca-se, portanto, vincular o turismo a um ideário ligado aos pressupostos da “sustentabilidade” como forma de atender às expectativas por um maior envolvimento comunitário, diminuição dos impactos sociais, econômicos, ambientais, culturais e institucionais.

Para Sachs (2008), há a busca por novos paradigmas que levem à uma “sustentabilidade” das ações, sobretudo tendo em vista que a nossa atual sociedade ainda está centrada numa concepção com foco no crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento. Sob essa influência, por meio de ações sustentáveis, estimulou-se a criação de estratégias na contramão do turismo de massa, criando-se ações e outras tipologias de turismo, tidos como “alternativos”.

O pensar em novas estratégias de turismo propiciou a criação de roteiros com base em iniciativas de comunidades locais, para que estas pudessem se organizar, sobretudo, para a recepção de turistas, identificando potencialidades e fraquezas, com o propósito de legitimar desse modo, processos mais participativos e a busca por seus direitos e deveres junto ao Estado e à iniciativa privada.

No que se refere à ruralidade brasileira, emergem, em 1984, as primeiras experiências na cidade de Lages, no estado de Santa Catarina, do segmento conhecido como turismo rural. De acordo com Zimmermann (1996), alguns grupos de agricultores que já apresentavam dificuldades em suas atividades agrícolas resolveram organizar a atividade do turismo, apostando na diversificação da produção local.

Para Kastenholz (2011), o termo turismo rural ainda está longe de conquistar um significado consensual, uma vez que ainda se apresentam dificuldades quanto às definições de atividades turísticas, classificações e variações terminológicas.

De acordo com Cavacco (2011), o turismo rural não só impulsiona a diversificação e proporciona o complemento da renda dos agricultores envolvidos nessas ações como também propicia o aumento da autoestima desses pela valorização dos espaços rurais que habitam e pela divulgação de seus valores e aspectos culturais.

Entretanto, reitera-se aqui que há, sim, uma fragilidade desse segmento com relação à conceituação teórica disponível, já que proliferam diferentes terminologias que parecem semelhantes e que são, muitas das vezes, utilizadas como sinônimos. Além disso, o atendimento a diferentes públicos que compõem uma dada demanda turística, ainda causa divergência quanto ao tipo de turismo praticado justamente pelas apropriações indevidas devido à ambiguidade do uso de diferentes termos e interpretações.

Conforme o MTur, o turismo rural é conceituado como: “[...] o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (BRASIL, 2006, p.49).

Mesmo assim, no Brasil, essa compreensão dada institucionalmente ainda é muito abrangente e causa inúmeras confusões metodológicas, principalmente, quando se comparam as conceituações dadas por estudiosos da área. Tulik (2003) qualifica o termo expresso por turismo rural como uma modalidade do turismo focado nas especificidades do ambiente rural, contemplando a paisagem, os traços culturais e modos de vida do rural. Entretanto, a mesma autora indica que existe sim, uma confusão metodológica que dificulta, o estabelecimento de limites e de diferenças entre os termos. A junção dos termos “turismo” e “rural”, justamente, precisa se adequar ao tipo da proposta de turismo que está sendo aplicado e às condições do rural que estão sendo desenvolvidas.

Sem dúvida, essa segmentação evidencia uma tentativa de pensar um turismo diferente, com foco nas realidades regionais, como destacam Almeida *et al.* (2000). Esses autores enfocam os fluxos turísticos de grupos de visitantes que almejam o retorno ao idílico, ou seja, à concepção de ruralidade na qual estão contidos valores, costumes, cultura num ambiente cujo imaginário conduz a uma

ideia de simplicidade, tranquilidade, em meio a um ambiente natural e um tanto “rústico”.

Entretanto, pensando de fato num turismo que se adapte à realidade de pequenas comunidades rurais, de municípios pequenos e com a maioria de sua população vivendo no campo, como é o caso dos agricultores familiares, delimita-se aqui a escolha em trabalhar com a noção de agroturismo, que será aprofundada no item seguinte. A partir dessa delimitação, espera-se, justamente, minimizar possíveis confusões teóricas sobre o turismo rural.

Diante disso, será discutida, a seguir, a noção tida como Turismo de Base Comunitária (TBC), em contraposição à “velha” forma de produção do turismo, que não atende às reais condições e anseios das comunidades locais, as quais, no caso desta pesquisa, são representadas pelos agricultores familiares.

2.3.1 A estratégia do turismo de base comunitária (TBC)

Mediante as novas acepções relatadas por novas formas de pensar o turismo, sobretudo, pelo viés da sustentabilidade, destaca-se a preocupação a respeito do modo como as comunidades⁷ lidam com essa atividade turística e do modo como a organizam.

Conforme Cavacco (2011) o turismo, hoje, requer não apenas mais locais para simplesmente passar férias, mas também novas estratégias de busca pelo conhecimento endógeno. A cultura é reconhecida e almejada como um valor simbólico a ser conquistado pela busca por novos cenários, por espaços de vivência das comunidades, pelo simples, natural e pelo acolhimento.

De acordo com Maldonado (2009), o turismo comunitário tem como fundamento a base de gestão centrada nos direitos de uso de território comum, processos de autogestão participativa e uso sustentável dos recursos (proteção de áreas naturais, estratégias e formas racionais de uso de água e energia, por exemplo). Além disso, é essencial a valorização das características culturais,

⁷ De modo geral, comunidade é compreendida como sendo um conjunto de pequenos povoados ou aglomerações humanas, nas quais a administração política e administrativa é organizada, ou em distritos, ou pequenos municípios (SCHNEIDER, 2004).

integração das atividades produtivas agrícolas e estímulos à divulgação do destino em meios alternativos, garantindo o consumo menos degradante do que o praticado por outros nichos do turismo. Conforme esse autor, entende-se por turismo comunitário:

[...] toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é a sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com o objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros intelectuais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e apreender com seus respectivos modos de vida (MALDONADO, 2009, p.31).

Experiências de turismo comunitário almejam uma aproximação dos visitantes, constituídos, na maioria das vezes, por estudantes, professores, pesquisadores e adeptos de uma nova concepção de atividade turística, os quais buscam, por meio do turismo comunitário, um modo de realizar um contato com a paisagem natural e trocas mútuas junto ao cotidiano das famílias visitadas (SAMPAIO; ZECHNER; HENRIQUEZ, 2008).

Para Sampaio (2005), o turismo comunitário tem como pressuposto um projeto de comunicação social que contempla, sobretudo, o planejamento turístico com foco no desenvolvimento local. Em outras palavras, é esperado que os moradores dessas comunidades sejam os articuladores (participantes ativos) dentro da cadeia produtiva do turismo e que eles propiciem a oferta de meios de hospedagem, alimentação, venda de produtos locais, artesanato, lazer e diversão, entre outros componentes da oferta turística. Espera-se, sobretudo, que valorizem a cultura local, saberes e modos de vida, justamente como diferencial simbólico mediante outros tipos de turismo, indo na contramão do turismo de massa.

Segundo Cavacco (2011), internacionalmente, convencionou-se a utilização do termo turismo comunitário e, no Brasil, houve um direcionamento, sobretudo pelas políticas públicas, pela a utilização do termo de Turismo de Base Comunitária (TBC).

De acordo com Coriolano (2003, p. 41), o turismo de base comunitária pode ser compreendido como sendo “[...] desenvolvido pelos próprios moradores de um lugar que passaram a ser os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida”.

De acordo com Silva, Ramiro e Teixeira (2009, p.363), o MTur, a partir de debates também com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Ministério do Meio Ambiente (MMA) e representantes das iniciativas de TBC como a “Acolhida na Colônia”, o Projeto Bagagem e a Fundação Casa Grande, avaliou a importância dessas iniciativas e consolidou o Edital de Chamada Pública de Projetos, lançado em 2008. Nele, o MTur deu ênfase para a estruturação e organização de produtos e serviços turísticos cuja gestão seria atribuída às comunidades receptoras, como uma alternativa de geração de renda e oportunidades de trabalho.

Para Beni (2006), é crucial incentivar práticas de turismo de forma planejada e, para isso, deve-se sensibilizar e envolver a comunidade local em todo o processo de implantação, monitoramento e controle da atividade turística. O desenvolvimento defendido por esse autor deve ser focalizado nas características endógenas para a formação dos produtos e atrativos turísticos conforme as características e habilidades das comunidades locais.

Dessa forma, o desenvolvimento de ações com foco no turismo de base comunitária poderá criar novas oportunidades às comunidades rurais que desejarem introduzir essa atividade. Para os jovens dessas comunidades, o turismo pode estimular iniciativas, criação de novos produtos e serviços, envolvendo trocas e aprendizagem, além de possibilitar a otimização das relações interpessoais.

Na próxima subseção, será explicada a escolha pela utilização do termo agroturismo e os estímulos empreendedores que essa atividade pode propiciar no meio rural.

2.4 A opção pelo agroturismo e o despertar para as práticas empreendedoras

A distinção entre turismo rural e agroturismo se faz necessária mediante o tipo de estruturação da atividade turística desejada. Essa estruturação toma em conta aspectos como infraestrutura, lazer e recreação, principalmente, com foco na gestão realizada por agricultores familiares.

Sendo assim, adota-se, para este trabalho, o termo agroturismo já que, de acordo com Pires (1998), agroturismo representa um conjunto de atividades turísticas em que os locais – comunidades – conjugam suas atividades agrícolas cotidianas. O turismo aqui é trabalhado junto aos agricultores como uma atividade

que trará uma renda extra para a propriedade, muitas vezes até complementar, a depender do tipo de atividade exercida pelas famílias. Dessa forma, a ideia central ao trabalhar essa modalidade, dentro do segmento de turismo rural, é salientar que os agricultores devem manter as suas atividades agropecuárias e, paralelamente, se dispor a ofertar algum tipo de serviço turístico, de acordo com suas habilidades, infraestrutura e condições sociais, culturais e ambientais.

Nesse aspecto, concorda-se com Campanhola e Graziano da Silva (2000), que argumentam que as atividades de turismo no contexto da agricultura familiar devem compor parte do processo agrícola, como forma de agregar um valor simbólico a essas atividades, efetuadas no tempo livre dessas famílias. Segundo Candiotto (2010), a principal diferença entre o agroturismo e o turismo rural é que, no caso do agroturismo, espera-se a participação direta ou indireta dos visitantes em atividades realizadas pelos agricultores familiares, como preparação da terra, plantio, colheita, cuidado com os animais, entre outras atividades cotidianas do ambiente rural. Ou seja, trata-se de um turismo de pequena escala e nos modos da estrutura familiar. Mas, há também o agroturismo conjugado com a agricultura de grande escala no Brasil.

Segundo Beni (2002, p.32), o agroturismo pode ser sintetizado como o “[...] deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e observação, vivência e participação em atividades agropastoris”. O mesmo autor distingue que há dois aspectos que marcam a experiência com o agroturismo. O primeiro é o reforça que a produção agrícola nas propriedades deve ser a principal fonte de renda e o segundo, que o turismo deve se consolidar como uma atividade complementar da família rural. Ou seja, são essas atividades agrícolas que se constituem em atrativos turísticos principais nas propriedades da agricultura familiar.

Kuo e Chiu (2006) enfatizam que o agroturismo é considerado um elemento-chave no desenvolvimento rural, como uma prática de turismo responsável. A atividade pressupõe preocupações com as esferas sociais e ambientais e, ainda, com organização das famílias, que poderão fazer parte de roteiros sob essa ênfase.

O turismo, desse modo, oferece novas oportunidades às populações rurais, com o reforço ao intercâmbio de práticas e experiências vivenciais junto à produção dos agricultores, bem como a valorização de seu artesanato, culinária local, patrimônio histórico rural. Tudo isso deve ser estruturado com base no planejamento

e gestão dos espaços de que cada família dispõe, de modo que estas possam ser inseridas como participantes do roteiro, de acordo com as suas necessidades e habilidades. Ou seja, o arranjo produtivo local é necessário por meio de uma organização daqueles que, eventualmente, queiram apostar no agroturismo como uma atividade de renda complementar.

Portanto, a noção de agroturismo permite maior flexibilidade ao agricultor, que pode aproveitar alguma área de sua propriedade, ou atividade cotidiana (por exemplo, pesca, passeio a cavalo, cultivo de pomares, criação de animais entre outras) tornando-a atrativa aos visitantes. Além disso, outras propriedades possuem, dentro de sua extensão territorial, atrativos como cachoeiras, rios, córregos, matas preservadas, que também poderão ser aproveitadas como complementares à visitação.

Destarte, um dos maiores desafios no que se refere à introdução do turismo dentro nas condições dos agricultores familiares é a falta de planejamento turístico na constituição dos roteiros.

Uma das formas trabalhadas na sensibilização de comunidades rurais para o turismo é a organização dos produtores interessados por meio de cooperativas ou associações, como forma de ampliar as possibilidades de oferta de serviços e produtos turísticos. A organização dos agricultores aumenta seu potencial e o de suas localidades ao reivindicarem linhas de créditos e políticas públicas que facilitem os processos de ordenação e de infraestrutura dos roteiros turísticos estruturados por eles (GUZZATTI, 2003).

Entretanto, é imprescindível ressaltar que, como qualquer outra atividade econômica, há muitos pontos negativos que podem interferir nesse processo; porém dependerá do controle feito pelos agricultores na organização do próprio roteiro o êxito do empreendimento. Pode ocorrer, eventualmente, degradação ambiental, ou de patrimônio, barulho e lixo em excesso; pouca interação com a comunidade; aumento do fluxo de pessoas temporariamente; demanda por serviços públicos; abandono das atividades agropecuárias (caso o agroturismo comece a despontar como principal atividade de uma dada família); aumento dos preços locais das mercadorias e especulação imobiliária (RIVEIRO; SOLLA, 1997).

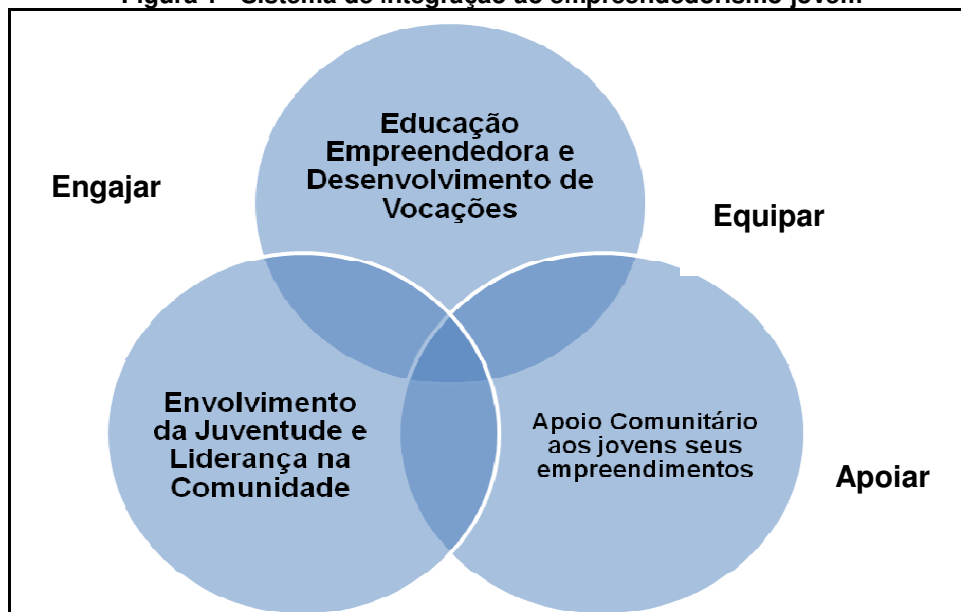
De acordo com Tessari (2001), o agroturismo tem como intuito propiciar a redução do êxodo rural, estimulando o aumento da autoestima das famílias rurais, a otimização de suas condições e suas escolhas de vida no meio rural.

Além disso, Carneiro (1998) chama a atenção, para a tendência de retorno de alguns jovens às comunidades rurais. Isso se deve, segundo a autora, a fatores como: dificuldades de adaptação à vida fora de seu habitat, padrão elevado de consumo e disparidades culturais.

Justamente pelo fato de o agroturismo vir a contribuir na composição da renda e de esta representar uma atividade não agrícola e que pode se integrada pelos membros das famílias rurais, vê-se aí uma oportunidade para os jovens exercerem profissões e habilidades por meio do turismo.

Esse despertar das habilidades dos jovens poderá ser potencializado pela estruturação do agroturismo em comunidades rurais em que haja colaboração com ações voltadas ao empreendedorismo jovem (*youth entrepreneurship*). De acordo com Schroeder (2007), são necessários esforços conjuntos para a formação de um sistema integrado de engajamento jovem (*Integrated Youth Engagement System*). Por meio desse sistema, o autor tenta relacionar as interrelações entre jovens, pais e comunidades por meio do engajamento, do suporte e do apoio como ações que objetivem a criação de estímulos empreendedores e a implantação de ideias e projetos formulados pelos jovens. O autor ressalta, por assim dizer, que as parcerias devem ser impulsionadas pelos pais e por meio de uma educação empreendedora (Figura 1).

Figura 1 - Sistema de integração ao empreendedorismo jovem



Fonte: Schroeder (2007), traduzido e adaptado pela autora.

Esse sistema baseia-se na experiência do *The Rural Policy Research Institute* (RUPRI), que, em português, quer dizer Instituto de Pesquisa de Política Rural localizado nos Estados Unidos. O RUPRI foi fundado em 1990 com o intuito de responder à preocupação da Comissão de Agricultura do Senado americano com relação a pesquisas, análise de políticas públicas e fomento a ações voltadas às áreas rurais. Esse instituto funciona dentro do *Harry S Truman School of Public Affairs* da Universidade de Missouri-Columbia (SCHROEDER, 2007).

Dentro desse instituto, foi criada uma divisão – conhecida como *Center for Rural Entrepreneurship* (Centro para o Empreendedorismo Rural) -, especializada em dinamizar ações voltadas ao tema do empreendedorismo. Desde 2003, esse centro desenvolve discussões e ações práticas e metodológicas com foco especial no empreendedorismo de jovens por meio da educação empreendedora, com foco na formação de lideranças locais. Essa estratégia desenvolve meios de estimular e integrar melhor as relações entre jovens e adultos, de modo a impulsionar o engajamento comunitário desses jovens como forma de promover a sua permanência e retorno ao campo. Estratégias como essa, de enfoque sistêmico e ainda com lacunas a serem preenchidas, são recomendadas como forma de

estimular o engajamento da juventude, em especial, dos que habitam áreas rurais (SCHROEDER, 2007).

A importância em compreender o empreendedorismo de outra forma já foi ressaltada nos estudos de Schumpeter (1934). Por meio de abordagens trazidas na obra *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*, esse autor diferencia o empreendedorismo de outras funções. Introduce, substancialmente, a questão da gestão, somada à da inovação e da diferenciação. De forma sintética, esse autor enfatiza que o empreender traz um rompimento com a ordem econômica vigente, estimula a criação de novos produtos, métodos de produção, organização e de matérias-primas, com ênfase em ações criativas.

Entretanto, o foco é compreender o empreendedorismo com uma estratégia de criação de oportunidades para a consolidação de uma dada ideia. Isso pode ser dar por meio de pequenos negócios, de iniciativas que levem à colaboração dos atores, dos quais se espera o comprometimento, como enfoca Dinis (2011), a busca pela essência da derivação da palavra empreendedorismo, do francês, “fazer algo”. A preocupação aqui consiste no indivíduo, na organização e no contexto onde este vive. E, pensando nos jovens, como esses atuam com relação à atividade turística existente em seu contexto?

Os jovens têm como opção tanto envolver-se com a continuidade das atividades agrícolas já exercidas na propriedade e que possam ser aprimoradas por eles, quanto buscar atividades que integrem as necessidades da cadeia produtiva do turismo. De fato, é preciso que haja a busca pelo profissionalismo e de entendimento das dimensões inusitadas que o turismo pode proporcionar aos envolvidos com as atividades, sobretudo, aos mais jovens. As interações de atividades como o agroturismo acarretam uma nova dinâmica familiar intergeracional de sucessão das atividades e novos papéis exercidos na família, com o envolvimento ou não dos membros dentro do ciclo de vida familiar.

É reforçada aqui a ênfase no agroturismo como a modalidade que se coaduna com o cotidiano daqueles agricultores familiares, que de alguma forma, apostam na diversificação de suas atividades, por meio da multifuncionalidade e como uma alternativa, principalmente para a juventude, que poderá ser estimulada ao engajamento nas atividades - base do turismo (hospedagem, alimentação e entretenimento), de forma a promover e valorizar as características principais da ruralidade, como nostalgia, simplicidade, ar puro, culinária típica, festas locais,

contemplação da natureza, produção artesanal, os diversos saberes e práticas agrícolas, entre outras ações que se tornam atrativos turísticos mediante o enfoque dado por ações públicas voltadas ao turismo de base comunitária (TULIK, 2003).

A escolha pela noção de agroturismo ao invés de turismo rural enquadra - se melhor diante do contexto situacional estudado. Em primeiro lugar, porque foi a noção escolhida pela própria localidade em estudo; em segundo lugar, por haver o entendimento de que, de fato, diante do contexto da agricultura familiar, os agricultores têm muitas dificuldades iniciais na inserção do turismo em suas propriedades. De modo geral, os agricultores relatam que, de outro modo, não poderiam obter uma infraestrutura “grandiosa” como as dos grandes empresários do setor de turismo rural. Nesses moldes, o agroturismo pode ser adaptado às realidades locais, destacando-se como diferencial a simplicidade e o reforço de atividades do cotidiano dos agricultores.

Diante dos temas apresentados como referencial teórico que embasam esta pesquisa, a próxima seção abordará o contexto e as características da região estudada, bem como os caminhos metodológicos que foram utilizados nesta investigação.

3 O CONTEXTO E OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA

Nesta seção, é descrita a área de estudo, localização e breve histórico de Santa Rosa de Lima. Além disso, são apresentados os caminhos metodológicos adotados na coleta, tabulação e análise dos dados obtidos por meio de entrevistas com os jovens.

3.1 Seleção da área de estudo

O roteiro selecionado como estudo de caso é promovido pela Associação de Agroturismo “Acolhida na Colônia” (AAAC), regional de Santa Rosa de Lima, estado de Santa Catarina (SC).

A viabilidade de escolha do local seguiu as experiências brasileiras fundamentadas na estratégia de Turismo de Base Comunitária. Na modalidade Turismo Rural, a experiência da Acolhida, no estado de Santa Catarina, é apresentada pelo MTur como destino de referência em turismo rural.

Foi cogitada a possibilidade de investigação de outro roteiro, que também utiliza a estratégia de turismo de base comunitária; no entanto, esta foi considerada inviável por conta da distância e dos custos de realização do trabalho de campo. Trata-se da marca conhecida como “Casa Grande”, que se localiza em Nova Olinda, interior do Ceará. O roteiro foi enquadrado como turismo social e cultural, dentro da estratégia de TBC. Localiza-se no contexto do Sertão do Cariri, e a instituição promotora é a Fundação Casa Grande – “Memorial do Homem do Kariri”. Segundo Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2010), os recursos gerados pelo turismo retornam para um fundo de educação, que financia o transporte escolar e o acesso de jovens locais até a universidade. Essa associação gerencia, em sua sede, laboratórios usados pelos adolescentes, o acervo do “Memorial do Homem do Kariri”, além da Escola de Comunicação da Meninada do Sertão, com rádio, TV e teatro. Os visitantes podem ser acomodados em hospedagem domiciliar na casa das famílias dos jovens atendidos pela Fundação.

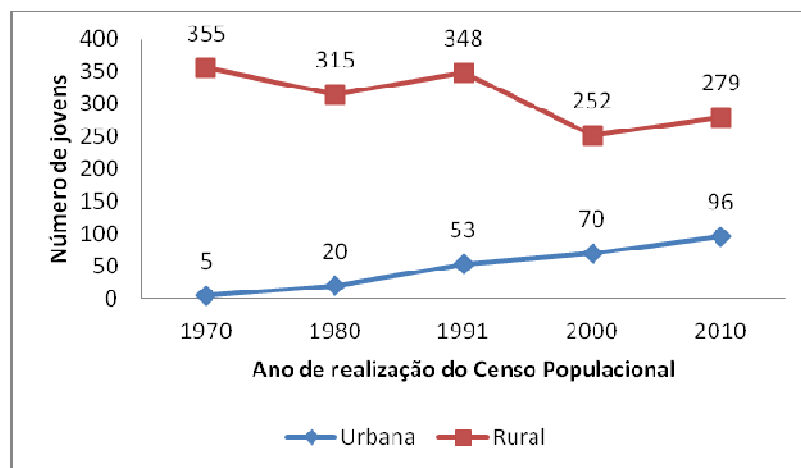
Contudo, tendo em vista a viabilidade deste estudo, optou-se pelo roteiro “Acolhida na Colônia” e, que, por se tratar de um roteiro de agroturismo que já está atuante há um tempo considerável, permitiria encontrar jovens que, de alguma forma, participam da atividade turística.

3.2 Localização e breve histórico de Santa Rosa de Lima/SC

O entorno de Santa Rosa de Lima é chamado Território das “Encostas da Serra Geral” e abrange os municípios de Anitápolis, Santa Rosa de Lima, Rancho Queimado, Grão Pará e Gravatal, cidades colonizadas por imigrantes de origem alemã e italiana (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009). Trata-se de um município pequeno, com população estimada em 2.065 habitantes e área territorial de 202, 977 km². Possui uma densidade demográfica de 10,17 hab/km² (IBGE, 2010), e a maioria de sua população, cerca de 70%, reside na área rural do município.

Conforme o IBGE (2010), os dados referentes aos censos populacionais realizados entre os anos de 1970 a 2010 demonstram que os jovens cuja faixa de idade situa-se entre 15 a 24 anos são predominantemente rurais. No entanto, a saída dos jovens do meio rural acentuou-se entre 1991 a 2000 e depois retomou um moderado crescimento entre os anos de 2000 a 2010. Isso pode ser observado por meio do Gráfico 1, na sequência:

Gráfico 1 - Total de jovens rural e urbano da faixa etária de 15 a 24 anos de Santa Rosa de Lima



Fonte: Adaptado do IBGE (2013).

O município pertence à Mesorregião Sul Catarinense, o clima é considerado Tropical Temperado, com temperaturas médias em torno de 18° C e está localizado a 240 metros de altitude. A base econômica centra-se nas atividades agropecuárias e de serviços. A região, também conhecida como “Encostas da Serra Geral” é considerada uma importante área de preservação ecológica, uma vez que funciona

como um corredor ecológico entre o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (IBGE, 2010).

O município de Santa Rosa de Lima está localizado a 96 km de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. O acesso é feito através das rodovias BR – 101 (rodovia federal), até o município de Tubarão; depois através da SC – 438 (rodovia estadual), que percorre os municípios de Gravatá, Rio Fortuna até Santa Rosa de Lima. Também é possível optar pela saída da capital Florianópolis, que dá acesso à BR – 282 (rodovia federal), seguir até o município de Rancho Queimado e, posteriormente, ingressar na SC- 407 até chegar à Santa Rosa de Lima. Na Figura 2, é possível visualizar o mapa de localização do município em que foi realizado este estudo de caso.

Figura 2 - Mapa do município de Santa Rosa de Lima em relação ao Estado de Santa Catarina



Fonte: Base Cartográfica do IBGE (2013), elaboração por Eloise Mudo.

De forma breve, será contextualizada a constituição municipal de Santa Rosa de Lima. Segundo Dalmagro (2012), a chegada dos primeiros colonos⁸ a Santa

⁸ A expressão “colono”, segundo Schneider (2004), origina-se da expressão *Kolonie* e refere-se às famílias de imigrantes que se organizaram em colônias, ou seja, agrupamentos humanos com

Rosa de Lima aconteceu por meio dos municípios de Rio Fortuna e São Martinho (SC), em duas etapas: a primeira, com a chegada dos primeiros açorianos; e a segunda, com a vinda dos primeiros alemães que criaram a Colônia de Grão Pará, em 1882.

As primeiras ocupações das terras que atualmente caracterizam o município de Santa Rosa de Lima iniciaram-se por volta de 1905. Houve, na época, as primeiras divisões das propriedades, em lotes, de tamanhos entre 20 a 30 hectares em média. Assim, os imigrantes, predominantemente alemães, em menor número de açorianos e italianos, intensificaram a colonização para a formação das primeiras comunidades (colônias). De fato, o relevo montanhoso e a floresta densa da época foram os primeiros obstáculos encontrados pelas primeiras gerações de agricultores, além do difícil acesso a outras comunidades, vilas ou cidades. A situação melhoraria com a abertura das estradas, em 1918, o que facilitou o acesso para a venda de produtos como banha, carne de porco, ovos, feijão entre outros (MÜLLER, 2001).

Essas terras eram ocupadas por tribos indígenas, como os Botocudos e os *Aiwekomas*, e os colonos, ainda no início do século XX, enfrentaram diversas situações de conflito. Diante disso, como forma de solucionar o problema, o governo da época decidiu pela doação de terras aos colonos (registro oficial). Contudo, tal medida acabou por acirrar os conflitos, o que resultou na dizimação de praticamente todos os índios da região, já que a prioridade era assentar as famílias de imigrantes. Em contrapartida, os colonos passaram a proteger os carregamentos de “carne de sol” (conhecida também como charque) vindos do Rio Grande do Sul e que seguiam para o abastecimento do estado de São Paulo, através dos tropeiros. A presença dos índios, na época, dificultava a chegada das caravanas ao seu destino final; desse modo, o assentamento dos imigrantes era fundamental para garantir as trocas comerciais entre os estados produtores e a demanda atendida (MÜLLER, 2001; CRUZ, 2007).

Assim, Santa Rosa de Lima foi colonizada a partir de 1920 por imigrantes que constituíram suas famílias com base no trabalho ligado à agricultura convencional. Segundo Müller (2001), a produção agrícola, principalmente, entre as décadas de 1960 a 1990, teve como princípio o ciclo do “porco-banha”; depois, passou para a

finalidade de produção agrícola, especialmente, nos estados do sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

produção de leite e de fumo, este último, um dos produtos com o qual adquiriram maior receita.

De acordo com Schneider, C (2008), o Brasil é considerado um dos maiores exportadores e grande produtor mundial de fumo, e as áreas de cultivo concentram-se nos estados do sul. Mais recentemente, a partir de 2004, iniciaram-se debates e mediante as comprovações científicas que atestaram os malefícios para a saúde causados pelo cigarro e que alertavam a sociedade civil sobre a relação direta do hábito de fumar e a ocorrência do aumento de casos de câncer. Em decorrência disso, em 2005, mediante a intervenção da Organização das Nações Unidas através da Organização Mundial de Saúde (OMS), foi assinado um acordo, entre 57 países dos 192 membros desta primeira instituição, estabelecendo-se assim a Convenção–Quadro. Esta, da qual o Brasil é signatário, tem como meta promover a diminuição das áreas de plantio de fumo e potencializar a diversificação produtiva nas propriedades. Conforme Schneider, C (2008), esse acordo promoveu muitos incentivos por meio de acordos de mídia para a diminuição da propaganda e da divulgação desses produtos, como forma de incentivar a responsabilidade social contra o fumo e seus derivados.

Logo, o surgimento do roteiro ocorre não só devido à busca por novas alternativas de renda e à diminuição do uso indiscriminado de agrotóxicos, como também devido à tentativa de diminuição do plantio das áreas direcionadas ao fumo.

Diante disso, esses agricultores, descendentes de imigrantes alemães e italianos, tiveram que buscar novos arranjos e estratégias para gerar novas fontes de renda. Assim, de modo gradual, os agricultores das “Encostas da Serra Geral” iniciaram a transição para a agricultura orgânica, sobretudo por meio da organização em associação e cooperativas. Essas experiências começaram a ser notadas como exemplos de sucesso, iniciando-se uma demanda por visitas. Assim, surgiu a necessidade e a oportunidade de se pensar em estratégias de recepção aos visitantes, por meio da organização do agroturismo em Santa Rosa de Lima.

3.3 A construção dos aspectos metodológicos

Neste item, apresenta-se a combinação feita como estratégia metodológica na construção dos instrumentos de coleta e análise dos dados. Trata-se de uma

abordagem qualitativa numa perspectiva fenomenológica, que, conforme Trivinos (2009), indica como ideia fundamental a noção de intencionalidade, ou seja, a consciência de um direcionamento a um objeto. Assim, buscam-se as características da vivência, como a tomada de consciência de algo, da natureza singular para uma universalidade.

De tal modo, utiliza-se sobre o objeto de análise um viés fenomenológico, a partir de três características: o eu, a vivência e o mundo. Estes se influenciam e se deixam influenciar. Logo, a metodologia utilizada elaborada neste estudo ajusta-se às necessidades da pesquisa, cuja revisão de literatura dialoga com uma abordagem baseada na essência da compreensão da fenomenologia do turismo e sua interação com os sujeitos da pesquisa – os jovens.

Numa pesquisa, a abordagem fenomenológica⁹, ou melhor, uma atitude fenomenológica, como defende Masini (1989), pressupõe uma postura de abertura aos aspectos qualitativos que vão ajudar a compreender o estudo da realidade com o desejo de descrevê-la, de apresentá-la como de fato ocorre, sem o intuito de introduzir transformações. Dessa forma, essa intenção corrobora com a interpretação do mundo que surge de forma intencional à nossa consciência. Por isso, essa abordagem pressupõe o ponto de vista do ator e de suas percepções diante dos fenômenos.

O contexto cultural, assim sendo, apresenta-se como fundamental diante desse tipo de abordagem, já que permite uma melhor interpretação dos fenômenos, a determinação da problemática, as discussões dos pressupostos e a busca dos significados da intencionalidade dos sujeitos mediante uma dada realidade. Por assim dizer, o conhecer se faz essencialmente pelo mundo cultural ao qual pertence o sujeito pesquisado.

A partir disso, Minayo (2000) reforça a escolha pela abordagem qualitativa porque responde justamente à percepção entre o mundo natural e social dos sujeitos; entre o pensamento, as ações do sujeito histórico e a sua realidade, mediante seus valores, motivações e atitudes tomadas.

⁹ A fenomenologia, o estudo das essências e de seus problemas, a grosso modo, busca a explicação da existência como forma de compreender o homem e o mundo à sua volta, a partir de fatos. Correntes filosóficas pós-Segunda Guerra Mundial contribuíram para mais explicações, com base em diferentes linhas de pensamento, como Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Van Breda, Marcel, entre outros (MARTINS, 1994; REZENDE, 1990).

A escolha pela pesquisa de natureza qualitativa é reforçada por Flick (2009), que defende que “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não ao contrário” (FLICK, 2009, p. 24). Para tanto, o campo de estudo não seria uma situação artificial criada em laboratório, mas todo um cotidiano de situações reais vivenciadas por seus sujeitos. Nesse sentido, Geertz (2000) faz considerações e destaca a pesquisa do tipo qualitativa como fundamental para a compreensão do que ele discute como o entendimento de um mundo fragmento.

Precisamos é de modos de pensar que respeitem as particularidades, as individualidades, as excentricidades, as descontinuidades, os contrastes e as singularidades, que correspondam ao que Charles Taylor designou como “diversidade profunda”- uma pluralidade de formas de ser e de pertencer e que, ainda assim, possam extrair desses aspectos – dessa diversidade – um senso de encadeamento lógico, um encadeamento que não seja nem abrangente nem uniforme, mas que, contudo, seja verdadeiro [...]. Mas, se o que se apresenta diante de nós é, de fato, um mundo de dessemelhanças compactadas organizadas de modo variado [...] não há nada mais a fazer senão debruçar-se sobre os casos, sem importar qual seja o custo para a generalidade, a certeza ou o equilíbrio intelectual (GEERTZ, 2000, p. 224-226).

Retomando Flick (2009), o que é central na escolha pela pesquisa qualitativa é determinar se as descobertas estão embasadas, por assim dizer, no material empírico; ou ainda, se os métodos foram devidamente selecionados e aplicados para a reflexão da situação-problema verificada.

Desse modo, pesquisadores qualitativos examinam o conhecimento e as práticas centradas nos participantes da pesquisa. Diferentemente do que ocorre com a pesquisa quantitativa, o conjunto de métodos que formam a análise qualitativa considera, sobretudo, a comunicação do pesquisador em campo como elemento explícito na produção do conhecimento, ao invés de reduzi-la a uma variável do processo. É evidente que esse tipo de opção metodológica sugere que a subjetividade do pesquisador irá compor parte de sua própria estratégia de pesquisa (FLICK, 2009; MINAYO, 2000).

Assim, as reflexões dos pesquisadores, bem como as suas atitudes e observações no trabalho de campo, vão se tornar dados em si mesmos, constituindo parte de sua análise por meio de anotações em diários de campo, estes últimos muito úteis para retomadas e organização do material de análise pós-campo.

No entanto, existem aspectos limitantes na opção por esse tipo de método. O primeiro deles diz respeito à abrangência do conceito, ou seja, quanto à forma de

limitar os critérios de investigação. Outra dificuldade, bastante recorrente, é a busca pelas generalizações a partir de casos empíricos (TRIVINÓS, 2009).

Bogdan e Biklen (1994) indicam que a pesquisa qualitativa tem algumas características gerais, justamente, para minimizar suas dificuldades de aceitação como método científico:

- a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador é o instrumento-chave;
- b) a pesquisa qualitativa é descritiva;
- c) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo, e não simplesmente com os resultados e o produto;
- d) os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados de forma indutiva (no caso, buscou-se a análise do fenômeno social no campo empírico, a partir do ponto de vista dos sujeitos);
- e) o significado é a preocupação fundamental no método qualitativo.

Existe, com base nessas características mencionadas, a escolha de um assunto ou problemática; depois, uma coleta de dados e, após, a análise das informações, com base em esclarecimentos dos procedimentos adotados durante todo o período de investigação.

Há disponibilidade, conforme a escolha do pesquisador, de uma variedade de métodos de coleta e análise dos dados, como indica a postura teórica baseada na fenomenologia. É indicado, dessa forma, o predomínio das entrevistas semiestruturadas e ainda os procedimentos de análise, como o de análise de conteúdo, que foram os escolhidos para serem utilizados nesta pesquisa e que serão descritos mais adiante.

Com base nos argumentos anteriores e pelas temáticas de estudo propostas, optou-se pelo uso da abordagem qualitativa por ser mais adequada dentro da problemática a ser investigada, pelo contexto apresentado e, fundamentalmente, por possibilitar a análise dos significados do ponto de vista dos jovens rurais – os sujeitos pesquisados – no campo empírico. Desse modo, optou-se por esse tipo de abordagem, justamente para melhor compreender o roteiro de turismo de base comunitária escolhido, desde a sua formulação até a verificação de como os jovens são a ele integrados.

3.4 A opção pelo estudo de caso

O formato empregado nesta pesquisa é o estudo de caso. Este desenho de pesquisa mostra-se adequado dentro da perspectiva da abordagem qualitativa e atitude fenomenológica, uma vez que os atores sociais - os jovens rurais - foram selecionados de forma a responder ao interesse de pesquisa, a qual procura debater as opiniões, diferenças e comportamentos (GIL, 1999; MARCONI; LAKATOS, 2010).

O estudo de caso envolve a análise intensiva de um número menor de situações, podendo até, em alguns casos, ser reduzido a um. Por conseguinte, a ênfase dada por esse formato é evidenciar uma investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo e o entendimento de situações que dependem do contexto estudado (YIN, 2001).

Esse formato de pesquisa leva a críticas, principalmente, nas ciências sociais, já que, segundo Gil (2010), o método pode tender à falta de rigor metodológico, uma vez que difere dos métodos experimentais e de levantamentos exaustivos, principalmente, porque não são definidos procedimentos metodológicos rígidos. No entanto, os vieses com os quais é associado também são constatados em qualquer tipo e modalidade de pesquisa. Caberá ao pesquisador um planejamento atento do processo de coleta e análise de dados para minimizar possíveis vieses. Outra crítica feita à adoção do estudo de caso refere-se à dificuldade de generalização, pois a análise de um único caso fornece uma base frágil para isso. Entretanto, para os objetivos pretendidos nesta pesquisa, o intuito é proporcionar uma visão do problema, identificar fatores, influências e respostas nas situações vivenciadas pelos jovens pesquisados.

O número de entrevistas direcionadas aos jovens buscou atingir o critério de saturação para a pesquisa qualitativa. Conforme Mucchielli (1990), isso equivale ao momento em que o pesquisador percebe que, com o passar do tempo durante a coleta de dados, as novas informações começam a ficar menos frequentes e as respostas dadas tornam-se demasiadamente repetitivas, dependendo do contexto estudado.

Dadas às condições em campo onde previamente foram agendadas as entrevistas aos jovens que colaboraram de forma direta ou indireta com o roteiro de agroturismo, se chegou ao número de 14 entrevistados, tendo sido utilizada,

portanto, para esta pesquisa, uma amostra não probabilística intencional (ALMEIDA, 1989). Os nomes dos sujeitos participantes da pesquisa foram ocultados sendo referidos por numeração de 1 a 14, para evitar sua identificação.

De forma complementar e com o intuito de compreender como foi constituído o roteiro, foram realizadas mais 10 entrevistas, de modo intencional e não probabilístico a partir do envolvimento das famílias de agricultores com o agroturismo, nove das quais direcionadas aos pais de alguns dos jovens e uma realizada com uma das técnicas da AAAC. Os pais correspondem aos entrevistados (jovens): nº: 1, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 14. Foi realizada uma entrevista mais detalhada com a técnica atuante na associação, que também se autoidentificou como jovem. Mais entrevistas não foram realizadas, já que a intenção era apenas ter uma dimensão, um pouco mais ampliada, das relações do tema juventude, a partir da participação dos pais na organização das propriedades para o agroturismo.

Portanto, além dos jovens rurais, foram selecionados informantes-chave da pesquisa, como forma de contribuir no entendimento do contexto local e dos temas juventude rural e turismo, no caso de Santa Rosa de Lima.

3.5 O desenvolvimento da pesquisa qualitativa

Nesta subseção, serão descritos os procedimentos do trabalho de campo, a seleção do local de pesquisa e dos entrevistados, a estratégia de campo, a coleta e a análise dos dados empíricos.

3.5.1 Trabalho de campo

De acordo com Flick (2009), a questão de acesso ao campo em estudo é fundamental no caso da pesquisa de abordagem qualitativa. De fato, esse tipo de estratégia metodológica exige um contato mais próximo entre entrevistado e pesquisador. Dessa forma, foi efetuado o contato inicial com a AAAC, com sede em Santa Rosa de Lima/SC. Esse contato foi intermediado pela presidente da Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (COODESTUR), com sede em Porto Alegre/RS. Ambas as instituições atuam, cada uma em sua sede e estado, na promoção dos destinos turísticos locais no meio rural e, por conta

disso, participaram de projetos do MTur, instituições executoras de projetos de Turismo de Base Comunitária, por meio de seleção Pública, até 2012.

Por meio desses contatos iniciais, foi indicado se havia jovens atuantes nas atividades do roteiro e, para confirmar isso, foi realizada uma primeira visita de reconhecimento de campo, no período de 20 a 23 de abril de 2012.

Os primeiros contatos presenciais foram realizados com alguns participantes da pesquisa, ou seja, com aquelas pessoas que seriam entrevistadas posteriormente. Elaborou-se, assim, um pré-agendamento das entrevistas junto aos jovens, famílias e membros da associação. O retorno para a realização da coleta de dados aconteceu no período de 7 a 17 de maio de 2012, totalizando 10 dias efetivos de trabalho de campo, acompanhamento das atividades da associação (seminário, palestras, escritório) e ida às propriedades dos jovens e de suas famílias.

Além disso, ocorreu, por parte da pesquisadora, a participação efetiva nas atividades comunitárias e festividades que aconteciam no mesmo período da realização da coleta de dados. Ao final, como planejado, foram concluídas as entrevistas, de forma exitosa. O auxílio dos agricultores nos deslocamentos internos e na apresentação da pesquisadora aos jovens participantes da pesquisa facilitou consideravelmente todo o processo de trabalho de campo.

3.6 Instrumentos e técnicas em pesquisa qualitativa

Para esta pesquisa, as fontes primárias envolveram visitas a campo, aplicação de entrevistas e observações. Já as fontes secundárias foram constituídas pela revisão bibliográfica em fontes acadêmicas e de publicação, por meio de registros documentais diversos, informações de consulta a endereços eletrônicos institucionais (consulta *on-line*), publicações, mapas e dados estatísticos gerais do município estudado.

3.6.1 Entrevistas semiestruturadas

Dando sequência aos aspectos metodológicos que constituíram a pesquisa, foi realizada a observação simples sobre as conversas e atitudes dos entrevistados a partir do auxílio do diário de campo. A coleta dos dados, de natureza qualitativa, foi

realizada por meio da realização de entrevistas semiestruturadas, constituindo-se estas o principal instrumento de coleta dos dados no trabalho de campo.

A entrevista semiestruturada foi considerada o instrumento mais adequado, pois, segundo Minayo (2000), essa ferramenta permite uma apreensão mais apurada sobre os sujeitos de pesquisa e, como estes estão interrelacionados, com os objetivos do estudo. A aplicação desse instrumento permitiu examinar pontos de vista de caráter subjetivo (valores, crenças, opiniões e significados) dos jovens pesquisados, além de trazer à tona reflexões de situações e vivências, que poderão gerar hipóteses para outros estudos.

Esse tipo de técnica também condicionou o agendamento de acordo com a disponibilidade dos entrevistados, permitindo respeitar, assim, o horário determinado por eles. Dessa forma, foi estabelecido um cronograma de etapas compreendendo o período designado para as transcrições literais e tabulação por resposta dada e, por fim, para as sínteses temáticas de cada resposta agrupadas por categoria temáticas.

Para este estudo de caso, foram aplicados três tipos de roteiro de entrevistas:

- a) ROTEIRO 1 - Informantes-chave (PAIS): Foi aplicado um conjunto de perguntas a nove chefes de unidades familiares, então responsáveis por alguns dos jovens rurais entrevistados. Esses familiares também são membros da AAAC. As informações obtidas com essas entrevistas ajudaram na compreensão do contexto local, do turismo, das famílias e de alguns aspectos dos jovens no geral (APÊNDICE A);
- b) ROTEIRO 2 - Informantes-chave (Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia): Nesse caso, foram usadas perguntas mais direcionadas ao funcionamento do roteiro. Essa entrevista aconteceu com uma técnica que presta consultoria por meio dessa instituição, atendendo e assessorando os associados de Santa Rosa de Lima e região. Foi selecionada como informante-chave, pela comunidade, por ser jovem e também por se filha de agricultores que participam do projeto desde o início. Ela auxiliou na integração com os outros jovens pesquisados (diretos ou indiretos) do turismo (APÊNDICE B);
- c) ROTEIRO 3 - JOVENS RURAIS: Por fim, foi aplicado um roteiro específico aos jovens rurais, tendo como base os objetivos gerais e

específicos desta dissertação fundamentalmente, compostos por perguntas que desmembraram os projetos de vida por meio da atuação, motivações, habilidades adquiridas e expectativas dos jovens no agroturismo e na permanência no local (APÊNDICE C).

Todas essas entrevistas foram registradas através da captação do áudio, por meio de aparelho gravador de voz. Também foram feitas notas de campo, contemplando observação simples dos entrevistados e das situações de campo vivenciadas. Por fim, foi realizada a captura de imagens por meio de fotografias, registrando as interações com os jovens e com o local de estudo. Todos esses procedimentos foram realizados conforme a autorização dos participantes da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D).

3.7 Sistematização dos dados qualitativos

Com base na escolha metodológica pela pesquisa de natureza qualitativa (FLICK, 2009; GIL, 2010), ao final da coleta, foi contabilizada uma grande quantidade de dados gerados a partir das entrevistas gravadas em áudio. A partir de então, a pesquisa passou à etapa mais demorada, que é a fase de transcrições desse material. Nessa fase, que pode ser denominada de pré-análise, foram realizadas as transcrições literais das 24 entrevistas no total (14 jovens e 10 informantes-chave).

As atividades de transcrição duraram cerca de 160 horas, por se exigir ouvir atentamente as falas e as expressões produzidas, mas também os silêncios e sons de interferência. Posteriormente, foi executada a releitura do material para serem selecionados os assuntos/temas por meio da análise documental das entrevistas com a finalidade de dar sequência à análise temática, dentro da análise de conteúdo.

Como explicam Miles e Huberman (1994), a pesquisa de natureza qualitativa reúne três importantes etapas: redução, exibição e conclusão. A primeira consiste no processo de seleção dos dados mais importantes de modo a simplificar os dados originais.

A segunda etapa - apresentação - consiste na organização dos dados para uma melhor análise temática, a fim de que possam ser verificadas semelhanças e diferenças entre os temas. Já a terceira etapa, a que os autores denominam como conclusão/verificação, consiste em uma revisão dos dados para possíveis explicações dos significados em paralelo com as explicações teóricas já estudadas. Dessa forma, o processo de análise ocorreu de forma sistemática, com constante acompanhamento dos temas emergentes, a partir de uma atividade reflexiva.

3.7.1 Análise de conteúdo

Como já anunciado, a análise de conteúdo foi a técnica de análise escolhida para a interpretação das respostas obtidas nas entrevistas coletadas com os jovens rurais. A análise de conteúdo, conforme Martins (2008), tem antecedentes na hermenêutica, que pode ser compreendida como a arte de interpretar textos, sonhos, a retórica e a lógica. O autor explicita que a análise de conteúdo tem seu início marcado nas primeiras décadas do século XX, sendo contemporânea do behaviorismo nos Estados Unidos.

O uso dessa técnica favorece a verificação, confirmação ou levantamento de proposições e evidências dentro do estudo de caso. Tomando por base a definição geral utilizada pela pesquisadora francesa Lawrence Bardin (2011, p.15), a análise de conteúdo é conhecida como:

[...] Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. [...] Tarefa paciente de “desocultação”, responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura substitui a leitura “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião [...].

Bardin (2011, p. 37) destaca que a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas das comunicações”, ou seja, não se trata, portanto, de um único

instrumento, mas, sim, de um leque de escolhas conforme é adaptável ao campo das comunicações. Portanto, optou-se, nesta dissertação, pela análise de conteúdo com foco nas análises de significados de natureza qualitativa a partir da análise por categorias temáticas.

Assim, foram definidas as categorias: **Identificações, Agroturismo e Projetos de Vida**, especificamente para as entrevistas dos jovens, pois estas foram os alvos das análises temáticas deste trabalho. As entrevistas dos informantes-chave foram utilizadas como fonte complementar de dados, para aspectos de contextualização geral como: histórico local, informações da constituição do roteiro, fundação das associações e de algumas expectativas com relação aos jovens. A partir dessa decisão, foi realizada a codificação dessas categorias, de modo a organizá-las e agrupá-las para que se pudesse seguir com as próximas etapas da análise.

Após as transcrições das entrevistas, foram gerados documentos com base na organização, análise e interpretação do referido material. Além disso, de forma complementar, coletou-se material informativo, como “*folders*” e cartilhas referentes ao agroturismo, contendo informações turísticas sobre o roteiro. Logo, foram selecionadas algumas informações gerais, importantes para o entendimento do roteiro em si, concomitantemente com as entrevistas realizadas.

Desse modo, foi feita a análise das respostas, que gerou uma síntese por entrevista dos jovens (caracterização inicial); depois, realizou-se a separação pelas categorias já mencionadas e uma síntese geral. Com base nesses dados, foi feita a transcrição das entrevistas, que originou um documento com 180 páginas para a análise. As cópias digitais destas entrevistas estão armazenadas em arquivo eletrônico de acesso exclusivo da pesquisadora.

3.7.2 Notas de campo e observação simples

De forma complementar, as entrevistas foram elaboradas com base em notas de campo acerca das observações simples realizadas no trabalho de campo.

Conforme Gerhardt *et al.* (1999), o diário de campo é um instrumento comumente utilizado na sistematização das informações, observações e reflexões que são registradas de forma descritiva, a fim de auxiliar o pesquisador em suas análises posteriores.

Foram feitas breves caracterizações dos sujeitos participantes da pesquisa, anotações com lembretes de situações de diálogos, descrição dos espaços físicos visitados, relatos do dia a dia de convívio com os agricultores, bem como as interações realizadas para chegar a cada jovem entrevistado. A elaboração das notas de campo permitiu lembrar comportamentos e situações em campo, tendo sido úteis na redação final desta dissertação (BOGDAN, BIKLEN, 1994).

Assim, a utilização desse instrumento de pesquisa não só colaborou, de forma significativa, com entrevistas realizadas *in loco*, como também ofereceu detalhes sobre a situação dos jovens estudados, o que fundamentou a reflexão mais precisa dos acontecimentos vivenciados em campo.

A definição do instrumental utilizado para a presente pesquisa, serão apresentados como os resultados obtidos. Na seção a seguir, serão expostos e analisados os dados coletados a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas, sobretudo, com jovens rurais desse estudo de caso.

4 RESULTADOS ALCANÇADOS: A MOTIVAÇÃO E A ATUAÇÃO DOS JOVENS NO ROTEIRO AGROTURÍSTICO “ACOLHIDA NA COLÔNIA”

Mas, a segunda geração, que tinha a vida mais tranquila, que foi à universidade e que se expressa bem – até requintadamente -, essa geração podia escrever, sobretudo porque tinha motivo para tal: o conflito de identidade (SCLIAR, 2012, p.49).

Esta seção apresenta o contexto do surgimento do agroturismo em Santa Rosa de Lima e responderá aos dois primeiros objetivos específicos propostos por esta pesquisa. Com base na análise de dados são apresentadas as identificações e motivações que evidenciam a atuação dos jovens no roteiro agroturístico local.

4.1 O cenário favorável do agroturismo em Santa Rosa de Lima

Essa seção apresenta algumas informações obtidas pelas entrevistas aos pais e uma representante da AAAC do município de Santa Rosa de Lima – SC. De acordo com esses informantes-chave - e também em conformidade com trabalhos acadêmicos de alguns autores como Guzzatti (2003); Silva, Uller e Zager (2007) -, esse roteiro começou a ser implantado a partir do ano de 1998. Houve uma sinergia favorável à implantação da atividade turística no município de Santa Rosa de Lima, que se deu por meio da demanda espontânea de visitantes a procura de conhecer projetos já consolidados na área de agroecologia. Logo, outras instituições catarinenses começaram a impulsionar a ideia de começar a atividade turística no município. Destacam-se, entre outras, o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) e Associação dos Agricultores das Encostas da Serra Geral (AGRECO), que se tornaram parceiras da Acolhida na Colônia no desenvolvimento de trabalhos em parceria voltados aos agricultores familiares, sobretudo, com relação à produção e à comercialização de alimentos orgânicos e de seus desdobramentos.

Segundo relatos dos agricultores, a CEPAGRO foi criada por um grupo de pequenos agricultores e técnicos agrícolas no ano de 1980, com foco na viabilização de estratégias produtivas por meio de ações conjuntas. Além disso, transversalmente houve a efetivação do roteiro por Guzzatti, que após vivenciar

experiências de turismo desenvolvidas em áreas rurais da França, estimulou a ideia de implementar algo semelhante no Brasil semelhante ao projeto francês conhecido como “*Accueil Paysan*”¹⁰ (GUZZATTI, 2003). Esta é uma associação francesa de turismo, criada em 1987, com sede em Grenoble, no sul da França, com o objetivo de formar uma rede de agricultores que desenvolvam o agroturismo, integrando essa atividade ao cotidiano das famílias rurais. A recepção dos turistas é feita com base em uma infraestrutura simples, ofertada pelos próprios agricultores, cujo objetivo primordial é o acolhimento.

De acordo com Guzzatti (2003), no caso francês, os serviços de hospedagem e visitação ofertados são do tipo, hospedagem - pousada e quartos coloniais; alimentação - mesa colonial ou restaurante colonial; e animação – acolhimento de crianças, grupos e outros interessados. Esses serviços foram adaptados para Santa Rosa de Lima mediante as condições de cada família em receber ou não pessoas, dentro de suas casas ou em uma infraestrutura à parte em suas propriedades, e/ou ainda receberem visitas apenas para a oferta de alimentação. A Figura 3, abaixo, reúne imagens que exemplificam o modelo adotado.

Figura 3 - Hospedagem e alimentação em uma pousada do roteiro “Acolhida na Colônia”



Fonte: Registros da autora (2012).

¹⁰ A expressão vem do francês e literalmente significa Acolhimento no Campo, tendo sido incorporada no Brasil como “Acolhida na Colônia”.

Assim, já em 1997, mediante a atuação profissional de Guzzatti como articuladora do processo, a AGRECO apresentou-se como principal instituição interessada no desenvolvimento turístico. Isso ocorreu porque, de modo informal, parte dos agricultores já estava recebendo visitantes, como outros agricultores, técnicos, lideranças e instituições de ensino interessados em conhecer não só o sistema de produção do tipo agroecológico, grosso modo, sem o uso de agrotóxicos e de adubos sintéticos, como também produtos derivados desse tipo de produção (GUZZATTI, 2003).

Mediante a experiência e observação do caso francês, em 1998, juntamente com as entidades supracitadas, Guzzatti buscou organizar um grupo de agricultores de Santa Rosa de Lima interessado em iniciar a estruturação de suas propriedades para o recebimento de pequenos grupos de visitantes (GUZZATTI, 2003).

Ainda com base na experiência francesa, a associação desenvolveu princípios e normas, criando, assim, como é conhecido pelos associados, um caderno de normas para cada tipo de serviço turístico a ser executado, seja para alimentação, visitação técnica seja para hospedagem. Essa estruturação permitiu garantir a qualidade dos serviços, assim como o bem-estar das famílias e da própria associação.

Aproveitou-se, dessa forma, o cenário favorável vivenciado no local, mediante a divulgação dos trabalhos bem-sucedidos de agricultura orgânica e de comercialização dos produtos promovidos pela AGRECO. A partir daí, surgiu a demanda por se criar um roteiro de turismo que abrangesse o interesse dos agricultores em mostrar sua produção, os seus modos de vida e cultura aos visitantes.

Conforme Silva, Uller e Zager (2007), a esse cenário somaram-se outros eventos, que foram decisivos e determinaram o contexto para a proposta de implantação do agroturismo como a modalidade dentro do turismo rural que seria implementado. São eles:

- a) A *Gemüsfest*¹¹, cuja primeira edição ocorreu no ano de 1991;
- b) A AGRECO, fundada em setembro de 1996, abrangendo produtores agroecológicos dos municípios entre as cabeceiras dos rios Braço

¹¹ Festividade que ocorre a cada dois anos na localidade, cujo prato típico é o *gemüse*, prato de origem alemã que, grosso modo, é preparado à base de batata cozida e amassada, com couve cozida e carne de porco defumada.

do Norte e Capivari, com sede oficial em Santa Rosa de Lima. Ainda, paralelamente, destaca-se a implantação de mais de 53 agroindústrias de pequeno porte, até o ano de 2010 através do Projeto “Agroindústrias Modulares em Rede” (GUZZATTI, 2003; CRUZ, 2007).

A fundação e a estruturação da AGRECO, segundo os relatos das próprias famílias de agricultores, deram condições para que fosse organizada a AAAC e iniciado o trabalho de sensibilização para o agroturismo, retomando a intervenção prática e de execução dos trabalhos com a comunidade. De acordo com Guzzatti (2003) e confirmado pelo depoimento de uma das técnicas da Acolhida, o objetivo da associação era mobilizar os agricultores interessados e as lideranças locais, principalmente nos primeiros anos do projeto. Os encontros iniciais foram marcados pela fase de sensibilização; entretanto, no começo, havia um sentimento de descrença de que o município de Santa Rosa de Lima, especialmente por ser pequeno, iria atrair um fluxo regular de turistas.

Foram necessárias diversas palestras para que os agricultores entendessem a proposta de adaptação a partir de algumas medidas, de certo modo simples, para melhorar as condições para a acomodação dos visitantes. No entanto, alguns agricultores ressaltaram que necessitariam de recursos financeiros altos, caso precisassem investir na construção de grandes estruturas de hospedagem sofisticadas, de modo a atender melhor o público. Somente após a saída de campo de alguns agricultores, com o intuito de conhecer de perto outras experiências de agroturismo (nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul), estes viram que não necessitariam fazer grandes mudanças na propriedade.

Desse modo, poderiam reestruturar alguns quartos e cômodos que estivessem vazios, ou sendo utilizados para outros fins. Assim, aos poucos, foi iniciado o desenvolvimento do trabalho de planejamento das propriedades para atender os fluxos de turistas interessados em conhecer os trabalhos voltados à agroecologia. Nessa etapa, começaram as avaliações dos produtos em conjunto com os técnicos através de diagnóstico participativo de avaliação de propriedades, a serem incluídas no roteiro e, ainda hoje, esta é a forma utilizada para a entrada de novos membros à associação.

Logo depois da etapa de diagnóstico das propriedades iniciais, foi consolidada a Associação de Acolhida na Colônia, com uma comissão provisória. Desde o princípio, essa entidade estabeleceu parceria com a associação francesa de Agroturismo “*Accueil Paysan*”, por meio da CEPAGRO, em 1998. No ano seguinte, foi regulamentada a AAAC e, partir daí, foram instituídas reuniões regulares com foco no planejamento das atividades turísticas e na preparação da infraestrutura local para recepção e hospedagem dos grupos. Com início da associação, foram elaboradas cartilhas, seguindo o exemplo da experiência francesa, com aprovação de um Caderno de Normas, considerado um dos principais instrumentos para o ingresso de um novo membro na associação. Foram também realizados cursos de capacitação de curta, média e de longa duração.

Outros municípios do entorno de Santa Rosa de Lima puderam participar mediante aprovação de projetos governamentais do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) e de outros projetos, via outras consultorias.

Portanto, com a consolidação da sede em Santa Rosa de Lima, o projeto de agroturismo pôde abranger os agricultores da AGRECO dos municípios vizinhos de Rancho Queimado, Anitápolis, Rio Fortuna e Gravatal (GUZZATTI, 2003).

Conciliando os interesses mútuos, tanto de oferta quanto de demanda para o turismo, por meio da CEPAGRO, ACOLHIDA E AGRECO e de processo conduzido por Guzzatti, foram estabelecidas as bases para a elaboração de um projeto para a captação de recursos por intermédio do MDA dentro do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) no ano de 1999. O projeto foi executado pela Cepagro, mediante a criação de parcerias institucionais com a AGRECO, Prefeituras Municipais, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Comissão Pastoral da Terra (CPT), entre outras instituições. Seus objetivos incluíam mobilização dos agricultores, aplicação de diagnósticos participativos nas propriedades, práticas de associativismo, capacitações e outros subprojetos de cultura e meio ambiente.

Conforme Martins e Souza (2012), o interesse estava em minimizar os impactos sociais, ambientais e culturais advindos da atividade turística nas localidades e sustentar a participação dos agricultores em todas as etapas e processo de estruturação e gestão, fortalecendo, assim, os laços existentes entre eles. Conseqüentemente, buscava-se evitar que o turismo fosse efetuado de forma

amadora e garantir que, assim que, as características locais e de identidade desses atores sociais fossem respeitadas.

Sobre a organização do agroturismo nas propriedades dos jovens, estes atribuíram à AAAC o papel de intermediação entre os turistas e as propriedades no ato de seu agendamento e recebimento no local. De fato, a Associação acumula funções, tais como assistência técnica aos agricultores, aplicação de diagnóstico participativo (para a adesão de novos associados), a disseminação dos objetivos da associação (como forma de captar novos associados em outras regiões), divulgação, marketing, planejamento e gestão das ações de agroturismo para os atores, municípios e regiões associadas.

Observou-se que há, nessas ações, a participação de jovens, filhos de agricultores. Após esses jovens terem feito a graduação na capital Florianópolis, ou em outros municípios do entorno, acabam retornando para a localidade e aplicando a identidade ocupacional almejada. No entanto, ainda são poucos os jovens que possuem essa participação mais gerencial na associação, o que acarreta o acúmulo de funções por um ou, no máximo, dois indivíduos.

Por falta de recursos humanos na parte de gestão de pessoas da associação, abre-se uma oportunidade a que outros jovens possam auxiliá-la, a fim de que essa instituição exerça menos o papel de agência de turismo para que consiga exercer ações mais voltadas à coordenação de projetos e de assistência técnica aos agricultores. De fato, essa opinião também foi mencionada pelos pais e pelos associados mais antigos, como forma de evidenciar que ainda há inúmeras formas de inserção da juventude local, por meio de ações que possam ficar sob a responsabilidade dos jovens. Isso se confirma no fato de que um dos jovens já elaborou o projeto estimulado pelo CEDEJOR com a ideia de criar uma agência de turismo, com sede em sua propriedade. Essa ação é apoiada pela Associação como forma de diminuir a atribuição da função de agência de turismo, ainda hoje creditada pela instituição já que esta é a responsável pela geração de notas fiscais pelos serviços prestados no ramo para a hospedagem e compra de produtos locais.

Foi mencionado ainda que o agendamento para a hospedagem, principalmente por parte de visitantes antigos, já é realizado diretamente com os proprietários. No entanto, verificou-se que o predomínio dessa ação ocorre pelo intermédio da "Acolhida". Esta recebe a demanda dos grupos ou de visitantes individuais por telefone, *e-mail*, ou site da associação. Após esse primeiro contato,

verifica-se a disponibilidade das famílias que hospedam no roteiro, tentando não direcionar a solicitação para nenhuma propriedade específica, mas apenas para aquela que, de fato, possa vir a receber melhor a demanda solicitada. Desse modo, efetua-se o agendamento prévio como forma de preparar as propriedades e os agricultores para estarem atentos quanto à acolhida dos grupos de turistas.

Foi observado que, com relação à hospedagem, as mulheres ficam mais dedicadas a essa função, solicitando, às vezes, a ajuda de mão de obra local, para darem conta da preparação dos quartos e das refeições. Já os homens, normalmente, ficam responsáveis pela apresentação da propriedade e das agroindústrias ou das práticas agrícolas por eles exercidas.

Quanto à remuneração das atividades relacionadas ao agroturismo, foi mencionada a cobrança da taxa de visitação por pessoa, principalmente para aquelas propriedades que somente estão credenciadas à Associação por motivo de visita técnica. A taxa, no momento de realização da pesquisa, era de R\$ 3,00 por visitante. Além disso, é cobrada uma taxa por refeição (almoço ou café colonial, quando solicitados). Pode ainda ser cobrada, no caso das pousadas, a diária que se situa entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00.

De acordo com a análise dos materiais de divulgação e folders que explicam o trabalho desenvolvido, o objetivo da Acolhida na Colônia é “propiciar a valorização do modo de vida no campo através do agroturismo ecológico”. Dessa forma, as famílias abrem suas casas para estabelecer laços de convívio por meio de seu saber-fazer, histórias, cultura e paisagens.

Por meio do Guia de uso do Caderno de Normas da “Acolhida na Colônia” fica evidente a preocupação da associação em manter a qualidade dos serviços agroturísticos, bem como o bem-estar dos produtores associados ao roteiro. Assim, os proprietários têm liberdade de manter suas atividades associadas ao agroturismo, devendo, porém, cumprir regras mínimas de conduta (39 regras para atividades de alimentação, 48, para hospedagem, 44, para atividades de lazer e 12 regras referentes à venda dos produtos) para se manterem como associados. Os preços praticados para hospedagem, guiamento, alimentação e venda direta de produtos da agricultura familiar devem ser acessíveis, por se tratar de um destino que utiliza de estratégias de TBC com princípios que almejam a economia solidária.

Há um comitê de verificação, composto por, no mínimo 3 pessoas indicadas pelos próprios associados, que, a cada 2 anos, realiza a avaliação nas propriedades,

como forma de verificar se o conjunto dessas regras mínimas estão sendo cumpridas. Esse comitê prepara um relatório para cada propriedade, faz observações, sugestões e, por fim, estabelece prazos para a adequação.

Buscou-se, para diferenciar o tipo de turismo ali praticado, o princípio da gestão da atividade por meio da associação “Acolhida”, com foco em práticas agrícolas familiares, oferta de hospedagem e quartos coloniais (aproveitando-se o nível econômico da própria família, sem grandes alterações, ou requinte), apreço pela simplicidade, culinária com produtos locais, com a valorização das práticas agrícolas locais e culturais. Sobretudo, a vocação atribuída ao município de Santa Rosa de Lima como “Capital Estadual da Agroecologia” tem garantido a esse município que seja representado pelas ações da AGRECO e COOPERAGRECO no mercado de produtos orgânicos (GUZZATTI, 2003).

Com a implantação de diversas agroindústrias no entorno de Santa Rosa de Lima, os agricultores também têm a possibilidade da venda direta de seus produtos aos visitantes. Outra forma de aquisição dos produtos ocorre através do ponto de venda existente na Associação “Acolhida”, bem como pelos produtos comercializados pela AGRECO, que são os mais procurados, já que custam um pouco menos no local do que nos estabelecimentos onde são comercializados. Como alguns entrevistados mencionaram, os pagamentos das diárias são intermediados, na maioria das ocasiões, pela associação: esta recolhe uma taxa de manutenção para a associação e, depois, repassa o valor descontado ao agricultor.

Quanto à remuneração atribuída aos jovens, verificou-se que a forma mais direta de pagamento ocorre por meio da atividade de guia local e da venda de artesanato. Já as demais formas de comercialização de produtos e prestação de serviços (refeições e hospedagem) acima mencionados são de responsabilidade dos pais desses jovens, dos agricultores considerados “adultos”.

É interessante destacar que o agroturismo foi entendido pelos jovens como uma alternativa de renda, mas que, efetivamente, os jovens ainda não conseguiram obter a remuneração direta, principalmente através dos meios de hospedagem, devido ao fato de ainda não serem os chefes do empreendimento. Essa constatação atrela-se à sucessão geracional que, de fato, ainda não acontece. No Brasil, normalmente, esse processo se dá apenas no processo de herança, quando acontece o falecimento do chefe de família (BRUMER *et al.*, 1993).

Brumer *et al.* (1993) discutem que pouco se reconhece o processo de transmissão em vida de uma parte da produção aos possíveis herdeiros. Esses autores citam, como exemplo, países como Canadá e França, onde há a transferência progressiva da propriedade dos pais aos filhos, o que permite processos de inserção de novidades e empreendedorismo dos jovens, ao se atribuir responsabilidades e a remuneração do trabalho realizado pelos filhos. Observa-se uma questão de disputa intergeracional, ao se definirem os rumos produtivos na unidade agrícola, visto que os pais tendem a continuar com técnicas já consolidadas, e os jovens estão ansiosos por mudanças mais significativas.

Recorrendo a uma das referências sobre os processos de divisão de renda familiar rural, Chayanov (1981) indicava que esse ciclo de vida familiar é um dos entraves da sucessão geracional, já que os jovens almejam aumentar a sua representatividade social e produtiva, porém esta ainda fica subordinada aos pais. A não flexibilidade desses chefes de família gera limitações e propensão a possíveis dilemas com seus respectivos filhos, o que ocasiona a busca por trabalho externo desses jovens, como forma de alcançar, de fato, uma remuneração por suas habilidades e funções, a fim de diminuir a dependência com relação a seus progenitores.

De fato, transferir tarefas e responsabilidades aos filhos deve também implicar em negociações que possibilitem a obtenção de renda própria para os mais jovens, sem que estes estejam subordinados a um adulto. No caso estudado, alguns jovens já conseguem obter renda por liderar parte das atividades ligadas à produção (produção leiteira) na propriedade; no entanto, com relação à renda proveniente do agroturismo, ainda foi marcante o fato de os pais administrarem essa renda.

Na área direcionada à hospedagem e alimentação, a renda é mais direcionada à mulher (mãe), já que é ela que concilia os afazeres domésticos com a recepção dos visitantes e o preparo das refeições que são servidas. De fato, pôde-se observar, conforme o relato de algumas mães de jovens entrevistados, que o agroturismo possibilitou-lhes não só a obtenção de renda própria como também a melhoria da autoestima, com a valorização, pelos visitantes, do preparo das refeições e cuidado com os detalhes no ato da hospedagem.

4.2 Identificação dos jovens rurais e influências do agroturismo em suas escolhas profissionais

Com base nas informações referentes ao Bloco I – Perfil dos Jovens, do roteiro de entrevistas (APÊNDICE C), os jovens que compuseram o grupo pesquisado foram 7 jovens mulheres e 7 jovens homens, não tendo sido essa proporção intencional.

A média de idade dos entrevistados foi de 24 anos. Observa-se que a idade mínima constatada foi de 18 anos e a máxima, de 39 anos. O indivíduo cuja idade correspondia à idade máxima, por ter sido o único, foi considerado como entrevistado pertencente à fase de vida atribuída como juventude. Considera-se esse indivíduo participante da pesquisa pelo princípio da autoidentificação dos jovens, o qual não necessariamente delimita uma faixa etária fixa, mas considera o jovem como sujeito social, identificado como tal e reconhecido por seu grupo (Carneiro, 1998).

Entretanto, há demandas de movimentos sociais rurais que reivindicam que políticas públicas possam considerar um alargamento da faixa etária para além dos 29 anos, ao menos até 32 anos. Tal demanda é justificada com base em mudanças sociais e no padrão de consumo das famílias, que obrigam o jovem a permanecer mais dentro da unidade familiar de origem, sem formar de fato a sua unidade independente (FERREIRA; ALVES, 2009).

Quanto à declaração dos entrevistados sobre o local de nascimento, a maioria dos jovens indicou que, por conta da cidade de Santa Rosa de Lima não possuir um hospital maternidade, os nascimentos ocorrem em cidades próximas. Nesse caso, a maior incidência foi sobre a cidade de Rio Fortuna/SC (Tabela 1).

Tabela 1 - Local de nascimento dos jovens entrevistados

Local de Nascimento	Frequência Absoluta
Santa Rosa de Lima	5
Gravatal	1
Rio Fortuna	8
Total	14

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Entretanto, durante as entrevistas, apreendeu-se que a maioria dos jovens identificou-se como pertencente, à Santa Rosa de Lima, sobretudo, tendo atribuído

ao local o fato de o nascimento ter ocorrido ali ou nas cidades do entorno (Rio Fortuna, Santo Antônio e Gravatal). Outra menção foi que a maioria deles identificou-se como descendentes de imigrantes alemães, hoje “nascidos” de Santa Rosa de Lima.

A dinâmica espacial desse pequeno município está relacionada com o ambiente rural. De fato, esse local tem o predomínio de sua configuração por estar atrelado ao rural, não só pela baixa densidade demográfica, mas também pelos poucos serviços disponíveis e economia agrícola, situação que corrobora o argumento de Veiga (2006), que defende que o Brasil é, de fato, mais rural do que aparenta, sobretudo, com destaque aos pequenos municípios.

Os jovens aqui estudados pertencem a famílias de agricultores familiares e vivem na área rural do município, com a exceção de uma jovem que reside na área mais central do município por eles chamada de “pracinha”, onde se localizam algumas ruas, casas, algumas lojas de conveniências, mercado, padaria, igreja matriz e as sedes da AGRECO e “Acolhida”. A Figura 4 apresenta algumas imagens que retratam um pouco a região central de Santa Rosa de Lima.

Figura 4– Área central de Santa Rosa de Lima



Fonte: Registros da autora (2012).

Nota: Salão de eventos, Igreja central, Frente da Associação “Acolhida na Colônia”.

Predominantemente, os moradores costumam ter acesso a bens de consumo, lazer, serviços e à continuidade dos estudos mediante a ida (quase diária) até a sede de municípios próximos à Santa Rosa de Lima, como Braço do Norte, Gravatal e Rio Fortuna, além de idas à capital de Santa Catarina (Florianópolis), sobretudo, quanto a questões de exames de saúde, passeios, visitação de parentes e estudos dos jovens que, eventualmente, consigam realizar a graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Sobre a identificação quanto ao grupo étnico, destaca-se a formação dessas famílias a partir de aspectos históricos e sociais atribuídos   imigração europeia das gerações anteriores. Os jovens pesquisados predominantemente identificaram-se como descendentes de alemães (11) e outros dois relataram que suas famílias também foram constituídas por imigrantes italianos (Tabela 2).

Tabela 2 - Grupo  tnico dos jovens entrevistados

Grupo �tnico	Frequência Absoluta
Alemão	11
Italiano	1
Alemão e Italiano	2
Total	14

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

De fato, a imigração marca, de forma essencial, a constituição do local como roteiro agroturístico: as atividades sociais da comunidade são constantes e jovens envolvem-se consideravelmente em atividades, como festas, atividades esportivas, sociais e culturais. Nessa primeira análise, os entendimentos acerca da identidade social desses jovens colaboram com os entendimentos e proposta desta pesquisa.

Para apreender melhor o que seria a noção entendida como identificação, recorreu-se a Peralva (1997), que explica que, antes de tudo, é crucial perceber que identidade decorre de um processo. A identificação é entendida pelos indivíduos e pelos grupos sociais com base nas condições dadas socialmente. Sendo assim, a identificação é resultado de um processo complexo, visto de diferentes formas e interpretações.

Conforme o depoimento de uma das entrevistadas, quando questionada sobre os objetivos futuros na área rural, esta ressalta o sentimento de orgulho e

retoma a identificação de como ficaram conhecidas às gerações anteriores à sua, formadas por colonos.

É que eu tenho orgulho de ser colona! Então, é assim [...] de dar uma vida melhor para meu pai e minha mãe e meus parentes. Mostrar que eu consegui, que lutei, suei a camisa e consegui. E aí com os projetos feitos e com a alegria no rosto, que eu nunca quero perder (referindo-se a alegria). Mesmo com dificuldade a gente sempre tem que ter um sorriso no rosto. E eu quero ser alguém na sociedade, quero fazer parte (Entrevistada n.6).

De acordo com o depoimento da jovem entrevistada, a esta reafirma a sua identidade social vinculada ao processo histórico vivenciado por seus familiares, estes agricultores de origem alemã. Sendo assim, de acordo com Seyferth (2009), que estuda os processos de identidade e diferenciação cultural, essas distinções étnicas, ao mesmo tempo em que atribuem qualidades, também ressaltam estereótipos, principalmente com referência àqueles que foram os pioneiros na ocupação do local mediante o processo de formação das primeiras colônias.

Os imigrantes de origem alemã, com o passar dos anos e também das gerações, incorporaram-se “gradualmente” à sociedade brasileira principalmente entre os anos de 1937 a 1945. Foram conduzidos a uma “campanha de nacionalização”, forçados pelos militares, com base em conceitos cívicos e nacionalistas, por um ideal de um Brasil unificado. Logo, os alemães e outros imigrantes deveriam romper com a barreira do isolamento linguístico e educacional. Esse processo foi impelido pelo Estado Novo de Vargas (1937-1945) como forma de um “abrasileiramento” dos imigrantes. Logo, o primeiro ato de “nacionalização” alcançou o sistema de ensino em língua estrangeira, o que obrigou as escolas das colônias a modificarem seus currículos e a contratarem professores brasileiros, uma medida que impôs, de certa forma, o ensino obrigatório do português nas localidades formadas pelos imigrantes (SCHNEIDER, 2004).

Figura 5 - Desfile cívico do 50º Aniversário de Santa Rosa de Lima



Fonte: Registros da autora (2012).

Esse parêntese na história, de forma resumida, contextualiza o processo de ocupação dos imigrantes tanto de origem alemã como italiana em Santa Rosa de Lima. Em festividades e datas comemorativas locais, como retrata a Figura 5, são recontadas algumas histórias referentes ao processo de colonização desse município. Logo, ressalta-se aqui a menção à historicidade do modo de vida colonial como um aspecto importante de identidade dos jovens entrevistados e que se verificou como um atrativo importante na constituição do roteiro turístico.

Os visitantes, ao se tornarem frequentadores das unidades familiares relacionadas na “Acolhida”, a todo o momento estão envolvidos às memórias nas memórias e nas vivências dos primeiros colonos que chegaram ao local. O passado é referenciado como identidade diferencial por meio da reafirmação dos modos de vida colonial, com ênfase na pequena propriedade, na agricultura diversificada – hoje agroecológica - e na preservação de costumes ligados às gerações de imigrantes.

Portanto, é significativa a diferenciação cultural relatada e observada nos jovens de Santa Rosa de Lima, sobretudo quanto à caracterização como colono. Esse caráter simbólico foi verificado na organização das festividades locais, na própria organização dos “cafés coloniais” servidos nas pousadas das famílias de

alguns dos jovens entrevistados. Portanto, a assimilação ainda como “colono” é presente também no cotidiano desses jovens mediante processos históricos que marcam uma identidade coletiva e de pertencimento em sua organização individual, coletiva, social e cultural, nas palavras de Seyferth (2009 p.292) “uma identidade fundada em sentimentos de vida comum e uma história compartilhada ‘em comunidade’”.

Mesmo hoje, em cidades como Santa Rosa de Lima, busca-se manter essas distinções identitárias, sobretudo por nutrirem a sociabilidade, preferências alimentares, organização do espaço da colônia pelo lote familiar e, ainda, pela divisão do trabalho, casamento e herança ainda com fortes resquícios dos traços culturais europeus (SEYFERTY, 2009).

Assim sendo, compreender essa identificação como colono, refletida também, pelo nome do roteiro, “Acolhida na Colônia”, permite-nos compreender a situação-contexto em que se encontram essas jovens e os rumos que estes almejam em seus projetos de vida.

Com relação ao estado civil dos considerados como sendo jovens, foram identificados jovens mesmo sendo estes casados ou união estável. Como resultado, quatro jovens mulheres afirmaram ser casadas no civil. Algumas mulheres se identificaram como solteiras; outras relataram já estar “morando junto” considerando como sendo união estável. No entanto, a oficialização do casamento perante alguma instituição religiosa ou civil é almejada por elas como um sonho a ser concretizado. Já os jovens homens entrevistados responderam que ainda se consideram como sendo solteiros, sem nenhuma menção ao fato de já estarem mantendo algum tipo de relacionamento estável.

Tabela 3 - Estado civil dos jovens participantes do roteiro

Estado Civil	Homens	Mulheres
Solteiro (a)	7	3
Casado (a)	0	4
Total Parcial	7	7
Total Final		14

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

Mesmo entre os jovens considerados “casados”, de forma oficial ou não, os eles ainda se encontram num limiar entre a autonomia e a dependência com relação à família, de um dos cônjuges. Estes jovens por conta de dificuldades financeiras,

ainda residem propriedade rural dos pais e, como contrapartida, auxiliam na gestão da propriedade, colaboram com as tarefas domésticas e agrícolas, além de complementarem financeiramente a composição da renda familiar, principalmente quando trabalham fora da propriedade. No agroturismo, eles auxiliam nas atividades de recepção dos grupos e preparação dos alimentos, muitas vezes sem remuneração para isso. Logo, de certo modo, os jovens ainda dependem da aprovação dos pais (responsáveis pela propriedade), caso venham a participar dos processos de decisões sobre as atividades na propriedade, sobretudo, na questão de diversificação e inovação.

De fato, no que se refere ao rural, a condição de passagem de um indivíduo jovem para a vida adulta é o reconhecimento social dos membros considerados adultos. Para isso, associa-se a esse reconhecimento a independência financeira, a administração de sua própria unidade produtiva, de forma autônoma, a condição de estar casado e, ainda, de ser o sucessor da propriedade por meio dos processos de herança.

Diante dessas observações, concorda-se com os argumentos de Ferreira e Alves (2009), que defendem que, na lógica da agricultura familiar, as relações sociais dos jovens têm como base compromissos e obrigações familiares. Nesse contexto, contribui com as análises sobre o campesinato o pesquisador russo Chayanov (1981). Mesmo esse autor, ao analisar as relações do universo rural russo, em década e condições totalmente diferentes das que caracterizam a realidade estudada, considera a indivisibilidade da renda na unidade familiar (normalmente centralizada no chefe de família, pai e homem), situação que se torna um dilema, sobretudo para as mulheres e para os mais jovens.

O não recebimento pelos serviços prestados no ciclo de vida familiar e também a centralização das atribuições de produção e renda afetam consideravelmente as relações de trabalho e consumo na família, o que culmina nos dilemas dos jovens entre ficar e sair da propriedade dos pais. Logo, a passagem da condição de jovem para a vida adulta tende a se estender para além das faixas etárias comumente utilizadas pelas entidades envolvidas na formulação de políticas públicas.

Assim, observam-se, entre os jovens entrevistados, diferentes tendências, constituídas por variantes que os representam (ou não). Os indivíduos que pertencem à determinada categoria social, enquanto não atingem a plena

independência financeira, não constituem uma unidade familiar independente ou não constituem uma união estável (o casamento oficial é considerado uma das passagens para o ingresso na vida adulta), buscam alternativas para ultrapassarem as dificuldades que lhes são impostas pelo fato de ainda não serem vistos como adultos. Esses aspectos constituem, assim, demandas, ao mesmo tempo similares e homogêneas, que remetem mais a uma identificação como fazendo parte de uma cultura juvenil do que uma delimitação constitutiva de jovens como sendo centrada na faixa etária.

Já a segunda tendência complementa a questão da diversidade e demandas próprias dos jovens, que carregam em sua constituição como grupo, aspirações de elementos de projeção sobre quais funções irão exercer, qual classe social representam, bem com quais valores e assimilações de mundo se identificam. Trata-se de uma fase caracterizada pela questão da escolha, de que caminho escolher e seguir. No entanto, é o adulto mais próximo e/ou influente que condiciona algum comportamento desse jovem para ele logo passar dessa fase de transição. O jovem será considerado como um tomador de decisões caso assimile características adultas, centradas em responsabilidades, ocupacionais (trabalho e renda); conjugal ou familiar (casamento e responsabilidade em criar os filhos) e, ainda, de provimento de despesas com a habitação. Dessa forma, os jovens foram buscar essas responsabilidades, de forma gradual, ao adquirir, posteriormente, uma identificação como adultos (PAIS, 1990).

Já quando perguntados sobre o nível de escolaridade desses jovens, verificou-se que os jovens entrevistados possuem (ou almejam) alcançar a formação universitária, ou seja, existe a tendência de continuidade dos estudos para além do ensino fundamental e médio. Todos os jovens pesquisados tinham, no mínimo, concluído o Ensino Médio, como pode ser observado na Tabela 4.

Tabela 4 - Nível de escolaridade dos jovens pesquisados

Escolaridade	Homens	Mulheres
Ensino Médio Completo	5	3
Ensino Superior em Andamento	2	-
Ensino Superior Completo	-	4
Total Parcial	7	7
Total Final	14	

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

De acordo com Abramovay *et al* (1998), há mesmo uma preferência mais acentuada pela profissão agrícola pelos homens em relação às mulheres, e o principal elemento que colabora nas diferenças profissionais, entre homens e mulheres, destaca-se quanto ao fator educação. Segundo esse autor, o nível de educação formal já supera os anos de estudos das gerações anteriores (pais e avós). Ainda é sensível a desigualdade entre mulheres e homens quanto à preferência ou não pela atividade agrícola. Mas, mediante as respostas obtidas na coleta de dados, é nítido que as mulheres jovens preferem ter a identidade ocupacional ligada em atividades não agrícolas. Essa afirmação pode ser confirmada, pela Tabela 5.

Dessa forma, sobre as ocupações/profissões, 7 jovens homens identificaram-se como sendo agricultores, 2 indicaram só a agricultura e os outros 4 indicaram a combinação de agricultura e outras funções diversas (estudante, profissões então correspondentes a cada jovem com predomínio das funções de ajudante em panificadora, funcionário público, agrimensor, encarregado na AGRECO).

Tabela 5 - Ocupações/profissões dos jovens entrevistados

Profissões	Homem	Mulher
Agrônomo (a)	-	2
Pedagogo (a)	-	1
Fotógrafo (a) e Artesã	-	1
Artesão (a)	-	1
Tecnólogo em Turismo	-	1
Agricultor	3	-
Agricultor e padeiro	1	-
Agricultor e Funcionário Público	1	-
Agricultor e Agrimensor	1	-
Agricultor e Encarregado AGRECO	1	-
Não soube responder	-	1
Totais Parciais	7	7
Total Final	14	

Fonte: Dados da pesquisa (2012).

De acordo com os dados apresentados na Tabela 5, ocupações entre homens e mulheres mostram-se distintas, sobretudo, pela identificação quanto à profissão de

agricultor, sendo essa resposta predominante aos jovens homens. Com relação às mulheres, nenhuma delas identificou-se como agricultora, mais recorrente a identificação profissional atrelada à sua área de formação no ensino superior (agronomia/ pedagogia/tecnólogo em turismo) ou relacionada às atividades não agrícolas (como artesã/fotógrafa).

De acordo com o trabalho de Garcia-Ramon *et al.* (1995), que estudou a atuação de mulheres e o empreendedorismo motivado pelo turismo em comunidades rurais do interior da Galiza (Espanha), existem diferenças quanto à escolha profissional entre homens e mulheres no meio rural, já que os primeiros estariam mais propensos a fatores externos (fora do ambiente doméstico), enquanto as mulheres estariam mais vinculadas às funções ligadas a fatores internos.

Isto se deve ao agroturismo porque este tem como base a oferta de hospedagem e alimentação combinadas com atividades cotidianas do ambiente doméstico, normalmente, subordinadas às mulheres. De acordo com Sampedro e Camarero (2007), a atividade turística no rural para as mulheres seria a união de duas jornadas: a de cuidado com a família e de produção, que lhes possibilita, assim, a obtenção de renda na unidade familiar. Por várias razões, o agroturismo é entendido e almejado como ocupação mais agradável por não ser necessário enfrentar a penosidade dos trabalhos diários das atividades agrícolas. Conforme o depoimento de uma das entrevistadas, sobre o interesse de seguir a profissão de agricultor, a mesma reforça a superação de dificuldades enfrentadas pelos seus pais e, portanto, não almeja como condição futura o seu envolvimento com o trabalho intensivo na agricultura, mas sim, em outras atividades vinculadas a diversificação, por meio de projetos vinculados ao empreendedorismo na propriedade.

Não, porque meu pai tem uma idade mais assim [...] tem 54 anos e daqui a pouco está pra se aposentar e eu acho assim [...] que ele trabalhou demais. A vida inteira, não conseguiu quase nada [...] tá cansado [...] é tudo a mesma coisa [...]. E daí assim, se você tiver um empreendimento, você é dona do lugar e você pode sair qualquer hora. Pode fazer outras coisas junto e quem é empregado? Tem que ser mandado, não tem hora certa pra sair, tem que trabalhar [...] e quando é obrigado tem sempre que comparecer outro dia. E eu não quero isso pra mim, dependendo dos outros para conseguir o que eu quero. Quero seguir e ser uma administradora da minha vida. É isso (Entrevista n.6).

Nesse depoimento, tornou-se mais evidente, que para essa jovem, as mulheres tendem a não querer seguir a identidade ocupacional de agricultora; no

entanto, elas indicam que, por meio de outras atividades, sobretudo, mediante a prestação de serviços diversificados no meio rural, poderão permanecer na propriedade.

Desse modo, a escolha profissional, sobretudo para as mulheres, ampliou-se com a busca por aperfeiçoamentos por meio do aumento dos anos de estudo e ingresso em cursos de nível superior. Durante todo o trabalho de campo, com relação ao tema de estudo, esses jovens revelaram que gostam de estudar e querem continuar na busca por mais aperfeiçoamento, por meio de cursos de graduação, pós-graduação e de capacitações diversas.

Não é o objetivo desta pesquisa o aprofundamento das questões de gênero. No entanto, no que diz respeito à situação encontrada, concorda-se com Brumer (2007) em que os papéis desempenhados por homens e mulheres na agricultura familiar podem ter vínculos entre um e outro: os dos homens são mais direcionados ao caráter produtivo externo e as das mulheres são desempenhados mais no interno da unidade familiar agrícola. Dessa forma, o homem ainda é cometido de obrigações públicas e de rentabilidade da família, funções exercidas de modo externo, ao passo que as atividades desempenhadas pelas mulheres, associam-se à reprodução (esfera interna e privada), bem como aos de cuidados com os indivíduos.

No entanto, observa-se que esses jovens, principalmente as mulheres, buscam também ocupar mais os espaços das obrigações públicas, participando e opinando nas reuniões das entidades aqui mencionadas. Sobretudo na “Acolhida” as mulheres aparecem desempenhando cargos de gestão e administração da atividade turística, prestando assistência técnica aos produtores e envolvendo-se na organização dos eventos da localidade.

Observa-se que os homens ainda almejam seguir como agricultores, entretanto, de um modo diferente de seus pais. Os jovens homens almejam um caminho diferente, centrado na busca por novas técnicas agrícolas, sobretudo de tendências mais “sustentáveis”, considerando a solidificação do mercado de orgânicos no local, que favorece essa tendência. Já com relação ao agroturismo, os jovens tendem a querer exercer, como função complementar à agricultura, a opção por ser guia local.

As mulheres demonstram querer ao menos cultivar uma pequena horta, criar pequenos animais, no entanto, com relação ao trabalho mais pesado, preferem buscar profissões em que possam auxiliar nas atividades agrícolas. No agroturismo,

preferem associar mais suas profissões aos setores de alimentação, hospedagem, artesanato e até mesmo a cursos voltados ao turismo, agronomia e pedagogia.

Essas diferenças observadas quanto às aspirações profissionais são importantes na compreensão do envolvimento juvenil no que diz respeito aos lugares a que esses jovens se vincularam na atividade turística e, principalmente às habilidades que estarão mais propensos a desempenhar dentro do presente roteiro.

É significativo que, através os jovens, em suas falas, sejam ressaltados aspectos como a memória coletiva e os traços culturais advindos da imigração, principalmente os relacionando às dificuldades e processos vivenciados por suas famílias, sobretudo por meio das gerações anteriores, que chegaram à região e que ali constituíram a cidade de Santa Rosa de Lima.

A próxima seção visa a esclarecer um pouco mais sobre a compreensão do agroturismo nas propriedades: como é organizado, que o interesse dos jovens pela atividade turística, como ocorre a remuneração por esses serviços e qual o reconhecimento desses jovens em relação às iniciativas realizadas por eles mesmos.

4.3 Motivações dos jovens para permanecer no meio rural

Neste item, apresentam-se as considerações levantadas a partir da síntese temática (APÊNDICE E), que corresponde ao conjunto de perguntas do Bloco II - Atuação e Motivações presentes no roteiro preparado e aplicado aos jovens. A discussão a seguir abrange os aspectos que mais chamaram a atenção perante essa síntese temática. O intuito foi analisar os interesses desenvolvidos pelos jovens rurais, principalmente, com relação ao agroturismo.

De forma geral, para esses jovens, o agroturismo foi compreendido como uma atividade alternativa de renda, que promoveu a troca de conhecimento com um forte apelo ao desenvolvimento local. Essa atividade, segundo eles, colabora com processos de autonomia, de valorização local e foi entendida como uma oportunidade de negócios (empreendedorismo) para os jovens do campo. Destaca-se aqui um fragmento de um depoimento de uma das jovens entrevistadas:

É uma alternativa de renda, talvez em alguns casos [...] é o que mantém a família no meio rural, porque a minha família hoje continua no meio rural por causa do agroturismo. Porque se não a gente não tava mais morando lá, se não fosse o agroturismo. Eu fui em 1998, quando a (Maria) foi lá na pousada dos meus pais, na minha casa e falou pra gente como era o trabalho, né [...] e aí a gente começou [...] a principal motivação foi mesmo quando a gente recebeu os primeiros grupos [...]. Aí o pessoal vinha para conhecer as agroindústrias. Tinha cafezinho, a gente preparava o café e saí todo mundo satisfeito. Então, às vezes depois que o grupo ia embora, a gente recebia o pagamento da secretária aqui do escritório [...]. Começava aos pouquinhos, com 30 reais [...] por grupo, [...] o café era bem baratinho na época e aí depois foi aumentando. Depois já recebíamos R\$ 60,00 por um grupo, R\$ 100,00 por outro dependendo agora, é de quem fica mais tempo hospedado, a gente recebe, mas claro que cobre as despesas aqui da mãe (Entrevista n.2).

No depoimento apresentado acima, percebe-se que o agroturismo auxiliou a permanência da família dessa jovem na localidade estudada. Atribui-se ao agroturismo a importância dada à diversificação das atividades exercidas no meio rural. Especificamente, nesse caso, a hospedagem atribui uma renda importante às mulheres, como no caso da mãe dessa jovem, que fica responsável pela acomodação dos hóspedes, preparação das refeições e agendamento das diárias da pousada.

Assim, de modo geral, os jovens tenderam a associar o interesse em colaborar e executar tarefas relacionadas ao agroturismo a partir das ações lideradas pelas seguintes instituições: Associação "Acolhida na Colônia", AGRECO E CEDEJOR. Alguns jovens atuam de forma indireta, trabalhando no escritório: outros, sempre conviveram com a atividade desde a infância. O que, de fato, se manteve constante nas sínteses dos depoimentos foi a integração da produção orgânica local e o agroturismo.

A origem das iniciativas direcionadas ao agroturismo é atribuída ao interesse dos outros agricultores agroecológicos, estudantes, pesquisadores e técnicos rurais pela visita às experiências desenvolvidas por agricultores que passaram a desenvolver técnicas com foco na produção orgânica e comercialização, o que culminou na organização local por meio da Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO). O surgimento dessa associação potencializou a organização das famílias para a criação de outra entidade, com foco no agroturismo, mediante a disponibilidade dos agricultores em receber visitantes.

O depoimento apresentado a seguir é de um jovem, cuja propriedade, mediante a participação em projetos de diversificação da propriedade, voltada para a

pecuária leiteira, mais precisamente, pela inovação promovida com a implementação das técnicas atribuídas ao Pastoreio Racional *Voisin*, tornou-se referência de propriedade rural a ser visitada, justamente, por conta dessa técnica. De fato, a propriedade está envolvida com o agroturismo por meio da abertura para as visitas técnicas de grupo, previamente agendadas pela associação “Acolhida na Colônia”. O jovem relata a atuação no agroturismo:

Através de visitas técnicas do Pastoreio Voisin. É a divisão da pastagem em piqueteamento. No meu caso aqui eu fiz tudo [...] 43 piquetes de mil metro quadrado. Então, cada dia vai trocando o gado, bota num, depois no outro dia coloca no outro. Vai trocando para continuar o ciclo, até para controle de parasitas e carrapatos. Temos 14 e 12 dão leite, e aí vendemos o leite para um laticínio [...]. É o litro sai por 0,81 centavos (Entrevista n.5).

Com base no depoimento apresentado, notou-se que a atuação desse jovem esteve direcionada à implantação de novas técnicas agrícolas, em especial com foco na pecuária leiteira. A adoção de novas tecnologias no meio rural colaborou com o aprimoramento e com a ampliação de atitudes empreendedoras pelos jovens pesquisados.

Conforme Schroeder (2007), o empreendedorismo dos jovens deveria ser estimulado no enfoque do desenvolvimento, sobretudo de um enfoque educacional voltado ao estímulo a habilidades e ideias que propiciem o envolvimento do jovem na propriedade.

De fato, a aplicabilidade de projetos de diversificação à propriedade vem sendo desenvolvida no município pelo Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR), instituição mencionada inúmeras vezes nas respostas apresentadas pelos jovens com relação ao aumento do interesse deles em permanecer no meio rural. Os jovens argumentam que as práticas e trocas promovidas pelo CEDEJOR estimulam a implantação de novidades nas propriedades e na localidade, aumentando sua vontade de permanecer no campo.

Por meio da inserção dos jovens no CEDEJOR, conforme Schneider (2008), mediante práticas centradas na pedagogia da alternância, dá-se ênfase à criação de estímulos de empreendedorismo aos jovens, filhos de agricultores, a fim de desenvolver habilidades técnicas e gerenciais cujo objetivo é a promoção do desenvolvimento local. Como conclui essa autora, o jovem, ao entrar no CEDEJOR, enxerga essas possibilidades e reestrutura suas concepções de mundo, modificando as relações sociais no meio que se encontra inserido.

Esses jovens destacaram os estímulos recebidos como alunos do CDEJOR e também o impulso dado por essa instituição ao desenvolvimento de seus projetos individuais voltados à diversificação da propriedade da família, o que torna comum o direcionamento de projetos, por alguns desses jovens com ênfase no agroturismo desenvolvido em Santa Rosa de Lima/SC.

A ocupação como guia local é mencionada mais de uma vez como uma atuação desenvolvida pelos jovens. Isso se deve a cursos de capacitação aplicados pela “Acolhida” para que estes possam ser os guias dos grupos visitantes, relatando, assim, histórias do município, bem como participando na condução dos visitantes aos atrativos naturais e históricos - culturais do município.

As estratégias de capacitação ocorreram em conjunto com o início dos trabalhos de sensibilização e planejamento turístico para a organização da localidade para o início dos processos de formação do roteiro. Essas ações e atividades iniciais foram relatadas no trabalho de dissertação de Guzzatti (2003). A autora relatou, em sua pesquisa, as estratégias utilizadas na implementação do projeto piloto e efetivação do roteiro de agroturismo, primeiramente no município de Santa Rosa de Lima e que, depois, se expandiu para outros municípios do entorno e outras regiões próximas. O fato é que, com base em estratégias de desenvolvimento local foram colocadas em prática iniciativas com base em metodologias participativas. Desse modo, os agricultores organizaram-se e consolidaram as ações direcionadas ao turismo por meio da formação de um grupo de interessados. Essa articulação entre os agricultores culminou na formação da Associação “Acolhida na Colônia”, que atualmente objetiva suas ações também para a inclusão dos jovens rurais nas atividades de organização do agroturismo e novas iniciativas.

Sobre esse tema, os jovens querem implementar, no roteiro turístico, iniciativas direcionadas à diversificação das atividades turísticas na localidade, voltadas às práticas como guia local ao cicloturismo e ao turismo de aventura. Essas iniciativas colaboram e acentuam a inserção do jovem mais como guia local, ou seja, em atividades mais externas ao ambiente doméstico e às atividades agrícolas. É como se iniciativas tidas como mais “inovadoras” ficassem de fato de responsabilidade do jovem, mas a hospedagem e a alimentação ainda permanecessem no domínio da esfera de responsabilidade dos agricultores, chefes de família, pais dos jovens.

A respeito dessa dificuldade de remuneração interna para os jovens, que poderia motivá-los a se interessarem mais pelo agroturismo, sobretudo no auxílio às atividades de recepção, alimentação e hospedagem, segue o depoimento de uma das mães dos jovens entrevistados, que também foi uma das primeiras fundadoras da “Acolhida”:

Eu acho assim [...] que nem [...] tem uns que nem estão tão interessados [...] mas, também [...] talvez que nem [...] os meus filhos foram bem interessados, mas sempre a gente procurou dá um incentivo [...] dar um dinheiro pra eles também [...] pra eles administrar o dinheiro deles. Então, se o jovem trabalha na propriedade ele tem direito de receber! E eu vejo em propriedades que o jovem não recebe nada [...] e isso acaba desestimulando. Porque cada jovem quer mesmo comprar um tênis, uma roupa [...] não quer estar pedindo para o pai. Então, lá em casa a gente sempre paga, uma quantia por mês [...] tipo um salário [...] assim [...] para estimular eles. Aí, eles administram isso aí [...] e trabalham com mais entusiasmo [...] para tocar o projeto pra frente (Entrevista n.06, informante-chave).

De acordo com o depoimento acima, essa mãe de dois dos jovens entrevistados chama a atenção de que, como estímulos à permanência dos mais jovens, os pais deveriam realizar o pagamento pela prestação de serviços nas áreas de hospedagem e alimentação, já que justamente estabeleceriam uma renda efetiva para os filhos e esses poderiam se sentir mais valorizados. Uma questão importante colocada por essa mãe é sobre o consumo, inserido na prática diária desses jovens. Numa lógica de identidade cultural, por meio das facilidades de acesso a outras cidades, aos meios de comunicação e pela vinda dos próprios turistas, esses jovens rurais também desejam consumir bens e serviços e também buscam a independência financeira como objetivo. Ou seja, fica evidente que os jovens rurais são atores sociais locais e que constroem seus valores também com influências dos centros mais urbanizados.

De fato, assumir a profissão de agricultor passa a ser um desafio aos mais jovens que hoje se encontram num limiar de acesso à informação, comunicação e, principalmente, com a possibilidade de escolher outras profissões, já têm acesso a um grau de escolaridade mais elevado com possibilidades de obter a graduação. Muitos deles já estão formados e encontram-se atuando em suas áreas afins; outros almejam iniciar uma graduação assim que tiverem condições de fazê-la.

Como explicitado nesse capítulo, as motivações dos jovens em permanecer em Santa Rosa de Lima estão diretamente ligadas à sua atuação nas instituições,

muitas das quais são parceiras de muitos projetos de diversificação das atividades agrícolas e não agrícolas desse município.

A organização do agroturismo está centrada nas ações intermediadas pela associação “Acolhida na Colônia”. Alguns dos jovens entrevistados já atuam na associação tornam-se referência devido a isso e retornam ao município, passando a conciliar a escolha profissional e o objetivo de vida com o de continuarem, futuramente, a residir em Santa Rosa de Lima – SC. De tal modo, o agroturismo, segundo os jovens entrevistados, é uma atividade que traz perspectivas interessantes quanto às suas escolhas profissionais e ao desenvolvimento de suas habilidades voltadas a iniciativas inovadoras ao roteiro.

O próximo item revela uma pouco mais não só sobre as motivações como também sobre a questão da permanência e das habilidades já desenvolvidas a partir dos estímulos empreendedores recebidos.

4.4 Incentivos à educação empreendedora

Este item busca responder ao terceiro e quarto objetivos específicos. A discussão geral é equivalente às perguntas relacionadas ao Bloco III, cujas sínteses temáticas (APÊNDICE F e G) tiveram como objetivo investigar os fatores que contribuem para a permanência dos jovens pesquisados no local de estudo e, ainda, sobre seus objetivos de vida e expectativas futuras.

De acordo com as análises realizadas, destacam-se, três blocos de temas mais frequentes sobre a permanência. São eles:

- a) projetos, participação no CEDEJOR, dependência financeira dos pais;
- b) turismo, autoestima, ficar no local, estudos e capacitações;
- c) qualidade de vida.

Na sequência, serão discutidos esses blocos de temas, com ênfase nos fatores que forçam a permanência desses jovens nas áreas rurais; posteriormente, serão trazidos os aspectos relacionados aos objetivos de vida e às projeções e expectativas futuras.

Com relação ao tema projetos, este se relacionou ao fato de as Associações, tanto AGRECO, como a Acolhida, conduzirem os interesses e a organização dos

agricultores nas chamadas de editais com a finalidade de obter projetos financiados pelo governo municipal, estadual, ou federal. O mais recente deles, muito citado na ocasião da coleta de dados, foi o SC Rural. Foi assim que os entrevistados referiram-se a esse projeto, relatando que, por meio de sua execução, haveria oportunidades para melhorias de infraestrutura tendo em vista recebimento de turistas para pernoite. Mediante a liberação de recursos financeiros, seriam efetuadas as construções de estruturas voltadas à hospedagem e alimentação, em especial para aqueles agricultores que ainda não tinham direcionado investimentos com essa finalidade.

De acordo com as informações colhidas no site da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, esse projeto é chamado oficialmente de Programa Santa Catarina Rural – Microbacias 3 (SC Rural). O referido programa possui um orçamento estimado de US\$ 189 milhões, dos quais, 90 milhões são oriundos do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e o restante desse montante é a contrapartida do governo do estado de Santa Catarina. O objetivo desse projeto é estimular iniciativas para a melhoria da competitividade do setor agropecuário, potencializar a gestão de recursos hídricos e, ainda, promover o aprimoramento de práticas sustentáveis realizadas por instituições e agricultores familiares. Esse programa foi conveniado com as Secretarias de Agricultura; de Turismo, Cultura e Esporte; Desenvolvimento Econômico e Sustentável; Infraestrutura; Segurança Pública e Defesa do Cidadão; Polícia Ambiental, Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (CIDASC), Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (FATMA) (SANTA CATARINA, 2012).

Para o agroturismo, e mais especificamente para a AAAC, serão destinados recursos para a execução de 30 projetos, com foco no desenvolvimento da agricultura familiar. Trata-se de 20 projetos novos e outros 10 projetos já existentes, conformando um orçamento global de R\$ 6 milhões, prevendo-se a distribuição de cerca de R\$ 1 milhão por ano (SANTA CATARINA, 2012).

Até o momento da coleta de dados, as famílias estavam sendo avaliadas e preparadas para organizarem os projetos que seriam apoiados nessa primeira fase. Tanto a prefeitura municipal como a AAAC e a AGRECO trabalharam em parceria para captar esse recurso.

Outros jovens relacionaram com “projetos” a “participação no CEDEJOR”. Esse centro está vinculado ao Instituto Souza Cruz (empresa do ramo de fumo). O CEDEJOR foi criado no ano de 2001 com o intuito de promover atividades direcionadas aos jovens mediante regime de alternância. Num período de três anos, os jovens passariam por um regime de alternância de 40 horas mensais no Centro realizando tarefas direcionadas à propriedade rural. No Centro, estariam recebendo estímulos através de palestras, oficinas, seminários, apresentações e cursos voltados ao empreendedorismo rural com o objetivo de estimular a permanência deles em suas respectivas localidades.

O CEDEJOR foi implementado em quatro núcleos: No Rio Grande do Sul, nos municípios de São Martinho, Santa Cruz do Sul e Rio Parto e, em Santa Catarina, na cidade de Lauro Müller. O CEDEJOR é a unidade citada pelos jovens de Santa Rosa de Lima. Trata-se de uma Sociedade Civil de Interesse Público, cuja finalidade “é contribuir na formação educacional de jovens rurais empreendedores de modo a estimular o protagonismo e processos de desenvolvimento local” (INSTITUTO SOUZA CRUZ, 2013).

De acordo com os jovens, seu acesso ao CEDEJOR facilita muitas interações entre eles e a proposição de novos projetos que incluem o direcionamento para as atividades de agroturismo. Algumas ideias de projetos foram desenvolvidas pelos jovens pesquisados por meio do CEDEJOR, como, por exemplo: projeto de implantação de uma tirolesa (foco em turismo de aventura); agência de turismo, curso de fotografia, pastoreio racional *voisin*, entre outros projetos por eles mencionados. Muitos desses projetos influenciaram a escolha profissional dos jovens, conforme já mencionado.

Logo, com relação ao desenvolvimento das habilidades dos jovens no agroturismo, o CEDEJOR aparece como entidade que mais influencia nesse processo. De acordo com os jovens pesquisados, esse Centro pode estimular tanto as ações empreendedoras que poderão ser desenvolvidas quanto as atividades agrícolas e não agrícolas nas propriedades de suas famílias. O fragmento de depoimento apresentado a seguir é representativo da possibilidade de os jovens aderirem ou não o direcionamento para o CEDEJOR.

Olha eu acho que [...] para os jovens que são mais dinâmicos [...] que tiveram que sair, terminaram o ensino médio ou entraram para o CEDEJOR, eles ficam porque eles aprendem a valorizar isso (Entrevista n.10).

De acordo com o depoimento acima, a entrevistada mostra que os jovens mais dinâmicos, ou seja, os mais atuantes são os que saíram de Santa Rosa de Lima, ou entraram no CEDEJOR. Para ela, a saída de jovens por motivo de estudos propiciou o retorno destes e a ressignificação dos seus vínculos com o rural. Essa dinâmica imprimida pelo CEDEJOR tende a estimular projetos de vida dos jovens, que buscam a diversificação da propriedade, por novos aprendizados ou por um “negócio próprio” na propriedade, para que, assim, possam obter uma renda adicional. No entanto, é contraditório, que ao mesmo tempo em que esses jovens são estimulados ao empreendedorismo, a dominância dos pais sobre a propriedade pode barrar essas iniciativas. O jovem detém o conhecimento e almeja processos de mudanças e independência financeira, mas, caso ainda dependa exclusivamente dos pais, isso pode se transformar num grande dilema, tanto para o jovem como para a família.

Logo, a preocupação aqui demonstrada são os dilemas psicológicos e sociais que envolvem a problemática da juventude. De acordo com Bourdieu (1983), a fase é marcada justamente por essa situação de incertezas e de questionamentos quanto ao pertencimento, ou seja, quanto a ficar ou não nas propriedades rurais, o que pode estar muito além da vontade dos jovens, mas vinculado às oportunidades e às condições que o rural tem a oferecer.

A evidência de dependência com relação aos pais é ressaltada principalmente quando os jovens ainda são considerados solteiros. O casamento ainda é mencionado como uma das possibilidades dos jovens de buscarem autonomia sobre a superioridade dos pais. No entanto, os jovens reforça a opção em permanecer na casa dos pais por conta da identidade com o local, da qualidade de vida e das possibilidades de estudo em universidades do entorno. Tudo isso ocorre pelo fato de ambicionar em algum tipo de independência financeira com relação aos pais através do estudo, para, assim, desenvolver em suas habilidades no meio rural.

Em outro trecho de entrevista, torna-se claro que o jovem pode desenvolver suas habilidades com foco no agroturismo e na produção agroecológica por meio dos estímulos empreendedores de sua participação enquanto aluno do CEDEJOR. Esse jovem revela que a entidade desenvolveu mais a sua comunicação e

expressão, por meio de palestras e interações com outros jovens de mesma idade. Além disso, essa participação propiciou que o seu projeto individual fosse dirigido ao turismo de aventura, que ainda não foi implantado.

Eu fiz o CEDEJOR, eu fiz o curso de turismo [...] de guia da EMBRATUR [...] tinha até credencial, eu fiz [o curso] de agrobiodiversidade e fiz uns outros aí pela Acolhida. O meu projeto no CEDEJOR a princípio era a tirolesa, turismo de aventura. Só que...pra mim foi inviável no começo [...] eu não tinha dinheiro e tal [...] e aí pra fazer um projeto [...] quase que impossível [...] daí eu fiz em duas partes, uma que era a melhoria da agroindústria [...] para uma reforma e assim da outra parte seria a tirolesa. Eu aprendi muita coisa no CEDEJOR, como um meio de comunicação assim [...] que deu a possibilidade de comunicação e expressão, mas quase tudo que eles trabalhavam lá a gente já trabalhava em casa já [...] ou não trabalhava aqui, mas já se conhecia né [...] através de palestras e cursos [...] Eu aconselho que todos os jovens do meio rural façam, pra quem é do meio rural é muito importante. Ele (curso) abre a cabeça do jovem para ele ver o quanto é bom e ver as oportunidades que se tem no meio rural, na tua propriedade. Oportunidades que estão ali e não enxerga [...] que ninguém enxerga. Porque faz umas dinâmicas umas coisas assim [...] que você pode relacionar com várias coisas, que não é bom estar só na monocultura [...] Então, é bom assim [...] de ver experiências, no caso o pessoal já veio aqui, para ver o desenvolvimento turístico para os jovens [...] para incentivar, vir e acompanhar como é que é [...] vir atrás de técnicos [...] o que eu acho só é que você se formou no CEDEJOR e depois tipo [...] não te dá mais nenhum suporte. Acho que deveria ter depois um acompanhamento para o jovem, sei lá [...] porque às vezes depois o jovem desanima, porque pode não dar certo [...] e abre mão. Então, eles deveriam ir lá e falar acho que poderia fazer isso, ou aquilo [...] de ter um acompanhamento no meio rural. Mas, eu acredito muito que isso ainda vai acontecer. (Entrevista n.13).

O depoimento do jovem anteriormente apresentado ressaltou que o CEDEJOR teve um papel importante quanto à sua formação também nas capacitações com foco no agroturismo. O jovem mencionou que, antes, tinha a idealização de fazer o curso de Medicina Veterinária e que, no entanto, devido às condições financeiras e ao fato de sua família sempre ter sido muito envolvida com o agroturismo, chegou à conclusão de que poderia direcionar suas habilidades realizando cursos direcionados ao agroturismo. Por conta disso, tornou-se guia local. Além disso, ele ainda continuou seus estudos e se formou também como técnico em Agrimensura, passando realizar trabalhos de consultoria em várias outras propriedades da região, o que complementou a sua renda e proporcionou-lhe independência financeira.

É importante ressaltar aqui a observação levantada por esse jovem sobre outros colegas, que, em condições diferentes das que ele possuía e por não

encontrarem algum outro estímulo ou aptidão, de certa forma, encontram no CEDEJOR uma referência.

Por isso, a comunicação e as identidades coletivas são ressaltadas por meio das interações promovidas no CEDEJOR. Com isso, esses jovens poderão vir a praticar transformações necessárias ao próprio roteiro turístico. Além disso, também como mencionado por outros jovens, as palestras, interações e cursos promovidos por meio da metodologia de alternância proporciona uma maior desinibição, o que pode favorecer o atendimento aos visitantes nas propriedades de suas famílias.

O desenvolvimento de habilidades para a gestão de negócios, o empreendedorismo, a comunicação, entre outros aspectos, constituem uma identidade ocupacional por essa instituição, ainda que momentaneamente. Para esses jovens, o CEDEJOR funciona como um manancial de respostas a certos anseios e expectativas além de proporcionar o desenvolvimento de habilidades que contribuem na decisão sobre a escolha da profissão que irão exercer.

O objetivo aqui não é analisar o CEDEJOR, mas o modo como este surge como referência no que diz respeito às motivações desses jovens por terem optado por permanecer nas áreas rurais. No entanto, cabe ressaltar a crítica feita por Schneider, C (2008), que pesquisou as representações sociais de egressos do CEDEJOR no município do Vale do Rio do Pardo (RS). De acordo com seu trabalho de dissertação, a instituição eleva a autoestima dos jovens durante os três anos de formação no centro. A autora concluiu que o empreendedorismo é central para essa entidade, no entanto tende a provocar algumas situações de conflitos familiares, já que o jovem passa à condição de detentor de mais saber do que os pais e almeja diversificar a propriedade, o que provoca resistências. Os jovens por ela estudados não passam a impressão de estarem frustrados por não conseguirem colocar suas ideias em prática, entretanto acabam buscando outras capacitações ou cursos universitários.

O que chama a atenção sobre a influência do CEDEJOR são as expectativas criadas e direcionadas aos jovens. É intrigante que esse instituto, tendo como mantenedor, o Instituto Souza Cruz, exerça ações de visem à busca pela diversificação agrícola por meio da agroecologia, que, conseqüentemente, irá diminuir sua oferta de produtores que ofereçam a sua principal matéria-prima de interesse, que é o fumo. Parece contraditório, no entanto, por não ser o objetivo dessa pesquisa analisar o impacto das ações dessa instituição quanto a essa

percepção, que se ressaltem aqui as iniciativas promovidas por esse Centro, voltado à criação de estímulos empreendedores aos jovens da região, na criação de alternativas e outros meios de produção e serviços que aumentem a motivação dos jovens em permanecer nas propriedades rurais.

No caso de Santa Rosa de Lima, alguns projetos idealizados estão sendo efetivados, como por exemplo, os que envolvem o pastoreio racional *voisin*, plantio de palmito juçara, criação de abelha nativa. Especificamente na área de agroturismo, alguns jovens ainda aguardam por recursos financeiros e principalmente, mais incentivo da família. Conclui-se que, para os jovens entrevistados, o CEDEJOR é a referência como espaço reservado para a juventude, compartilhando com eles dificuldades e idealizações. Nesse espaço, de acordo com os jovens, houve estímulos ao empreendedorismo por meio da proposição de projetos individuais para a diversificação da propriedade. No entanto, como medir se esses incentivos estão sendo efetuados realmente, ou seja, como saber se os jovens conquistaram de fato mais autonomia? Talvez essas questões possam ser respondidas futuramente, com a proposição de outras pesquisas que tenham como foco compreender a atuação no CEDEJOR, para este caso em específico.

Portanto, como mencionado por outros jovens, as palestras, interações e cursos promovidos por meio da metodologia de alternância de integração com outros jovens e da implementação de projetos individuais nas propriedades impulsiona estímulos empreendedores, indo ao encontro da educação empreendedora a que se refere Schroeder (2007). Ao mesmo tempo, concordando com Seligmann-Silva (1994), que analisa às relações de poder e condições de trabalho com foco nas relações que são alteradas entre sujeito e organização, sobretudo, com relação ao medo da perda do emprego e vulnerabilidade quanto às questões de dominação e controle, ressalta-se que os trabalhadores mais jovens vivem em um limiar entre o sentimento de apatia e animação, o que conseqüentemente, afeta sua confiança principalmente em situações de desemprego.

A situação encontrada em Santa Rosa de Lima favorece oportunidades empreendedoras dos jovens, mediante a visibilidade que o município alcançou com as atividades de agroturismo e agroecologia, no entanto eles mencionam que ainda necessitariam de outros cursos e capacitações que oferecessem um

acompanhamento, não somente baseado em teorias, mas na aplicação dos conhecimentos adquiridos voltados para a propriedade rural.

Desse modo, eles enfatizam que até mesmo o CEDEJOR deveria oferecer um acompanhamento para seus egressos não somente como forma de concretizar os projetos idealizados por meio dessa instituição, mas também como forma de reforçar aos pais que os jovens têm a necessidade de colocar esses projetos em execução, até mesmo para não sentirem a necessidade de migrar para o meio urbano atrás de emprego.

Na próxima seção, serão abordados itens como a busca dos jovens pelo desenvolvimento de suas habilidades, as oportunidades advindas por meio do aperfeiçoamento dos estudos e a necessidade do uso da internet como estímulos para a continuidade dos jovens no meio rural.

4.5 Estímulos às habilidades: a busca por oportunidades de estudo e o acesso à internet

Nesse item, trata-se de ações realizadas pelos jovens quanto a questão do desenvolvimento de suas habilidades, tanto na propriedade familiar como na AAC e na sua região de entorno. Além disso, descreve-se a experiência dos jovens com relação ao acesso à educação e também internet, levantando-se, assim, a questão dos híbridos culturais, acentuando-se processos de conectividade e diversificação das ações e iniciativas juvenis.

Destacam-se aqui as idas e vindas diárias de alguns jovens até outros municípios (Braço do Norte, Grão-Pará, Anitapólis) que estão localizados no entorno de Santa Rosa de Lima. O estímulo que mantém esse fluxo entre as cidades pode ser atribuído à busca por melhores condições e oportunidades de estudos. Logo, por conta disso, o poder público municipal disponibiliza o transporte gratuito para os jovens até escolas e universidades da região. O intuito é possibilitar que o jovem possa ir e voltar todos os dias e permanecer nas propriedades rurais. Os estímulos fornecidos por meio da educação são vistos como um potencial de empreendedorismo e de aplicação dos conhecimentos adquiridos na localidade.

Alguns desses jovens já moraram em outras cidades, motivados justamente pela motivação de continuidade dos estudos ou por melhores oportunidades de trabalhos. Entretanto, atualmente nota-se que alguns já retornaram para a

comunidade. Com as habilidades desenvolvidas por meio da formação almejada, a jovem 2 e o jovem 13 passaram um tempo fora do município e fazem questão de inserir seus projetos de vida, no momento atual, em Santa Rosa de Lima, já que conseguem trabalho na região com a formação profissional que obtiveram. Além disso, cada um já conseguiu os meios para a construção de casa própria na propriedade da família, como forma de busca por maior autonomia, mas sem necessitar sair do meio rural.

Outro tema muito mencionado se ateuve às constantes menções ao acesso à internet. De fato, o sinal é fornecido por uma torre de transmissão municipal com sinal gratuito aos munícipes. Esses apenas têm que adquirir uma antena de captação para que possam utilizar o sinal. Mesmo nas propriedades mais distantes, o sinal de internet é recebido com qualidade. No depoimento apresentado na sequência, foram descritas essas melhorias, quanto ao acesso à internet, às formas de lazer e a obtenção de recursos financeiros:

Bom agora, tá melhorando muito aqui em Santa Rosa de Lima para o pessoal do meio rural. Agora tem internet em casa, de graça [...] não sei de cidade alguma no Brasil que existe isso, deve ter pouquíssimos. E agora, tem como aumenta capacidade porque a oferta é muito boa porque a internet chega com sinal bom e, por exemplo, para baixar filmes [...]. Então, se o jovem antes tinha desculpa [...] quero ir porque não tem internet, não tem telefone [...] hoje isso já é passado né. (Entrevista n. 13).

Conforme observado na pesquisa de campo, o sinal de internet é aberto e gratuito, cobrindo mais de 70% da área territorial do município, bastando apenas que as famílias adquiriam uma antena receptora do sinal para obter o acesso municipal. Na praça central do município, por exemplo, ficam disponibilizadas tomadas de energia, para que jovens e adultos possam conectar seus computadores portáteis ali mesmo, já que a tranquilidade do município oportuniza tal processo. Essas facilidades, ligadas ao avanço da tecnologia, sobretudo do uso da informática, facilitam as interações entre os jovens e as atividades de educação e de lazer.

Vê-se que, de certa forma, abre-se a oportunidade para a criação de oportunidades locais, o que favorece a permanência dos jovens no local e beneficia o roteiro turístico, uma vez que esses jovens tentam obter incentivos e colocar em prática as suas ideias na comunidade. Além disso, observou-se que essas iniciativas colaboram com o desenvolvimento da localidade, aja vista que os estímulos à

educação oportunizam a esses jovens estudarem, mesmo que em municípios vizinhos, retornando todos os dias para as suas propriedades. Sobre esse fato, menciona-se tanto o acesso às universidades particulares do entorno, como à Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e também à universidade pública (UFSC). Outra observação complementar é de que o município oferece o transporte gratuito dos estudantes até essas universidades. O objetivo dessa medida é não somente viabilizar o aprimoramento profissional, mas também incentivar os jovens a continuar morando na localidade.

Os jovens pesquisados apresentam condições especiais, o que favorece na sua inserção em mercados diversificados, incluindo atividades não agrícolas e também a agricultura orgânica. As facilidades de incorporação de novidades e de tecnologia, como o uso de computadores, internet, e os intercâmbios de conhecimentos providos no ato do recebimento dos visitantes, envolvem também situações de aprendizado e de trocas culturais. Esses elementos contribuem para atitudes mais dinâmicas desses jovens, uma vez que, ao buscarem atividades que proporcionem alternativas de renda, passam a agregar a estas a valorização das influências sociais, culturais e da própria comunidade.

Assim, percebe-se que, entre esses jovens, as interações foram facilitadas pela comunicação por meio da utilização da internet. Mesmo que, no fragmento apresentado pelo jovem, este tenha opinado que, eventualmente, o uso em excesso pode limitar a interação social com outros jovens, já que poderá haver a preferência por ficar em casa ao invés de sair com outros jovens de mesma idade, o acesso à internet pelos jovens foi enfatizado como um facilitador da permanência do jovem em casa – o que foi confirmado em depoimentos dados pelos pais. De acordo com o depoimento abaixo, o jovem demonstra que prefere morar na propriedade da família já que o sinal da internet é melhor, o que facilita a sua interação e comunicação com outros jovens:

Bem, eu acho que foi a valorização da agricultura de ser agricultor, deixa eu ver o que mais, quer dizer, não estar tão isolado, como era antes. Porque antes tinha falta de comunicação e agora tem internet, aqui ou no campo é quase a mesma coisa. Bem, eu acho que é isso. Que nem, eu não queria morar lá em cima (propriedade), mas agora tem internet lá também, daí eu to direto lá né. (Entrevista n.11).

Nesse caso, por conta das dinâmicas locais e de estímulos à tecnologia, educação e de mudanças no padrão sócio-técnico, os jovens tendem a permanecer em Santa Rosa de Lima ao invés de deixar as propriedades de suas respectivas famílias. Além disso, o fator educação mostra-se como fundamental para a permanência desses jovens nesse pequeno município. As capacitações com foco no Agroturismo e na produção orgânica foram enfatizadas como importantes para a tomada de iniciativas, que, em conjunto com os estímulos empreendedores, possibilitem aos jovens abrir seu próprio negócio, ou conseguir parte de alguma atividade dentro da unidade familiar como forma de buscar mais independência.

Além disso, a chegada do Polo Universitário da UFSC, trazendo o curso de Educação no Campo para Santa Rosa de Lima, também motivou alguns desses jovens a prestarem o exame vestibular. Consta, até o momento, que dois desses jovens estão regularmente matriculados.

Carlos Rodrigues Brandão tecendo considerações sobre a educação, afirma que “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.” (BRANDÃO, 2007, p. 10). Para esse importante pesquisador brasileiro, a educação fundamenta-se dentro de sua própria cultura, em situações de afetividade, relação homem-natureza, o que também inspira a “ser alguém”. Ou seja, a construção desse sujeito social, sobretudo, para esta análise de juventude, recai sobre os contextos e as identificações próprias dessa fase da vida.

A educação, portanto, é central na constituição dos projetos de vida dos jovens pesquisados. Eles almejam obter uma gama de informações, conhecimentos técnicos e teóricos, populares e acadêmicos, entre outros. Segundo os depoimentos aqui selecionados, esses jovens almejam desenvolver suas habilidades por meio de cursos e de capacitações com ênfase no ambiente rural, especialmente para a agricultura orgânica.

É nesse sentido que, nesse caso, a educação impulsionou os jovens a buscarem alternativas de emprego e renda para permanecer no município. Dessa forma, a atenção para as atividades de agroturismo, a oferta de serviços à comunidade e o envolvimento deles na produção orgânica são vistos como aspectos favoráveis à permanência do jovem em seu município.

O agroturismo foi valorizado por esses jovens como uma oportunidade que acentuou o processo de valorização da vida nas áreas rurais, sobretudo a partir das

trocas de conhecimentos entre jovens e visitantes, estes últimos, interessados em conhecer mais sobre a comunidade, o tipo de produção das propriedades, a paisagem e a cultura locais. Por esses aspectos, o agroturismo viabiliza, neste estudo de caso, a convivência da juventude local com essas com essas interconectividades entre os territórios, principalmente no que diz respeito ao *continuum* rural-urbano.

De acordo com Wanderley (2007), deve-se levar em consideração também a ambiguidade existente no desafio de se analisar o universo em que se constituem os pequenos municípios, como se percebe no caso estudado. Os códigos de relações sociais são diferenciados, e, portanto, há um interconhecimento no modo como esses agricultores e seus filhos organizam suas próprias vidas. Constantemente, esses municípios foram designados pela palavra “interior” e a capital, Florianópolis, pela designação de cidade. Isso demonstra que a interação de ir e vir, entre interior e cidade, é verificado como acesso a bens e serviços, o que facilita, inclusive, as dinâmicas de demanda potencial dos moradores urbanos de Florianópolis ao roteiro turístico desse caso analisado.

Possivelmente, o que poderá colaborar com a maior adesão dos jovens aos projetos em curso no município, sobretudo, os que se relacionam ao agroturismo, está acentuado na questão do acesso à comunicação e da mobilidade espacial desses jovens a municípios médios e grandes, que são mais próximos.

Assim, constantemente essa pequena localidade sofre as interferências “dos de fora” (visitantes), mediante assimilações do global com o local, o que, conseqüentemente, interfere na identidade local dos jovens. Essas interações facilitam ainda mais os processos de receptividade do município ao agroturismo, o que propicia estímulos e motivações para que os jovens continuem a residir em Santa Rosa. A questão da autoestima dos jovens é reforçada por meio da atividade turística, que se volta à valorização dos costumes locais e históricos, das formas de produção agrícola (marcada pela adesão à agroecologia), desses aspectos culturais (festividades, gastronomia e histórias de vida) dos descendentes de imigrantes alemães, o que consolida ainda mais essa experiência de turismo de base comunitária.

Ainda conforme a análise das entrevistas dos jovens observou-se que o rural foi valorizado por esses jovens por meio das ações e dos projetos coordenados por três instituições atuantes na localidade: a AAAC, a AGRECO e o CEDEJOR (em

Lauro Müller, município próximo). Notou-se que, entre elas, há a articulação colaborativa no sentido de reforçarem a valorização local, historicidade, características sociais, culturais e ambientais, como forma de dinamizar as ações voltadas ao agroturismo e à agroecologia.

Entretanto, sobre os projetos de vida dos jovens analisados, concordando com Spanevello (2003), estes ainda carecem de mais individualização com relação à família. Dessa forma, novas oportunidades de trabalho no meio rural possibilitarão renda e ascensão social, em consonância com o aprimoramento escolar e profissional, que esses jovens tanto têm buscado.

Os jovens entrevistados enfatizam a busca por oportunidades de estudos nas cidades do entorno e a opção de permanecerem residentes em Santa Rosa de Lima, sobretudo pelas oportunidades de trabalho por meio do agroturismo, valorização do local e qualidade de vida.

Acho que o contato com o local que nasceu, com a família, é o conhecimento que tá fácil de tá perto aqui, vai ter um polo da Universidade Federal aqui, né [...] tem transporte que vai todos os dias para Tubarão a Universidade, então ele não tem mais essa necessidade de sair pra cidade. O emprego ele encontra aqui, no próprio agroturismo e eu acho que é isso. Porque o que ele quer [...] ele encontra aqui. Então, o que possibilita o jovem a ficar aqui é essa a possibilidade de trabalhar, oportunidade de lazer e de estudo (Entrevista n. 2)

Tranquilidade, respirar um ar mais puro, o verde os bichos [...], se você olha ali naquelas árvores tem uns bugios ali [...] é a coisa mais sei lá [...] eu gosto de natureza, de silêncio, de paz. (Entrevista n.9)

É interessante ressaltar que os jovens rurais têm a opção de sair de sua comunidade. No entanto, notou-se que os estímulos existentes, mediante as parcerias entre as entidades, nas atividades desenvolvidas por meio do agroturismo, educação e agroecologia, proporcionam a esses jovens oportunidades para ficarem na área rural. Na localidade estudada, os jovens poderão desenvolver seus projetos, interesses e opções de vida no meio rural. Além disso, o rural passa a ser valorizado pelos jovens como espaços de vida que conferem maior qualidade de vida do que a proporcionada por grandes centros urbanos.

Dessa forma, os projetos de muitos jovens estão condicionados à atuação em duas entidades locais: AAAC e a AGRECO. A primeira, uma organização não governamental, é a responsável por várias ações vinculadas diretamente ao tema do

agroturismo (na localidade e na região) na sede do escritório pesquisado. O escritório localiza-se na “pracinha” da cidade, junto ao escritório da AGRECO. De estrutura simples, a sala mantém um computador, telefone, fax, impressora e um espaço de entrada, destinado à recepção dos grupos e dos agricultores associados, e à comercialização dos produtos da AGRECO, como melados de cana de açúcar, mel, molho de tomate, geleias variadas, legumes em conserva entre outros, bem como o artesanato produzido.

Na ocasião da pesquisa de campo, verificou-se que as atividades de Secretaria, organização dos eventos, reuniões e assistência técnica já eram executadas por alguns jovens da localidade (duas jovens mulheres mais diretamente no escritório e os outros 12 quando solicitados em eventos, já que atuam mais diretamente em atividades agrícolas e de serviços em suas propriedades) e que o agroturismo aparece de forma complementar, quando a família hospeda os grupos de visitantes ou se organiza para as visitas técnicas e alimentação.

Contudo, foi observada a integração entre esses jovens, quando o escritório da Associação faz alguma solicitação a eles, como por exemplo, a prestação de serviço, como guia local, fotógrafo, artesão, auxiliar na venda dos produtos agrícolas, recepção dos visitantes, entre outras atividades que, evidentemente, necessitam de qualificação de mão de obra para serem executadas.

No entanto, nota-se que há acúmulo de funções gerenciais por essas jovens mulheres, sobretudo de uma, que é a responsável técnica em dar assistência local e regional aos associados e parceiros da acolhida. Há um esforço enorme da mesma em envolver os agricultores no agroturismo, na estruturação das atividades e na colaboração de outros jovens com a associação ou com o turismo em suas próprias propriedades. A jovem acumula diversas funções, como organizar as reuniões, encontros dos membros, agenda de visitação de grupos de visitantes a escolas e ainda movimenta-se bastante no ir e vir entre as cidades da região, sua propriedade e a cidade de Florianópolis, onde se encontra periodicamente com outras técnicas de outras regiões de Santa Catarina em que a AAAC se expandiu, com a supervisão da responsável pelo início do projeto em 1998. Atualmente, tenta diminuir suas atividades com foco na Acolhida, exercendo hoje a função de voluntária, para que, assim, estimule que as comunidades sejam mais autônomas na gestão da estratégia de Turismo de Base Comunitária inserida com a ajuda do Ministério do Turismo.

Logo, nota-se a questão da centralidade exercida pela Associação, sobretudo quanto à distribuição de tarefas e os agendamentos dos visitantes pelos agricultores. Em entrevista com pais de dois jovens entrevistados, estes alertaram quanto ao fato de que deveriam surgir iniciativas e ações para que tanto a associação como a técnica responsável, que é uma jovem só, não fique sobrecarregada em suas funções. Notou-se que falta um pouco mais de iniciativa de outros jovens, pela confiança ressaltada a essa jovem, que exerce uma função importante de integração dos associados ao turismo. Contudo, há projetos que serão incentivados por meio do SC Rural, como o da implantação de uma agência de turismo, que possibilitará o direcionamento das atividades de agendamento dos visitantes, divulgação e marketing do roteiro para esse empreendimento rural, diminuindo, de tal modo, a função que atualmente exercida pela “Acolhida”. O depoimento a seguir retrata justamente a vontade de um dos jovens em conseguir abrir uma agência de turismo em sua propriedade. Esse foi o projeto elaborado por ele, enquanto aluno do CEDEJOR.

Eu queria a agência de turismo montada e eu tocando. Meu sonho vai ser ver a minha propriedade estruturada [...] não toda, mas boa parte para receber turistas, construir uns chalés [...] alimentação [...] e uma parte mais especial voltada para algum atrativo, que eu não sei [...] quando vai ser, mas que assim desse um destaque para a propriedade (Entrevista n. 14).

Em parceria com o CEDEJOR e outras entidades, a “Acolhida” estabelece a organização do agroturismo com ênfase na produção orgânica, vivências com os produtores rurais e de contemplação da paisagem de Santa Rosa de Lima. Desde 1998, por meio de seus associados, tem investido na estratégia de Turismo de Base Comunitária.

No caso de Santa Rosa de Lima, o município que deu início ao projeto, nota-se que a juventude local tem colaborado com mais alternativas para sua permanência no local, sobretudo aliando a diversificação das propriedades, estímulos à educação, empreendedorismo juvenil, principalmente pelo agroturismo. Entretanto, essa atividade ainda se encontra mais centralizada nas propriedades na gestão exercida pelos pais e pela associação com a atuação de poucos jovens, engajados com a funcionalidade do projeto, após terem se graduado fora do município.

A AGRECO foi outra instituição mencionada como colaboradora tanto para o exercício de funções agrícolas, serviços gerais nas agroindústrias, transporte e

distribuição dos produtos, como também para o processo de da Certificação Orgânica, este último exercido sob responsabilidade de dois jovens, residentes no município vizinho de Gravatal, mas que exercem a maior parte de sua ocupação profissional em Santa Rosa de Lima. O trecho do depoimento do entrevistado evidencia o interesse pelo agroturismo, mediante a participação na AGRECO:

Veio através da AGRECO, agora a data eu não sei te especificar quando, já faz uns 10 anos, veio praticamente junto, eu e meu irmão, que trabalha aqui e veio fazer um estágio de conclusão de curso. E daí [...] pintou o trabalho de agricultura orgânica pra gente. E "Acolhida" veio praticamente na mesma época (Entrevista n. 8)

A entrevistada deu ênfase à participação dela e do irmão nas atividades administrativas, controle de qualidade e inspeção das propriedades quanto à produção de orgânicos. Com essa proximidade junto aos agricultores, estabeleceram-se também parcerias com a "Acolhida". A propriedade da família desses jovens também se estruturou para a recepção dos turistas no roteiro. Respondendo à questão sobre a atuação na atividade turística e no roteiro, a jovem considera:

A gente trabalha fazendo de tudo, também. Quando o turista tá lá eu atendo [...] mais as atividades diárias da propriedade. A gente tem agroindústria com produção de mel e de molho de tomate também. A minha família sempre foi sócia da AGRECO antes de eu trabalhar como técnica na associação. Então, até tinha mais tempo para eu tratar com os turistas nesse sentido de receber para a visita. Tinha uma época que eles me ligavam pra gente receber visitas e eu organizava. Já recebemos hóspedes no casarão e eu também organizei (Entrevista n. 8).

O cotidiano é revelado nesses fragmentos evidenciando o envolvimento dos jovens em múltiplas funções tanto na propriedade como fora dela. Nesse caso, a jovem auxilia os pais também na questão de recepção dos visitantes quando solicitada. A multifuncionalidade se faz presente nessa unidade de produção agrícola, tanto do ponto de vista social, como de organização dessas várias funções desempenhadas pelos atores.

A referência à AGRECO aparece na fala de um jovem fazendo menção a outros jovens que ele vê que estão envolvidos com essa instituição e também com as demais parceiras.

Tem um outro guri, que trabalha com produção orgânica que ele tá fazendo Agronomia e está fazendo a faculdade, mas agora trancou...talvez deu uma queda na produção, uma coisa assim. Mas assim, se você conseguir produzir orgânicos, você tem como vender, porque às vezes falta até

produto para a AGRECO. Então, se tem o jovem que tá meio perdido você tem como [...] mas, é tudo é difícil para começar [...] que nem, eu vou produzir orgânico, mas daí tem que fazer a certificação [...] tem que produzir direito, as vezes é chato...é preciso investimento para se tornar um agricultor desse ramo. Para o jovem, falta apoio de todo o lado. Tanto do fornecedor; tanto do comprador; tanto do órgão público, que envolve as secretarias de cada prefeitura, que envolve educação, transporte [...] é EPAGRI, os compradores tem a AGRECO e a COOPERAGRECO [...] “Acolhida na Colônia” que as regras da Acolhida é para a alimentação orgânica, então se você não consegue produzir todos os produtos e o parceiro do lado consegue daí a Acolhida compra e tem também o pastoreio voisin, que é um sistema de criação orgânica e homeopático e que reduz muito o custo do leite e o pessoal paga mais caro por ser orgânico, então isso pode ser pro jovem, para ele trabalhar também (Entrevista n. 13).

O depoimento acima ressalta que ora o jovem poderá decidir por investir em projetos relacionados à agricultura orgânica, utilizando-se dos meios e de informações de como produzir; ora poderá desenvolver a atividade turística na propriedade da família. No entanto, as condições necessárias para isso dependerão de cada caso, dependendo da disponibilidade da família em fazer com que o jovem possa conduzir uma dessas atividades, obtendo uma renda individual para si.

De acordo com Woortmann (1995), é importante situar a família nesse contexto, primeiro, porque fica evidente a preocupação e a compreensão do que representa essa instituição, principalmente, pelas relações de parentesco, fortes valores culturais e de moralidade. Em segundo lugar, porque a família não deve ser apenas compreendida como um grupo estruturado de acordo com condições históricas e culturais, mas também em conformidade com os tipos de relações sociais, de pensamento e representação.

Portanto, o cotidiano vivenciado por esses jovens possibilita que, mesmo em pequenos municípios como Santa Rosa de Lima, há possibilidades de os jovens colocarem em prática seus projetos de vida. Entretanto, há uma lógica diferente nessa localidade já que os grupos sociais que ali vivem se auxiliam através das entidades já citadas. Além disso, os vínculos mais próximos à natureza propiciam ainda a possibilidade de mais investimentos no agroturismo.

4.6 Objetivos dos jovens: expectativas voltadas à integração da educação, da agroecologia e do agroturismo

Continuando a análise das entrevistas, que está entrelaçada com a questão dos projetos de vida por meio da identificação dos jovens com as questões de

permanência e da experiência com a atividade turística, destaca-se, nesse item, a questão dos objetivos de vida que foram manifestados pelos entrevistados. Os projetos de vida ficam consolidados por meio da definição de certos objetivos, constituídos de identificação, valores, vontades, projeções e expectativas advindas de experiências retrospectivas e prospectivas, em que são organizadas e reafirmadas as suas escolhas de vida e em que estes se situam dentro da sua própria trajetória como indivíduos (VELHO 2003).

Quanto aos objetivos de vida traçados pelos jovens, observam-se algumas respostas recorrentes, dentre as quais se destacam os itens enumerados na Tabela 6. É importante ressaltar que alguns jovens mencionaram mais de um dos itens expostos abaixo.

Tabela 6 - Objetivos de vida dos jovens entrevistados

Objetivos de vida	Quantidade mencionada
ter o próprio negócio	5
agroturismo	4
continuar a estudar/diploma	4
casar	4
viajar	3
morar na propriedade	3

Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

Nota: Esta tabela refere-se ao número de menções de algo relacionado à um objetivo de vida almejado pelos jovens.

De modo geral, destacam-se as atividades que possam gerar uma renda, aperfeiçoamento profissional e acadêmico (quanto às questões de continuidade de estudos) ou a independência plena (como ter o próprio negócio e/ou casar).

Outro destaque refere-se à educação e à permanência. Dos entrevistados, cerca de seis deles mencionam a questão da educação por meio de expressões como “prestar um vestibular”, “continuidade do curso universitário”, “mestrado na área de educação”, “se tornar professor”, “fazer intercâmbios”.

Ao mesmo tempo, para esses jovens, como “objetivo de vida”, sobressai-se, de modo geral, a vontade de permanecer em Santa Rosa de Lima para desenvolver alguma atividade, continuar os estudos, ou fazer investimentos nas áreas de agroturismo e agroecologia.

Desse modo, os projetos de vida desses jovens estão vinculados à busca por melhores condições de vida no campo, sobretudo, por meio da elevação do patamar de conhecimentos adquiridos em cursos universitários e capacitações.

Logo, a busca por aprimoramento educacional é entendida, pela própria comunidade e pelos jovens, como um projeto importante, sobretudo para que esses jovens permaneçam próximos a suas propriedades e, principalmente, para que possam converter os conhecimentos adquiridos na diversificação e na melhoria das propriedades rurais e da comunidade.

Os depoimentos apresentados a seguir ratificam essas afirmações:

O que eu pretendo assim [...] é ter um momento na propriedade, desenvolver alguma atividade na propriedade. Trabalhar um pouco a minha formação, gosto muito de trabalhar com crianças, nessa parte futuramente é uma coisa que eu quero me dedicar, talvez meio período nessa parte assim [...] ou dando aula, ou na parte mais da coordenação mais nesse sentido assim. O que de repente eu penso é fazer um mestrado, fazer uma pesquisa, uma pesquisa sobre educação em Santa Rosa, sobre criança [...] educação no campo, voltado a esta questão, eu pretendo isso futuramente, assim. (Entrevista n.1)

Sonhos sempre foi [...] e não tem como mudar um sonho tão fácil. Foi ser professor e de preferência de Geografia. Então para professor eu já estou fazendo faculdade, não é a área que eu escolhi, mas era o que tinha, então estou fazendo. Pretendo esse sonho cumprir um dia, nem que tenha que ter o diploma tal, mas vou conciliar os dois. E também, melhorar na parte do agroturismo e na parte da agricultura orgânica, como no caso do melado e dos peixes. E o que eu penso para daqui a alguns anos [...] de ser uma propriedade exemplo para o município. Com o CEDEJOR e eu tendo cabeça e apoio eu creio que vou conseguir (Entrevista n.7).

Assim, percebe-se a vontade desses jovens de continuar os estudos e também o desejo de realizar múltiplas funções na agricultura familiar. Nos casos acima há o predomínio da busca por uma formação voltada à própria educação no campo. A primeira jovem demonstra interesse na formação como educadora, com a idealização de dar continuidade aos estudos por meio da pós-graduação. Essa jovem concluiu a graduação em pedagogia e está realizando mais um curso universitário, de Educação no Campo, com a chegada do Polo Universitário da UFSC.

O segundo jovem que participou desse conjunto de depoimentos evidenciou o sonho de ser professor, o que, segundo ele, ainda não foi possível concretizar. Por outras vias, ele revelou ter conseguido prosseguir nos estudos, em nível de graduação e também está realizando o mesmo curso citado pela jovem anterior. “Se

tornar alguém”, “ser alguém” está muito condicionado à identidade ocupacional quanto à escolha profissional desses jovens, o que revela que a educação constitui os projetos de vida desses jovens em primeiro lugar.

Já nos depoimentos abaixo, destacam-se a produção agrícola e os investimentos no agroturismo:

Então, eu pretendo continuar [...] a me dedicar mais tempo ao negócio da família mesmo. Já que a gente vai ampliar a Unidade de Produção, a unidade de processamento e ecologicamente a gente tem mais possibilidades dentro da propriedade. E mais a atividade da própria família, do agroturismo e me dedicar um pouco menos a essa atividade técnica que eu presto hoje, mas nunca deixar dela também. A gente vai precisar de mais pessoas na propriedade e tentar conviver com as duas atividades. Um sonho [...] é ver a propriedade da minha família funcionando bem certinho, redondinho [...] com as agroindústrias [...] crescendo. É isso. (Entrevista n.8)

Quase tudo que eu espero é tudo voltado para a área do turismo, investir nos chalés com acessibilidade, quero fazer 3 de madeira e dois de material. Não quero tirar o rústico no acabamento, com materiais de acessibilidade. Simples, bonito e mais individual. Vou fazer alguns duplos, mais a maioria individual. Quero fazer área de camping, a piscina, que vai ser o lazer de todos. E o parquinho de criança e o salão de eventos. Esses são os meus objetivos (Entrevista n.9)

Sobre a questão dos objetivos de vida, de modo geral, destaca-se o trabalho dos jovens: o que vão ser e o que almejam. Retoma-se a ideia da identidade ocupacional utilizada por Leccardi (2005), que afirmou a importância pela valorização entre o tempo presente e o tempo próximo (futuro) dos jovens quanto às condições necessárias para o ingresso no mercado de trabalho e aprimoramentos por meio da educação.

Fica evidente, pelos depoimentos desses jovens, que as facilidades ocorridas no local, em virtude das parcerias estabelecidas entre as entidades, com a chegada de cursos e capacitações, além da facilidade de o jovem poder escolher um curso universitário na região conferem a esses jovens um ambiente favorável para colocarem em prática seus objetivos de vida. Isso só confirma que, deste do início, os jovens entrevistados indicam que a vontade de permanecer na localidade é almejada, uma vez que a localidade ofereça as condições de acesso a serviços como educação, internet, estradas, lazer entre outros.

Já com relação à última questão sobre as expectativas futuras e projeções, às quais os jovens se referiram, tanto em relação ao agroturismo como à Santa Rosa de Lima, os temas mais mencionados foram sobre a expansão da “Acolhida”, o

envolvimento com outros municípios, o aumento da demanda de visitantes e de mais atrativos de lazer e entretenimento. Houve a repetição por três jovens estes os mais envolvidos na AAAC e AGRECO, por projeções ligadas à consolidação de atrativos voltados a práticas de maior contato com a natureza, como trilhas, cicloturismo e arvorismo.

No entanto, apenas o cicloturismo tem sido a experiência que ganha destaque no presente momento, já que a associação pode investir em capacitação de alguns jovens, os quais acabaram se envolvendo na atividade realizando o guiamento de grupos para essa prática de ciclismo em meio às propriedades do roteiro, havendo, inclusive, materiais específicos de divulgação dos roteiros que os ciclistas poderão percorrer na localidade. Sobre as outras atividades que interessam aos jovens, principalmente atividades ligadas ao turismo de aventura, essas não são ainda plenamente desenvolvidas, não só por questões de adequação e segurança, como também pelos custos elevados na compra dos equipamentos necessários para as práticas de arvorismo, por exemplo.

Outros indicativos quanto a projeções indicam que os jovens avaliam que são necessários maiores investimentos em termos de diversificação das atividades de agroturismo, com o intuito de maior divulgação do roteiro e permanência por mais dias dos visitantes. Evidencia-se também, a necessidade de qualificação das pessoas, sobretudo, na área de atendimento em como lidar com os diferentes públicos de turistas.

Uma consideração importante levantada pela entrevistada 9 foi que esta espera que, futuramente, haja uma maior independência dos agricultores com relação à “Acolhida”. Para a entrevistada, a Associação deveria focar mais na função original de estimular uma maior autonomia dos agricultores. Uma alternativa para isso aparece na resposta dada pelo entrevistado 14, que almeja abrir uma agência de turismo na propriedade e, evidentemente, buscar auxiliar a associação no planejamento e disponibilidade de recepção dos agricultores aos turistas nas pousadas associadas ao roteiro.

O trabalho em parceria das instituições do município é novamente mencionado. Um dos jovens espera que o município consolide-se ainda mais como referência nacional para a agroecologia e agroturismo.

O lazer, para os próprios moradores e visitantes, também é esperado, como forma de que sejam criadas novas iniciativas, como, por exemplo, bibliotecas,

cinemas e museus para o local. No entanto, as festas típicas e eventos das próprias associações representam um momento de muito trabalho para esses agricultores, mas também de lazer.

A profissionalização da atividade do agroturismo faz-se pela junção de esforços entre iniciativa pública e privada do município. Dessa forma, os entrevistados almejam que os jovens possam obter maior participação nesses espaços e, sobretudo, na organização do agroturismo.

De fato, o caso estudado mostra que, independentemente das políticas públicas, os jovens entrevistados estão decididos a buscar por melhores condições de vida no campo, sobretudo, através de aprimoramentos técnicos e profissionais, por meio das organizações locais ou regionais, que ofereçam cursos universitários, técnicos ou capacitações para o setor agrícola e não agrícola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos metodológicos e as leituras sobre os temas ligados à discussão sobre a juventude rural e o agroturismo buscaram evidenciar as relações entre ambos, as quais, de certo modo, constituíram os projetos de vida dos jovens rurais analisados. Os relatos dos jovens deixaram evidentes as expectativas, as motivações e a constituição das identidades ocupacionais ligadas ao turismo, à educação e à agroecologia pelos jovens participantes do projeto “Acolhida na Colônia” em Santa Rosa de Lima - SC.

A interpretação das entrevistas por meio da análise de conteúdo permitiu abstrair aspectos mais subjetivos com relação às ações de agroturismo já desenvolvidas e por meio das quais os jovens estão desenvolvendo certas atividades e são considerados mediadores dos processos de continuidade e consolidação do roteiro.

Por meio do primeiro objetivo sobre a atuação dos jovens na atividade turística, verificou-se que os entrevistados de forma individual, os jovens de forma colaborativa têm o seu primeiro contato com a atividade com os visitantes no momento em que a propriedade da família está incluída no roteiro por meio da inclusão como membro ou parceiro da AAAC. Outros jovens, mesmo aqueles em que a propriedade não faz parte do município ou não tem atividades agrícola regular, estes utilizam como espaços de atuação às instituições, AAAC e AGRECO. E outros, de certo modo, auxiliam na recepção aos turistas exercendo momentaneamente a ocupação como guias locais.

Entretanto, há a possibilidade de um maior envolvimento dos jovens na dinamização do roteiro, principalmente pensando em perspectivas futuras de captação de visitantes, a depender do perfil desejado pelo local. Logo, espaços de atuação ligados à inovação precisam ser ocupados por mais jovens. Assim, o despertar destas habilidades poderia ser viabilizado com a transmissão de cargos ou funções de liderança dos adultos para os mais jovens. Esse processo, de forma progressiva, poderia colaborar com a permanência dos mais jovens por meio da motivação em exercer sua criatividade, ações que necessitasse de maior autonomia por meio das decisões estratégicas que os jovens pudessem assumir com relação à

atividade turística, no entanto, sem perder os conhecimentos acumulados pelas experiências anteriores vivenciadas por estes adultos que iniciaram o roteiro.

A partir do segundo objetivo sobre as motivações que induzem os jovens a permanecer no município de Santa Rosa de Lima, o explicitado indica os trabalhos das entidades que colaboram com projetos de diversificação da agricultura e do agroturismo. São elas: AGRECO (cujo foco são as iniciativas de produção agroecológica), o CEDEJOR (que propicia aos jovens na educação empreendedora) e a AAAC (que desenvolve ações direcionadas ao agroturismo). Desse modo, observou-se a construção de um cenário favorável para que esses jovens permaneçam nas propriedades de seus pais. Além disso, as inclusões dos acessos à universidade, à internet e ao lazer contribuem significativamente para que esses jovens possam conciliar seus projetos de vida com as atividades desenvolvidas no meio rural.

Os jovens também reforçam como motivação de permanência a identificação com o local, já que a sensação é de estarem “num rural conectado”, ou seja, através da internet (acesso muito ressaltado pelos entrevistados), esses mesmos obtêm novos aprendizados, interações sociais e consideram-se integrados aos acessos diversos tanto ou mais que muitos jovens de áreas exclusivamente urbanas.

Além disso, as interações mútuas entre rural e urbano são reforçadas pelas estratégias participativas, entre o agroturismo e a agroecologia, que reforçaram a qualidade do município como um local propício à criação de oportunidades e de novos postos de trabalho para os jovens.

No que se refere ao terceiro objetivo deste estudo sobre as habilidades dos jovens em relação à atividade turística, a educação foi mencionada ao longo de várias passagens, o que reforça a sua importância perante o aumento das chances de permanecer no campo, por meio do desenvolvimento de assim novas atividades e alternativas para a agricultura familiar, sobretudo com base em práticas sustentáveis, como foi reforçado pelos entrevistados. É importante que sejam disponibilizadas condições e opções aos jovens para que estes possam vir a desenvolver suas habilidades e a atuar como agentes de transformação de suas localidades. As habilidades são assim reforçadas pelo acesso que esses jovens poderão vir a ter com relação à escolha profissional, condições de trabalho, lazer e comunicação.

O empreendedorismo foi um elemento-chave quanto à criação de oportunidades para que os jovens pudessem inserir suas habilidades e conhecimentos técnicos na própria comunidade. De certa forma, as iniciativas e os objetivos de vida dos jovens estão relacionados com a concretização de seus projetos de vida e o município de Santa Rosa de Lima constitui um cenário favorável ao empreendedorismo rural voltado às motivações do jovem rural.

Por fim, o quarto e último objetivo sintetizou que o agroturismo emerge entre as expectativas dos jovens com relação à própria permanência na localidade, almejado como uma atividade para eles; no entanto, ainda aparece como plano futuro. Isso foi verificado nos trabalhos de campo já que ainda são os pais os principais responsáveis pelas atividades, tanto na propriedade como na associação.

Estes resultados mostraram-se pertinentes à análise da juventude rural, sobretudo com relação à atuação dos jovens em roteiros de agroturismo não só a partir de atividades como a recepção dos turistas, venda de produtos artesanais e agrícolas como também das atividades promovidas pela acolhida, como cursos, palestras e capacitações, apesar de serem poucos os que conseguem obter renda mediante a atividade turística. Para isso, abrem-se oportunidades para que os jovens que se interessem pela atividade turística possam alcançar os seus projetos de vida direcionados ao aperfeiçoamento técnico, profissional e universitário, de modo a complementar a atuação no agroturismo e, ainda, alcançar a independência financeira com relação aos seus pais.

No entanto, a busca por essas proposições mediante atividades relacionadas ao agroturismo, ainda é projetada para um futuro próximo, uma vez que depende de um maior apoio comunitário com vistas a gerar uma maior autonomia dos jovens, principalmente com relação ao gerenciamento da atividade turística, não só dentro da estrutura familiar, como também nas decisões estratégicas da associação, ainda que predomine a opinião dos adultos conforme a hierarquia das responsabilidades.

De forma dinâmica, os jovens entrevistados esperam empreender suas ideias e habilidades a serem ampliadas substancialmente pelas instituições, pelo aprimoramento dos estudos e pelo empreendedorismo no agroturismo.

Com relação às colaborações efetivadas por meio desta pesquisa, deve ser mencionado que o período escolhido para o trabalho em campo coincidiu com algumas festividades importantes para esses jovens e para suas famílias. De fato, a

interação ocorrida nesse período permitiu que a coleta de dados ocorresse em tempo hábil, e todos os entrevistados foram muito solícitos quanto à aplicação dos roteiros de entrevista. Destaca-se ainda que alguns deles auxiliassem a pesquisadora nos deslocamentos a algumas propriedades mais distantes.

Quanto às dificuldades de realização desta pesquisa, menciona-se aqui o amplo material coletado advindo das transcrições das entrevistas. De certo modo, caso o trabalho de campo abrangesse um período mais amplo, com mais dias de integração à comunidade, talvez algumas análises ligadas aos dilemas e aos conflitos enfrentados pelos jovens, na proposição de seus projetos nas propriedades rurais dos pais, poderiam ter sido observados.

Logo, esta pesquisa poderá ser desmembrada futuramente por meio da análise de todos os jovens que compõem todas as regiões de abrangência da “Acolhida na Colônia”. Esta pesquisa contempla apenas o primeiro município em que o agroturismo ocorre há mais tempo; no entanto, há outros municípios no entorno e outras regiões em que este trabalho também poderá ser expandido.

As temáticas da juventude rural e do agroturismo foram atreladas e mostraram-se importantes como uma junção colaborativa às estratégias necessárias para possibilitar alternativas de permanência no meio rural aos jovens que não desejam migrar para outras cidades e regiões mais urbanizadas. Dessa maneira, a problematização desses temas a partir das identificações, das motivações e anseios dos jovens em meio rural que compõem os seus projetos de vida é de fundamental importância quanto à proposição de políticas públicas direcionadas a essa categoria social.

Ainda de tal modo, trabalhos futuros acerca desse tema poderiam ser direcionados à análise institucional, de forma a contemplar as noções de capital social, humano e cultural dos processos de consolidação do roteiro turístico em questão. Outra análise que poderia ser foco de novas pesquisas, diz respeito ao processo de formação das lideranças locais, a partir das estratégias utilizadas que levaram ao engajamento e a ação coletiva para o agroturismo, podendo ser analisados também a relação estabelecida com os visitantes como parte do processo de motivação e de trocas mútuas entre visitantes e anfitriões, o que inegavelmente representa um importante fator de desenvolvimento rural daquela comunidade.

As informações geradas por esse trabalho oportunizaram o conhecimento dos projetos de vida de jovens envolvidos em roteiros de agroturismo. Os desdobramentos e influências do agroturismo não só nas escolhas profissionais desses jovens como também em seus objetivos de vida colaboram com as perspectivas atuais e futuras de jovens rurais como atores sociais importantes para o desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar, desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto cidadania e fundação Perseu Abramo, 2005.

ACOLHIDA, A, A, C. **Sobre nós**. 2012. Disponível em: < <http://www.acolhida.com.br/> >. Acesso em: 10 maio 2012.

ALMEIDA, J. Projetos de autonomia na agricultura: novas concepções para o social? **Revista de economia e sociologia rural**, Brasília, v. 34, n. 3-4, p.11-37, jul./dez. 1996.

ALMEIDA, J.A. **Pesquisa em extensão rural**: um manual de metodologia. Brasília: MEC/ABEA, 1989.

_____. O marketing do turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, J.A.; FROEHLICH, J.M.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 75-84.

ALMEIDA, M.G. O patrimônio festivo e a reinvenção da ruralidade e territórios emergentes de turismo no espaço rural. In: SOUZA, M.; ELESBÃO, I. (Org.). In: **Turismo rural**: iniciativas e inovações. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p. 243 - 290.

BARRIENTOS-PARRA, J. O estatuto da juventude: instrumento para o desenvolvimento integral do jovem. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 41, n 163, p. 131-152, jul/set, 2004. Disponível em: <<http://www.uje.com.br/estatutodajuventude/arquivos/EstatutodaJuventudecomentado.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de base comunitária**: diversidades de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem: COPPE / UFRJ, 2010.

BENI, M. C. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BARRETTO, M.; TAMANINI, E. (Org.). **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 31-34.

_____. **Política e planejamento do turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BOLGDAN, R.R.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução às teorias e aos métodos. Porto Alegre: Porto, 1994.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.112-121.

BOUTINET, J.P. **Antropologia do projeto**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Lei da agricultura familiar. Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil**. Brasília: MTUR, 2003.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M.J; CASTRO, E.G.(Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.35-52.

BRUMER, A. *et al.* A exploração familiar no Brasil. In: LAMARCHE, H. (Org.). **A agricultura familiar: comparação internacional: uma realidade multiforme**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. Vol.1, p.179-234.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais. **Cadernos de ciências & tecnologia**, Brasília, v.17, n.1, p.11-40, jan./abr. 2000.

CANDIOTTO, L. Z. P. Elementos para o debate acerca do conceito de turismo rural. **Turismo em análise**, São Paulo, v. 21, p. 3-24, abr. 2010.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 21, 1998, Vitória. **Herança: dimensões do código consuetudinário de camponeses teuto-brasileiros**. Vitória: ABA, 1998.

CARNEIRO, M. J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, M.J; CASTRO, E.G.(Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 53-66.

CARNEIRO, M J.; MALUF, R.S. Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar. In: CARNEIRO, M.J; CASTRO, E.G.(Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003. p.17-27.

CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. In: **Movimento**, Rio de Janeiro, n.1, p. 52-72, maio 2000.

_____. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARVALHO, A.D. **A educação como projeto antropológico**. Porto Alegre: Afrontamento, 1992.

CASTRO, E. G. de. O paradoxo “ficar” e “sair”: Caminhos para o debate sobre juventude rural. In: FERRANTE, A. J. (Org.). **Assentamentos rurais: impasses e dilemas** (uma trajetória de 20 anos). Brasília: INCRA /Superintendência Regional de São Paulo, 2005. p.321-372.

CASTRO, L. R.; CORREA, J. Juventudes, transformações do contemporâneo e participação social. In: _____. (Ed.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, 2005. p. 9-16.

CAVACCO, C. Turismo Rural Comunitário (TRC) e desenvolvimento local na América Latina: um olhar europeu. In: SOUZA, M; ELESBÃO, I (Org.). **Turismo rural: iniciativas e inovações**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p. 143-213.

CENTER FOR RURAL ENTREPRENEURSHIP. **Youth**. 2012. Disponível em: <http://www.energizingentrepreneurs.org/site/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=10>. Acesso em: 12 nov. 2012.

CHAMPAGNE, P. Elargissement de l'espace social et crise de l'identité paysanne. **Cahiers d'Economie et Sociologie Rurales**, Paris, n. 3, v.10, p.73-89, dec. 1986.

CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J. G.; STOLCKE, V. (Org.). **A questão agrária: Weber, Engels, Lênin, Kautsky, Chayanov, Stálin**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.133-163.

CLOKE, P. **Country Visions**. Harlow: Pearson, 2003.

CORIOLANO, L. N. M. T. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: _____. **O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 13-27.

CRUZ, F. T. **Qualidade e boas práticas de fabricação em um contexto de agroindústrias rurais de pequeno porte**. 2007. 111f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

DALMAGRO, A. **Santa Rosa de Lima: história e memória: da colonização à emancipação**. Tubarão: Copiart, 2012.

D'ÂNGELO, O. S. Proyecto de vida como categoría básica de interpretación de la identidad individual y social. **Revista cubana de psicología**, Havana, n.3, v.17, 2002.

DINIS, A. Para um turismo rural sustentável: empreendedorismo, estratégia de nicho e redes como factores de preservação e inovação no espaço rural. In: SOUZA, M; ELESBÃO, I (Org.). **Turismo rural: iniciativas e inovações**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p.13-66.

DUBAR, C. **A socialização**: construção de identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, F. **La galère, jeunes en survivir**. Paris: Fayand, 1991.

DURSTON, J. Juventud Rural em Brasil y Mexico, reduciendo la invisibilidad. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 20., 1997, São Paulo. **Anais...** São Paulo: LASA, 1997.

ERIKSON, E.H. **Identidade**: Juventude e crise. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: Ed. Iglu/Fapesp, 2007.

FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 245-257.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookmann, 2009.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: EDUSP, 1972.

FORTUNATO, R.A.; TEIXEIRA, K.L. A gestão do conhecimento na organização do turismo rural nas encostas da Serra Geral – SC: O caso do projeto “Acolhida na Colônia”. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 8, 2011, Balneário Camburiu, SC. **Anais...** Balneário Camburiu: ANPTUR, 2011.

GARCÍA-RAMÓN, M. D. *et al.* A longitudinal study of cognitive factors influencing startup behaviours and success at venture creation, **Journal of Business Venturing**, Amsterdam, v.10, n. 5, p. 371-391, 1995.

GERHARDT, T.E. *et al.* A construção e a utilização do diário de campo em pesquisas científicas. **Internacional journal of qualitative methods**, 2005.

GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRAZIANO DA SILVA. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas: UNICAMP/IE, 1999. (Coleção Pesquisas).

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUZZATTI, T. C. **O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural**: sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas encostas da serra geral catarinense. 2003. 168 f.

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLMGREN, D. **Princípios e caminhos da permacultura além da sustentabilidade**. 2002. Disponível em: <<http://www.holmgren.com.au/>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

INSTITUTO SOUZA CRUZ. **Boletim jovens em campo**. 2007. Disponível em: <<http://institutosouzacruz.org.br>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Dados básicos de Santa Rosa de Lima - SC** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 dez 2012.

_____. **Banco de dados agregados**: Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 10 de dez 2012.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Ed. da UFRGS: PGDR, 2008. (Série Estudos Rurais).

KASTENHOLZ, E. Marketing de empreendimentos e destinos turísticos rurais: uma abordagem integrada e sustentável. In: SOUZA, M.; ELESBÃO, I. (Org.). **Turismo rural**: iniciativas e inovações. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p.215-242.

KIMMEL, D. C.; WEINER, I. B. **La adolescencia**: una transición del desarrollo. Barcelona, España: Ariel, 1998.

KUO, N. W.; CHIU, Y. T. The assessment of agritourism policy based on SEA combination with HIA. **Land use policy**, v.23, n.4, p. 560-570, 2006.

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.

LISBOA, M. D. A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador. In: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. **A orientação profissional em ação**: formação e prática de orientadores profissionais. São Paulo: Summus, 2002.

MACHADO, N. J. **Educação**: projetos e valores. São Paulo: Escrituras, 2000.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, G.D.; BURSZTYN, I (Org.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p.25-44.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARGULIS, M. La juventude es más que una plabra. In: MARGULIS, M. (Org.). **La Juventude es más que una plabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTINS, G. A. **Epistemologia da pesquisa em administração**. 1994, 110f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, M. R. **Turismo e juventude em assentamentos rurais no estado de São Paulo**. 2009. 124 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Turismo) – Campus Sorocaba, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2009.

MARTINS, M. R.; FUTEMMA, C. O jovem e o turismo rural: o caso do assentamento Ipanema, estado de São Paulo. **Sociedade e desenvolvimento rural**. Brasília, v. 6, n. 1, p.52- 64, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.inagrodf.com.br/revista/index.php/SDR/article/viewPDFInterstitial/97/117>> Acesso em: 10 out. 2012.

FORTUNATO, R.A.; TEIXEIRA, K.L. A gestão do conhecimento na organização do turismo rural nas encostas da Serra Geral – SC: O caso do projeto “Acolhida na Colônia”. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 8, 2011, Balneário Camburiu, SC. **Anais...** Balneário Camburiu: ANPTUR, 2011.

MARTINS, M. R.; SOUZA, M. Empreendedorismo de jovens rurais e o turismo: a produção de novidades no desenvolvimento rural. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, TURISMO RURAL EM TEMPO DE NEORURALIDADES, 8, 2012, Villa Real, Portugal. **Anais....** Villa Real: CITURDES, 2012.

MASSEY, D. **For space**. London: Sage, 2005.

MASINI, E.F.S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (Org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.p. 61-67.

MILES, M.B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis**: an expanded sourcebook. California: Sage, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MUCCHIELLI, R. **Les méthodes qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

MÜLLER, J. M. **Do tradicional ao agroecológico**: as veredas das transições (O caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC). 2001. 216 f.

Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise social**, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, jan, 1990.

_____. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da moeda, 1993.

_____. **Ganchos, tachos e biscates**: Jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2003.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p.15-24, maio/dez. 1997.

PIRES, P. S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo**: visão e ação, Itajaí, v. 1, n. 1, p. 75-91, jan./jun. 1998.

POCHMANN, M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação e participação São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

PRIOR, L. **Using documents in social research**. London: SAGE, 2004.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica em educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

RIVEIRO, C.; SOLLA, X. M. Turismo rural, língua e desenvolvimento local. In: B, G.; Gonzalez, R. (Org.). **Agricultura y sociedad en la España contemporanea**. Madrid: Librería, 1997. p. 79-106.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano**: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAMPAIO, C. A. C.; ZECHNER, T. C.; HENRÍQUEZ, C. Pensando o conceito de turismo comunitário a partir de experiências brasileiras, chilenas e costarrriquenha. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 2, Fortaleza (CE), 2008. **Anais...** Fortaleza: SITS, 2008.

SANTA CATARINA. Secretaria da Agricultura e da Pesca. **Notícias**, 2012. Disponível em:< <http://www.agricultura.sc.gov.br/>>. Acesso em: 20 set. 2012.

SAMPEDRO, R.; CAMARERO L. Mujeres empresarias en el mundo rural. El sujeto pendiente de desarrollo, **Revista Internacional de Sociología**, Córdoba, v. 65, n. 48, p. 121-146. set /dez. 2007.

SARRIERA, J. C. *et al.* Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 1, p. 27-32, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.bvs-psi.org.br/>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

SCHNEIDER, C. P. **Agricultura familiar e empreendedorismo**: um estudo sobre as ações do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR) no Vale do Rio Pardo/RS. 2008. 193 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar em uma época de transformações: a pluriatividade como estratégia familiar de reprodução social. In: WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY, 10, Rio de Janeiro, 2000. **Anais...** Rio de Janeiro: IRSA, 2000.

_____. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n. 11, p. 88-125, jan./jun. 2004.

_____. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 3, set. 2010 .

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J.A; RIEDL, M (Org.). **Turismo rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p.16-50.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Os atores entram em cena. In: _____(Org.). **Os atores do desenvolvimento rural**: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2011. p.11-17.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano**. Investimentos em educação e pesquisa. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SCHUMPETER, J. **The theory of economic development**. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

SCHROEDER, C. The difference makers: entrepreneurial young people. In: WALZER, N. **Entrepreneurship as a local development strategy**. Lanham MD: Lexington Books, 2007. Cap.8, p.145-163.

SCLIAR, M. A poesia das coisas simples. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez: Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

SEYFERTH, G. Colonização europeia, campesinato e diferenciação cultural no Vale do Itajaí (SC). In: GODOI, E.P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A. (Org.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categoria: construções identitárias e sociabilidades, São Paulo: Ed. da UNESP: Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p.275- 296.

SILVA, Y. F.; ULLER, C. D. ; ZAGER, G. O agroturismo em Santa Rosa de Lima - SC: análise de um turismo participativo fundamentado nas redes de apoio sociais comunitárias e familiares. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4., 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

SILVA, K.T.P.; RAMIRO, R.C.; TEIXEIRA, B.S. Fomento ao turismo de base comunitária: a experiência do Ministério do Turismo. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSTYN, I. (Org.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. p. 374-494, 2009.

SILVA, V. **Sertão de jovens**: Antropologia e educação. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões de Nossa Época).

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

SPANEVERELLO, R. M. **Jovens rurais do município de Nova Palma – RS**: situação atual e perspectivas. 2003. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

_____. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 221f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPOSITO, M. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempos social**: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.5, n.1-2, p.161-178, 1993.

_____. **Estado do conhecimento**: juventude: Brasília: INEP, 2000.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens**: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares do Ouro/SC. 2002. 277 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

TEIXEIRA, E. G. Solidão, a busca do outro na era do eu: estudo sobre sociabilidade na modernidade tardia. **Sociologia Problemas e Práticas**, p. 31-47, 2001.

TESSARI, R. O que é agroturismo? In: PORTUGUEZ, A. P. (Org.). **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

TULIK, O. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo).

URRY, J. **O Olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 2001.

VEIGA, J. E. Nascimento de outra ruralidade. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 333-353, ago. 2006.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VOISIN, A. **A produtividade do pasto**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

WANDERLEY, M.N.B. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, N. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

_____. Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural/; estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. In: LOPES, E.S.A.L.; MOTA, D.M.; SILVA, T.E.M. **Ensaio**: desenvolvimento rural e transformações na agricultura. Sergipe: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2002. p.19-57.

_____. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 42-61, out. 2003.

_____. Jovens Rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M.J; CASTRO, E.G.(Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.21-34.

WEISHEIMER, N. **Estudos sobre os jovens rurais do Brasil**: mapeando o debate acadêmico. Brasília: Nead/MDA, 2004.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes no Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da UNB, 1995.

ZIMMERMANN, A. **Turismo rural**: um modelo brasileiro. Florianópolis: Ed. do Autor, 1996.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Brookman, 2001.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA: INFORMANTES-CHAVE (PAIS)

Entrevista nº:	Data da entrevista:
Nome do Pesquisador:	
Local da Pesquisa:	

BLOCO I - IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL DOS PAIS

01	Nome:
	Idade:
	Sexo:
	Local de Nascimento (cidade/estado):
	Estado Civil:
	Escolaridade:
	Profissão:
	Quanto tempo mora nesta localidade:
	Se for de fora (da comunidade), qual a sua procedência?
	Já tem filhos/as: Quantos? _____
	Quantos membros da família moram com você?

BLOCO II – JUVENTUDE E O AGROTURISMO

2	Como o senhor e a senhora se preparam para o recebimento de agroturismo em sua casa?
3	Com que frequência e época do ano você recebe os turistas?
4	Que tipo de apoio recebeu no início do projeto (assistência financeira, organizativa, técnica)? Teve algum custo? Onde foi realizado? E por quanto tempo?
5	Tem participado em alguma instituição (sindicato, conselho municipal, cooperativa)? Tem algum cargo administrativo? De que tipo? Teve algum reconhecimento por sua participação?
6	Quais dos membros da família trabalham com o senhor (senhora) na atividade agrícola? () Filhos (especificar quais e o gênero) () Esposa () Outros membros da família (especificar o parentesco): () trabalha sozinho

7	Quais os principais produtos comercializados na propriedade?
8	Quais funções e/ou atividades cada da família exerce quando esta recebe um grupo de turistas?
9	É com relação aos jovens, como este auxilia na atividade turística aqui em sua casa e no roteiro?
10	Quais são os motivos que, para o senhor, poderiam favorecer a permanência dos filhos na área rural?
11	O turismo, de alguma forma, tem feito com que os jovens permaneçam na localidade?
12	A atividade turística pode fazer com que esse jovem fique na comunidade? Por quê?
13	Para o senhor, o turismo gera algum tipo de integração (interação) entre as diferentes gerações (idosos, adultos e jovens) da comunidade? Comente.
14	Como vocês ficam sabendo das informações sobre o andamento e novidades dos projetos da acolhida? <input type="checkbox"/> Participação em reuniões da Associação <input type="checkbox"/> Entre a família <input type="checkbox"/> Atividades comunitárias <input type="checkbox"/> Outras formas?
15	Você tem participado ou ido a encontros profissionais (município, região, estado) desde que teve oportunidade de iniciar na atividade turística rural?
16	Expresse livremente a sua opinião sobre o turismo rural como possibilidade para a permanência dos jovens no meio rural.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE PESQUISA: INFORMANTES-CHAVE (ENTIDADE)



Entrevista nº:	Data da entrevista:
Nome do Pesquisador:	
Local da Pesquisa:	
Função do Entrevistado:	

1. Conte-me quando e como nasceu a ideia de trabalhar com o Agroturismo.
2. Quem foram os responsáveis pela implantação?
3. De que forma conseguiram recursos para colocar em prática o projeto?
4. Quais foram as principais dificuldades enfrentadas no início?
5. Como aconteceu a etapa de sensibilização dos agricultores para trabalhar com o turismo?
6. Quantos agricultores (e famílias) se interessaram no início do projeto e quantos ficaram até o presente momento?
7. As famílias interessadas já participavam de outras associações? Quais?
8. Quais os principais atrativos turísticos do roteiro?
9. Como é feita a adesão das famílias interessadas ao roteiro?
10. As famílias e os jovens recebem algum tipo de capacitação, participam de cursos, ou de redes de aprendizagem?
11. Quais os benefícios e dificuldades que o turismo trouxe para a Acolhida?
12. Como o jovem participa do roteiro?
13. Atualmente, quais são as necessidades primordiais para a continuidade das ações para o desenvolvimento do turismo?
14. E por fim, quais as suas perspectivas de futuro para a Acolhida?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA: JOVENS RURAIS



Entrevista Nº:	Data da entrevista:
Nome do Pesquisador:	
Local da Pesquisa:	

BLOCO I - IDENTIFICAÇÃO INDIVIDUAL DOS JOVENS

01	Nome:
	Idade:
	Sexo:
	Local de Nascimento (cidade/estado):
	Grupo étnico de origem:
	Telefone celular: () Telefone fixo: ()
	E-mail:
	Estado Civil:
	Escolaridade:
	Profissão:
	Quanto tempo mora nesta localidade?
	Se for de fora (da comunidade), qual a sua procedência?
	Já tem filho/as?
	Quantos membros da família moram em sua casa?

BLOCO II – ATUAÇÃO E MOTIVAÇÕES PARA O AGROTURISMO

02	Como o turismo é entendido por você enquanto jovem?
03	Quando e como se interessou pelo agroturismo?
04	Quais as atividades e /ou ocupações que você desempenha?
05	Quantas horas por dia você dedica a essas atividades?
06	Descreva a sua atuação na atividade turística e no roteiro.
07	O que os jovens costumam fazer em suas horas de folga? (Lazer e diversão nos dias de descanso).
08	Você tem interesse de seguir a mesma profissão de seus pais?
09	Para você, quais são as reais motivações que fazem com que os jovens permaneçam no meio rural?

10	Qual profissão gostaria de seguir?
11	Comente-me mais sobre isso: quais fatores favorecem para que você fique ou deseje sair ?
12	Você já participou de alguma atividade (curso, capacitações etc) ou qualificação profissional voltada às atividades agrícolas, ou ao turismo?
13	Quais os principais motivos que seu colegas e amigos de mesma idade alegam para sair ou permanecer no meio rural?
14	De quais cursos você participou?
15	Qual (is) entidade(s), ministrou(ram) essa(s) capacitação(ões)?
16	Você participa de alguma associação ou cooperativa?Qual (is)?

BLOCO III - EXPECTATIVAS NO AGROTURISMO

18	Como é realizado o agendamento aqui em sua propriedade?
19	Como é feita a remuneração?
20	Quais os benefícios (ou desafios) que você observa com a chegada do turismo às propriedades?
21	Quais melhorias de infraestrutura foram introduzidas/adaptadas em sua propriedade a partir do turismo?
22	Quais as atividades no turismo que despertam mais o seu interesse em participar?
23	Há iniciativas (feitas ou sugeridas) no roteiro que foram idealizadas pelos jovens? Se a resposta for sim, como foi?
24	Há outras alternativas profissionais ou de aprimoramento para que os jovens permaneçam no local?
25	Se a escolha profissional for o turismo, o que deseja fazer para que possa atuar nessa área?
26	Sobre o futuro, quais são seus principais planos e objetivos de vida?
27	Como imagina o local e o futuro do roteiro "Acolhida na Colônia" para daqui a uns 5 anos?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: PROJETOS DE VIDA DE JOVENS RURAIS: O Caso do Roteiro Agroturístico "Acolhida na Colônia" em Santa Rosa de Lima/SC

Mestranda: Mayara Roberta Martins/ E-mail: may_martins10@hotmail.com

Orientador: Marcelino de Souza

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) Participante (a):

Enquanto pesquisadores deste projeto, convidamos você para participar de uma entrevista individual, a ser gravada em áudio, estimando-se que sua duração seja em torno de 30 a 50 minutos. O objetivo geral desta pesquisa é investigar as influências do turismo nos projetos de vida dos jovens rurais, sobretudo quanto aos aspectos relacionados ao trabalho desenvolvido, às motivações e expectativas futuras e à sua conseqüente permanência no meio rural. Esta iniciativa faz parte da minha formação acadêmica no Curso de Mestrado em Desenvolvimento Rural, que é realizado no PGDR (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural) da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), da qual sou bolsista de pesquisa pela CAPES do governo federal. Esclarecemos que, depois de feita a transcrição das gravações, os áudios serão inutilizados. A sua participação é livre, e asseguramos que a privacidade das informações fornecidas será preservada; logo, não haverá associações nominais com o teor das informações que irão compor o relatório da pesquisa e neste somente constarão informações devidamente validadas por você. Além disso, todas as informações obtidas serão utilizadas somente para fins científicos e de acordo com os objetivos deste projeto.

Colocamo-nos à disposição para os esclarecimentos que forem necessários, por isso constam aqui nossos contatos. Garantimos aos participantes que resultados deste estudo, logo após a disponibilização oficial da dissertação de mestrado pela universidade, serão apresentados à comunidade, sob a forma de uma apresentação oral aberta. Salientamos que as informações obtidas por meio das entrevistas não terão nenhum tipo de implicação legal ou trabalhista que possa lhe trazer prejuízo junto à Instituição em que será realizado o estudo.

Prof. Marcelino de Souza
Orientador

Mayara Roberta Martins
Mestranda

De acordo, Santa Rosa de Lima, ____/____/____.

Nome Sujeito Participante (2 vias)

**APÊNDICE E – SÍNTESE TEMÁTICA: ATUAÇÃO E MOTIVAÇÕES PARA O
AGROTURISMO**

Síntese temática/ Entrevista Jovens						
Bloco II: Atuação e Motivações						
JOVENS	O QUE É AGROTURISMO?	INTERESSE	ATUAÇÃO	ORGANIZAÇÃO DO TURISMO NA PROPRIEDADE	REMUNERAÇÃO	MOTIVAÇÕES NO TURISMO
1	Uma oportunidade a mais para as famílias e para os jovens como forma de continuar na propriedade.	Atua no escritório ACOLHIDA. Lida com (visitantes e associados). Propriedade rural não recebe visitantes.	Planejamento das atividades turísticas.	Contato da visitação é intermediado pela acolhida, que faz o agendamento de acordo com a disponibilidade da família.	Recebem por visita (taxa R\$ 3,00 por pessoa) via associação	Cicloturismo
2	Uma alternativa de renda para manter a família no meio rural.	Propriedade da família recebe turistas desde 1998. Oferecem hospedagem e alimentação. Esta jovem atua como guia local.	Atuação principal: acolhida (organização de eventos, reuniões, capacitações, ampliação do roteiro)/ diagnóstico participativo na propriedade: auxílio na cozinha da pousada.	Agendamento direto com as pousadas pelos clientes que já retornam mais de uma vez. Ou através do email da acolhida (site/informações)	Intermediado pela acolhida.	Não soube responder.
3	Uma atividade que gera aprendizado e conhecimento de novos lugares.	Venda de produtos artesanais pelo pai.	Venda direta de produtos artesanais.	Não soube responder.	Pagamento no ato da visitação.	Jovens no CEDEJOR - formação para empreender na propriedade
4	Uma atividade que tem crescido e trazendo retorno.	A iniciativa partiu da mãe. Deixou o emprego de vigia para investir no turismo.	Apresentação da propriedade (produtos orgânicos)/ reuniões da ACOLHIDA.	Contato da visitação é intermediado pela acolhida que depois agenda de acordo com a disponibilidade da família.	Intermediado pela ACOLHIDA.	Cicloturismo
5	Um oportunidade de renda para o local.	Surgiu a partir do CEDEJOR e com a abertura da propriedade ao agroturismo.	É o responsável pelo pastoreio voisin na propriedade/ pecuária leiteira.	Contato da visitação é intermediado pela acolhida que depois agenda de acordo com a disponibilidade da família.	Intermediado pela acolhida.	Não soube responder.
6	Uma oportunidade de valorização dos pontos turísticos de Santa Rosa de Lima.	A partir do CEDEJOR, que direcionou ao artesanato. Quer abrir um salão de beleza. Vende artesanato para a associação/ Sente-se integrada ao grupo.	Venda de artesanato (crochê/tricô/panos de prato pintados).	Não soube responder.	Venda direta do produtos (artesanato).	Jovens no CEDEJOR- formação para empreender na propriedade
7	O turismo é uma atividade que transmite conhecimento e não precisa de muito esforço.	Atribui ao surgimento da acolhida. Sempre conviveu recebendo os grupos de visitantes em sua propriedade.	Atuação: guia local/ destaca a interação com os visitantes como laços de amizade.	Agendamento direto com as pousadas pelos clientes que já retornam mais de uma vez. Ou através do email da acolhida (site/informações)	Pagamento no ato da visitação ou através da acolhida.	Turismo de aventura.
8	O agroturismo ocorreu a partir da agricultura	Atribui à AGRECO. Trabalha em empreendimento junto	Atendimento ao visitante/ produção de	Agendamento direto com as pousadas pelos	Através da venda de produtos e pela taxa de visitação (visitas	Jovens que trabalham na acolhida/e em

	orgânica.	com o irmão com foco na agricultura orgânica.	mel e molho de tomate (agroindústria)/ técnica na AGRECO.	clientes que já retornam mais de uma vez. Ou através do email da acolhida (site/informações)	técnicas agendadas pela acolhida).	seus próprios negócios.
9	O turismo traz melhorias no entanto precisa de mais apoio do poder público, principalmente nas questões de acesso para que beneficie o retorno dos visitantes.	A inserção pelo turismo se deu pela continuidade dos estudos e escolha pela área de turismo, mediante as condições de entrada pelo vestibular.	Mobilizadora dos cursos do senar/ trabalha na agroindústria da família.	Não soube responder.	Atuação indireta - não recebe visitantes na propriedade.	Jovens que trabalham na acolhida/e em seus próprios negócios/ guia local/ retorno de alguns jovens que atualmente atuam no turismo.
10	O turismo auxilia na autonomia das mulheres a partir de uma renda a mais.	A partir do CEDEJOR, já que começou o meio rural e sua importância.	Atendimento ao turista/informações.	Agendamento pelo telefone, site diretamente na propriedade ou pela ACOLHIDA.	Clientes mais antigos agendam diretamente na propriedade ou pela ACOLHIDA.	Não soube responder.
11	O turismo é interessante para a continuidade do jovem no campo.	A família inseriu o jovem na atividade desde a infância.	Ajuda no preparo das refeições.	Agendamento pelo telefone ou site (diretamente na propriedade ou pela acolhida).	Não soube responder.	Agência de turismo.
12	O turismo permite conhecer as pessoas envolvidas com a atividade.	Participação indireta através da coordenação do grupo de dança. Apresentações culturais.	Pecuária leiteira/agricultura de subsistência/ fumlicultura (em processo de redução do plantio).	Agendamento intermediado pelo CEDEJOR (visitas técnicas)	Clientes mais antigos agendam diretamente na propriedade ou pela acolhida	Jovens que auxiliam nas pousadas/retorno para a propriedade com o agroturismo
13	O turismo é uma alternativa de renda e um bom negócio que pode ser sustentável.	Logo após o término do ensino médio. 5 anos de atuação no turismo.	No turismo, acompanha grupos de visitantes pela cidade e entorno.	Contato da visitação é intermediado pela acolhida que faz o agendamento de acordo com a disponibilidade da família	Intermediado pela acolhida (emissão da nota de prestação de serviços pela associação)	Cultivo de abelha nativa
14	O turismo ainda tem mais potencial de ser desenvolvida na região e se tornar uma referência no Brasil.	A partir da produção orgânica com a abertura da propriedade a visitas técnicas.	No turismo, acompanha grupos de visitantes pela cidade e entorno.	Contato da visitação é intermediado pela acolhida, que faz o agendamento de acordo com a disponibilidade da família.	Não recebem visitação direta de produtos agrícolas (frutas/verduras/ovinos)/fornecem produtos para as outras pousadas/fazem a venda também pela CONAB/PAA/PNAE através da AGRECO	Jovem como empreendedor

APÊNDICE F – SÍNTESE TEMÁTICA: HABILIDADES E EXPECTATIVAS

Síntese temática/ Entrevista Jovens				
Bloco III – Habilidades e Expectativas				
	<u>Permanência</u>	<u>Interesse pela agricultura/Habilidades</u>	<u>Expectativas</u>	<u>Escolha profissional que seguiu ou seguirá</u>
1	Qualidade de vida/ CEDEJOR/Projetos na propriedade/Tranquilidade/ Autonomia.	Não tem vontade de trabalhar na agricultura/ Continuidade dos estudos (pedagogia).	Acesso e possibilidade de estudar/Turismo/ Internet no município.	Para fazer um curso na área de turismo.
2	Novas oportunidades/ Foco na sustentabilidade.	Não quer se dedicar integralmente a atividade agrícola/ Trabalhar com o turismo (diversificação).	Polo da Universidade Federal de Santa Catarina/ Acesso (transportes/mobilidade) Oportunidades de emprego. AGROTURISMO: possibilidade de ficar.	Cursos voltados à agricultura familiar/ agricultura/ agroecologia/ agroturismo/ desenvolvimento (especialização).
3	Projetos de artesanato/casamento.	Não soube responder.	Depende da opção de cada jovem.	Curso de fotografia.
4	Identificação com o local/alternativas/pelos pais.	Investir no Agroturismo.	Permanece pela vontade da família.	Aeronáutica/ Capacitação em turismo ou agricultura.
5	Trabalho na localidade.	CEDEJOR/Agroturismo.	Lugar bom de viver. Tranquilidade.	Não pensou no assunto. Por motivo de emprego.
6	Jovens com mais iniciativa/autoestima/ lazer/ CEDEJOR.	Não tem interesse na atividade agrícola (penosidade)/ Quer ser empreendedora.	Defende que tem que se "forçar" o jovem a ficar. Criar oportunidades/ palestras que motivem.	Ter mais capacitações/palestras.
7	Rentabilidade das agroindústrias/ Foco na propriedade.	Quer ser professor/ agricultura orgânica (agroindústria)/turismo.	Incentivo dos pais/ CEDEJOR Desenvolvimento do território através da agricultura.	Fazer faculdade/ curso nas áreas de agroindústria/agroturismo/ piscicultura.
8	Agroturismo/produção orgânica (venda de produtos)/oportunidade de emprego para aqueles com formação (ensino superior ou técnico).	Pretende exercer a agricultura.	Os jovens devem ter fonte de renda. Os pais deveriam permitir a sucessão dentro da propriedade. De administrar uma parte da propriedade ou atividade. Eles acabam saindo pela busca por uma independência. Valoriza a sua atuação na associação como parte integrante e interessada.	Já concluiu um curso universitário.
9	Alto custo de vida das cidades grandes/insegurança/ buscar por profissões com aplicação no município/facilidades de acesso/ autonomia/turismo/	Não soube responder.	Paisagem/ tranquilidade.	Área pedagógica para trabalhar com turismo pedagógico/ se houvesse uma licenciatura em turismo (turismo deveria ser aplicado como uma disciplina nas escolas da rede municipal).

	empreendedorismo.			
10	Projetos da acolhida/ autoestima e identificação com o local.	Foco na administração do empreendimento (padaria).	Jovens mais dinâmicos buscaram alternativas (sair, terminar os estudos ou CEDEJOR). Mas muitos dependem do pai até casar.	Foco na área de preparação de alimentos (panificadora).
11	Projetos de turismo/ sair somente para viajar.	Deseja seguir na agricultura.	Valorização da profissão de agricultor/ proximidade/ comunicação (internet).	Foco profissional voltado à gestão da propriedade/continuidade do cultivo de mel orgânico e do agroturismo.
12	Nunca pensou em sair/motivo casamento.	Queria ser agricultor, mas algumas circunstâncias mudaram o foco (participação no CEDEJOR/CRESOL).	Acesso (meios de comunicação: internet, celular), educação, mobilidade de transporte. Reconhecimento como capital da agroecologia/ turismo.	Não tem um foco profissional determinado, mas quer algum voltado às ações na localidade.
13	Trabalho na localidade	Tem interesse de trabalhar/foco agricultura sustentável/ aliado com o turismo Turismo de aventura	Acesso (internet, telefone, lazer). Condições de estudar sem sair do município (transporte gratuito ofertado pelo município). Motivo central: os jovens não saem porque não têm condições de sair. Alto custo de vida nas cidades maiores. Condições no rural para obtenção de carro/moto e o crédito é facilitado.	Gostaria de ter feito o curso de medicina veterinária
14	Dependência financeira	Ideia da agência de turismo na propriedade/ conciliar com agricultura com a agronomia	Pouco lazer	Agronomia

APÊNDICE G – SÍNTESE TEMÁTICA: OBJETIVOS DE VIDA E PROJEÇÕES

	OBJETIVOS DE VIDA	PROJEÇÕES
1	Desenvolver atividade (agrícola) na propriedade. Conciliar a formação em pedagogia com o turismo. Realizar um mestrado na área de educação de crianças de Santa Rosa de Lima. Educação no campo	Expansão da associação/Envolvimento com escolas e mais entidades/Municípios. Reconhecimento da experiência dos jovens da acolhida. Maior envolvimento dos jovens/ Projetos liderados por eles/Maior reconhecimento da experiência e aproximação com universidades/Intercâmbio e trocas mútuas entre os jovens
2	Trabalhar na área de formação em agronomia. Ter uma propriedade com produção orgânica (renda). Continuar a estudar através de um mestrado na área de agroecologia. Casar e ter filhos futuramente.	Projeção: Aumento da demanda pelo agroturismo (mais visitantes)/Aumento da oferta de meios de hospedagem com a entrada de mais agricultores associados/atrativos de lazer e entretenimento para ampliar os dias de visitação. Potencialidade: Ecoturismo/Cicloturismo/Turismo pedagógico
3	Construir uma casa/Projeto/Formatura/Família	Conhecer mais as pousada e mais práticas artesanais
4	Ter um parque aquático (Referência ao balneário do município)	Projeção: Maior divulgação do local/Mais atrativos (Trilhas, Cicloturismo/Arvorismo)
5	Melhorar a produção leiteira/Pastagem/Genética do plantel.	Melhoria da pecuária leiteira da propriedade
6	Sonho: Formar-se e ter um diploma/ Dar condições de vida melhor para os pais/ Ter o próprio negócio	Melhoria na divulgação/Mais atrativos turísticos/ Futuro da localidade: Completamente interligado com o turismo.
7	Ser professor (principal)/ Conciliar com o agroturismo e agricultura orgânica	Melhorias na divulgação regional
8	Pretende se dedicar ao negócio da família (agroindústria)/agroturismo	Através das parcerias entre as instituições aumenta a capacidade de profissionalização do turismo
9	Fazer investimentos na propriedade/ Atrativos de lazer e hospedagem	Crítica à dependência de algumas ações com relação à ACOLHIDA/ Espera que a associação mude seu papel e passe a dar mais incentivos à autonomia dos agricultores. Melhorias das iniciativas, afastamento da total dependência e acúmulo de funções que a acolhida exerce. O Cicloturismo/Turismo de Aventura/Arvorismo tem potencial para agregar a diversificação das atividades, mas é necessário privar pela segurança. Investimentos em opções de lazer/facilidades para o visitante (plantão da farmácia/caixa 24 horas)
10	Planos voltados para próprio negócio/Produzir para a linha de orgânicos da AGRECO e alimentação escolar/ Ponto de informação turística na padaria/ Viajar	Aumento da qualidade de serviços/ Terminar de construir a nova sede do estabelecimento comercial/ Aumento da demanda/ opções de lazer e de atrativos/ Melhoria do artesanato ofertado/ Pessoas qualificadas para ajudar nas propriedades (mão de obra)/ Aumento da participação dos jovens/Investimentos
11	Morar na propriedade e estudar para o vestibular/Ter o próprio negócio/ Continuar na propriedade/Formar uma família/Viajar e/ou fazer um intercâmbio na França	A localidade vai crescer/Aumento da renda/ Confiança entre os associados

12	<p>Trabalhar no setor público/Morar na propriedade rural/almejar obter mais envolvimento com questões políticas/Fazer intercâmbios (viajar)/Produzir açaí para fornecer para as pousadas/Aprimoramentos para aplicar no grupo de dança</p>	<p>O trabalho das instituições ampliam o reconhecimento da cidade/Autoestima com estímulos como a internet e acessos (transportes)/ Qualidade de vida/Pequenos empreendimentos rurais</p>
13	<p>Quer abrir uma empresa de topografia/ Turismo de aventura/Morar em Santa Rosa de Lima</p>	<p>Aumento da diversificação da propriedade (atividades agrícolas)/turismo/ Melhorias de infraestrutura de hospedagem/ Ampliação das possibilidades de realização de cursos/ Construção da casa própria/ Melhorias do sinal de telefone para melhorar a comunicação</p>
14	<p>Abrir a agência de turismo/ Propriedade estruturada com chalés/Alimentação/ Que a propriedade consiga ser um destaque</p>	<p>O turismo vai melhorar muito através dos projetos via SC-rural (foi um alto investimento) num município tão pequeno como é Santa Rosa de Lima. O lazer, na atividade turística, será ampliado. Além de outras modalidades como: arvorismo e rapel (turismo de aventura)</p>